Vera Veritas I

Doce Wádia, minha dócil e amada namorada.

Venho por este meio escrever-te, apenas para dizer-te que te amo imensamente. Amo-te tal como Romeu ama Julieta, tal como Napoleão amava Josefina, ou como Marco António amava Cleópatra. Amo-te tal como Sansão amava Dalila, ou como Dido amava Eneias. És uma mulher exuberante, bela, voluptuosa, cândida, calma, pacata, sensata e cordata. Lembro-me de todos os momentos que passamos juntos e recordo-os com uma enorme ternura e carinho. Esta é uma sublime carta de amor que te endereço, pelos momentos maravilhosos e luxuriantes que me tens proporcionado. Por vezes não sei como definir os teus traços faciais. Tens uns lábios carnudos e voluptuosos de Africana, tens uns olhos enormes de traços altaicos, tens um belo nariz de Eslava, tens uns cabelos negros lisos de Latina e tens um corpo escultural de invejar qualquer mulher que se preze ou que tenha alguma auto-estima. Adoro-te, amo-te, és esbelta e elegante, formosa e delicada. Tens um corpo luxuriante e viçoso. Recordo sempre os momentos idílicos que passo contigo como uma doce e sensual recordação. Quero amar-te para sempre. Tens sido uma companheira agradável, aprazível, sensual e por vezes libidinosa, e tal, é algo que me apraz bastante. Cara e doce Wádia, tens todas as características que um homem requer numa mulher, que um homem carece por parte de uma mulher. Tens imensas qualidades psicológicas, como já enumerei oralmente várias vezes, e tens imensas qualidades físicas pois és bastante atraente fisicamente. Amo-te, doce Wádia. Escrevo esta carta de

(1)

À Nádia, família e amigos

Deus absorve o infinito e emana o equilíbrio divino da bondade

Conteúdos poéticos e filosóficos

O Alfarrabista

Tuesday, May 18, 2010



Fico deveras perplexo quando observo um alfarrabista. Alfarrabista deriva provavelmente de Alfama, bairro vizinho da Madragoa e da Mouraria. A Mouraria que acolhia os mouros antes e depois da reconquista de Lisboa por parte de Afonso Henriques no ano do Senhor de 1147, tornou-se no bairro do fado e do descontentamento lusitano. Os gritos aflitos das canções dos moçárabes conquistados terá dado origem ao fado triste e melancólico. Os mouros foram subjugados e tendo de viver a sua vida religiosa no sigilo e na obscuridade. Os seus ensinamentos sufistas ancestrais não desvaneceram perante a nova ordem Cristã, está equívocado quem assim o pense, por seu lado os mesmos ensinamentos dos crescentes meridionais venerados pela península arábica, tornaram-se latentes e intensamente subtis. Surgiu assim uma nova geração de ordens secretas que encontrava em Roma o grande inimigo, encontrava no santo cristianismo o arqui-inimigo despótico sanguinário que os haviam destronado em Lisboa em 1147. Foram estas mesmas ordens secretas, fruto do secretismo dos ensinamentos dos mouros reconquistados que deu
origem à maçonaria irregular moderna, tão profusa e poderosa nos países mediterrânicos da Europa, os mesmos que foram ocupados pelo mudo Islâmico em meados do século sétimo.

O alfarrabista representa isso mesmo, a cultura do saber sufista, que é transmitida quase clandestinamente e de forma obscura, para que as poderosas ordens regentes não se apercebam deste oculto saber. O termo alfarrabista tem o prefixo que representa o artigo definido na lingua Árabe. Talvez o termo advenha desta mesma lingua...

_____
Posted by João Pimentel Ferreira at 02:48PM (+01:00)

Aos 25 anos do 25 de Abril de 1974

Monday, May 17, 2010

Os 25 anos do 25 de Abril de 1974 foram no dia 25 de Abril de 1999. Nessa mesma data inaugurou-se este esplêndido monumento que consagra a liberdade do povo lusitano. Este monumento colorido de verde e vermelho das cores dos V, que se assemelha à construção humana, que homenageia a edificação lisbonesa, que se intitula merecedora de créditos diversos e que dignifica os construtores de Lisboa. É caricato, pois não é por certo habitual observarmos monumentos similares a este por terras lusitanas. Habituámo-nos a monumentos padronizados de homens a cavalo ou com as mãos erguidas relembrando os latentes falos. Este monumento remonta o observador para aquela liberdade artística moderna e contemporânea que vemos por paragens





germânicas e hiper-bóreas, no entanto com a coloração da bandeira da Republica Lusitana. O Estado Novo, que no entanto já não era novo em 1974, era o mais decrépito dos estados ocidentais dadas as mudanças que se observavam no mundo moderno, pereceu no dia 25 de Abril de 1974 com a Revolução dos cravos, esses subtis falos aflorados vermelhos. A revolução foi vermelha não pelos ideários comunistas, mas sim pelos cravos que harmoniosamente se enfiavam nos canos das armas dos militares. Ai, que erógena que a revolução se tornou. Este acto simbólico remonta-nos para a pacificidade da revolução de Abril pois tornou a própria revolução armada numa revolução aflorada, com cravos vermelhos, mas com a funesta CIA e injectar milhões de dólares no PS através do embaixador americano sediado em Lisboa de nome Carlucci. Ora Carlucci quase que deturpava as géneses de Abril, do número quatro indo-europeu, pois Abril é o quarto mês do ano.

Mas o povo Português falou mais alto, e não definhou perante os montantes astronómicos com que a CIA financiava os Soares e o PS, contra as supostas ameaças vermelhas. Pois a única coisa que a revolução teve de vermelho foram os cravos nos falos bélicos dos soldados.

Em cada revolução há uma data. E em cada data há um significado numerológico. Pois se datamos, fazemo-lo no dia do mês do ano do Senhor. A nossa revolução vermelha foi a 25/4/1974. O quatro de Abril é o mais perfeito número ariano e indo-europeu. São quatro as pontas da cruz cristã e da cruz gamada. São quatro os cavalos que se dirigem para leste nas portas de Brademburgo em Berlim. São quatro as enormes bandeiras alemãs em torno do parlamento alemão. Eram quatro as letras da cruz do Messias “INRI”. Eram quatro as letras dos estandartes dos batalhões dos legionários romanos “SPQR”. O quatro enquanto número caucasiano e indo-europeu remonta-nos para 1974 e para Portugal relembrando-nos Abril, o quarto mês. É no quarto que dormimos e que nos imiscuímos com os amantes em actos libidinosos ou simplesmente naturalmente proletários e criadores de novas gerações. O número vinte e cinco remonta-nos para um facto interessante. 25=5x5. Vinte e cinco retorna o número sete, pois 2+5=7. Sete é o último número primo antes da dezena, ou seja é o último número primo que se escreve apenas com um único algarismo, representando assim a iniciação. Por seu lado o número 25 é 5 ao quadrado. Se factorizarmos o 25 em factores primos ficamos apenas com 5x5. Se acharmos os divisores de 25 encontramos apenas uma série geométrica de razão cinco, ou seja 1,5,25. Isto para tentar demonstrar que o número 25 tem características místicas, iniciáticas, ocultas. De referir ainda que o dia 25 de Abril remete-nos para o signo, ou seja para o significado Touro, que é um signo forte, racional, austero, másculo, viril e activo; que em sintonia com a feminilidade do número quatro do último digito do ano e do quarto mês, conjugado com o vermelho apaixonante dos cravos, oferece-nos uma revolução libertária perfeita no presente quadro político internacional, e na ascese mística e ocultista. Uma revolução transversal nos géneros metafísicos e simbiótica nas

dicotomias divinas que distinguem o macho da fêmea, o anjo da besta, o homem da mulher.

Nos 25 anos do 25 de Abril de 1974, em 1999, data numerológica final das efemérides seculares do Homem, ergueu-se esta sublime, estonteante, majestosa, esplêndida, recta mas disforme e colorida, obra de arte moderna.
Vivam os 25 anos do 25 de Abril. Viva a Liberdade!

—
Posted by João Pimentel Ferreira at 07:23PM (+01:00)

A pata direita do cavalo de D. José

Monday, May 17, 2010



Qual é a pata direita do cavalo de D. José? É a esquerda!
As simbologias entre a esquerda e a direita sempre dominaram o mundo e os seus ideários. A esquerda feminina e a direita austera e masculina. É um direito ser-se de direita, escrever com a direita e estudar direito. Porque o direito é másculo, é viril, é racional, grave e austero. O direito é forte, já o esquerdo é sinistro e fraco.
O esquerdino é fraco e torpe, sensível e criativo, submisso e passivo. A esquerda é sinistra porque é mulher! A esquerda é vermelha porque é apaixonante e entesante!
Qual então a pata direita do cavalo de D. José? É a esquerda!
É porque no regente nobre lusitano até a esquerda é direita, até o imperfeito é perfeito, a sua feminilidade é racional e austera, possui uma sinistridade de direito.
É o Messias que o Marquês protegeu, foi o novo Sebastianismo que olha de fronte para o mar azulado do Tejo que nos liga e ligou ao mundo.

—
Posted by João Pimentel Ferreira at 02:17PM (+01:00)

Adoro-te Nádia

Sunday, May 16, 2010

Não me perguntes porquê, desconheço as raizes de tais ideossincrasias que me definem enquanto homem, ignoro as géneses de tais sentimentos apaixonantes e erógenos. Apenas sei-o, apenas sinto-o, que não se engane a metafísica nem sequer ludibrie o divino. Apenas nutro-o Nádia. Remonto aos primordiais sentimentos afectivos e digo-o solenemente adorada Nádia, grito-o veementemente para que todos o oiçam prezada Nádia, vocifero-o ardentemente e reitero amada Nádia o pleonasmo amoroso: Amo-te
Posted by João Pimentel Ferreira at 08:25PM (+01:00)

A Verdade sobre a SIDA

Friday, May 14, 2010



A SIDA, termo utilizado em Portugal, sendo que os nossos irmãos brasileiros referem AIDS como na língua Inglesa, é um vírus letal que se imiscua no código genético do doente não havendo no presente momento vacinação. Propaga-se essencialmente através da via sexual, ou seja através da troca de fluídos, como sangue, ou secreções genitais. Apareceu nos anos oitenta na comunidade homossexual americana e propagou-se pelo mundo.
Como apareceu na realidade a SIDA e porquê?
A SIDA é na realidade um vírus criado em laboratório pelas sociedades secretas americanas com o intuito de controlo social e populacional do mundo.
Controlo social pois estava-se a chegar ao apogeu da libertinagem, em que os jovens incorriam em actos libertinos de drogas e sexo, em festins libertinos e desregrados. Os jovens praticavam sexo sem protecção e não procuravam levar uma vida regrada. Estes mesmos jovens eram na realidade os mais reaccionários, os mais rebeldes que lutavam contra a guerra e evocavam muitos deles a anarquia. Ora a SIDA veio apaziguar os ânimos libidinosos destes jovens, sendo que se o caro leitor denotar, as gerações seguintes tornaram-se mais conservadoras no que concerne à sua vida sexual, e tal deve-se muito ao medo pela SIDA.
A SIDA, sendo os Estados Unidos a maior e mais poderosa nação do mundo, os seus próprios dirigentes também se devem auto-intitular divindades irascíveis e inimputáveis, sendo que o império tem que zelar pelo controlo populacional do planeta. Ora, havia que fazer controlo populacional em África e na Ásia, onde não existem como prática corrente quaisquer métodos contraceptivos. Não interessava observar no planeta uma África e uma Ásia ainda mais sobrepopulacionada do que já é no presente momento. Ora a SIDA veio na realidade fazer controlo populacional em África e na Ásia. Se pensarmos que uma mulher Queniana tem talvez em média entre quatro a cinco filhos, e que a esperança média de vida no Quénia é de cerca de cinquenta anos, vemos que na realidade a SIDA veio fazer controlo populacional nos continentes onde existe uma maior média de nascimentos, mas que estatisticamente observamos que vivem menos tempo. Tal não se deve somente às condições de saúde em geral, deve-se muito principalmente à SIDA. Ora os Americanos acharam por bem que tinham o dever enquanto nação dirigente e regente do mundo, que fazer esse controlo populacional, e para tal utilizaram a SIDA.
Mais questões sobre a SIDA. Para os Americanos que se intitulam o pilar da moralidade e da ética intocáveis, que apesar de também se acharem o epicentro dos ímpetos libertários do planeta, não poderiam tolerar a abundante homossexualidade pérfida e promiscua que se vivia na sociedade americana. Então, os dirigentes das sociedades secretas americanas acharam por bem, que cabia a si, elaborar um método eficaz que rechaçasse fortemente estas acções imorais homossexuais promiscuas. Sabe-se que por natureza, e estatisticamente, um homossexual é bem mais promiscuo que um heterossexual. Ora não intentava atacar a homossexualidade, porque eles até são bastante venerados pelas paragens americanas, intentava atacar severamente a promiscuidade. A promiscuidade é contrária à rectitude moral e sempre assim se

doutrinou em todas as sociedades porque simplesmente o homem promiscuo que se entrega exclusivamente aos prazeres da carne tende a ser pouco produtivo. Preocupa-se mais com as frivolidades e com as questões exotéricas relacionadas com os instintos, e como não tem os seus instintos suprimidos não trabalha e não produz em prole do todo que é a sociedade. É por esta mesma razão que sempre ao longo das histórias universais se abominou a promiscuidade e em particular a homossexualidade. Reparemos que a poligamia em cartas culturas é aceite, já a homossexualidade em todas as culturas ancestrais sempre foi abominada. Porque é contrária à natural fecundidade e a não fecundidade não é produtiva nem criativa. Assim, os seres promíscuos e imorais tendem a ser pouco produtivos e trabalhadores pois o que mais lhes interessa são as frivolidades da carne e do vício, que os pode até tornar em indigentes. A SIDA veio então atacar fortemente a imoralidade associada à promiscuidade, e os americanos que se intitulam regedores da manutenção da moralidade universal acharam por bem elaborar a SIDA. A SIDA atacou então fortemente a promiscuidade sexual das sociedades ocidentais, não só entre os homossexuais, mas também entre os heterossexuais.

Depois existem ainda questões sobre ocultismo e de numerologia associadas à SIDA, reparemos que SIDA na língua Inglesa diz-se AIDS, que na realidade é outra forma de grafar a palavra AID que significa ajuda. Na realidade é AID+S sendo que o S é a letra da serpente e da luxúria feminina. Então na realidade a SIDA é a ajuda que a luxúria pode proporcionar. A luxúria pode na realidade proporcionar uma ajuda funesta, malévola e mortífera, ainda mais sendo que esta foi fabricada laboratorialmente pelos centros de inteligência americanos.

Lembremo-nos ainda que a SIDA dá milhões anualmente às industrias farmacêuticas que lucram com os pacientes do mundo ocidental, sendo que os desgraçados de África e Ásia morrem sem quaisquer possibilidades de adquirirem medicamentos eficazes, pois estes são bastante dispendiosos.

A SIDA é a praga do mundo moderno, e só pode ter sido criada directamente pelo Satã, por Lúcifer, pelo Demónio, ou diria simplesmente pelos terrenos Estado-unidenses.

Estima-se que mais de 15 000 pessoas sejam infectadas por dia em todo o mundo (dados de 1999); 33 milhões estão atualmente infectadas, e 3 milhões morrem a cada ano.

Posted by João Pimentel Ferreira at 04:40PM (+01:00)

A decadência do Império

Friday, May 14, 2010



Roma foi a capital do meu império
Roma é algo que não esqueci
Roma faz parte do pretérito
Roma escolheu o caminho que não escolhi

Roma ao contrário é Amor
Roma faz parte do passado
Roma deu-me prazer, dá-me dor
Roma deixou-me o espírito fustigado

Sem Roma instalou-se-me o caos no mundo
Sem Roma o império desmoronou-se
Sem Roma o civilizado foi ao fundo

Sem Roma o Bárbaro elevou-se

E eu sublimo Roma, porque a amei
E eu escrevo Roma, porque eu sei
Que se a escrever fico calmo
E não procuro nenhum alvo
Para largar a minha fúria
Por ter sofrido tal injúria

E o meu Nero incendeia Roma no tempo
Para que se perca nos horizontes da memória
Mas a mágoa não se apaga com o vento.
Nova Era vem, Roma passa à história

Dirijo-me aos caminhos do contemporâneo
De Roma, resta-me o desejo momentâneo
Mas prossigo, vivo o dia de cada vez
Elevo o falo, a virilidade e o três
Coloco os chifres, e elevo a altivez
Penetro em rias, abro o canal do Suez

Prossigo, sigo e caminho
Adoro a vida, é este o meu hino
Se esta me despreza
Sou eu quem a eleva

É que de Roma, restam ruínas
Preceitos antigos, Deusas femininas
Vénus e Baco, bacanais fecundos
E se Roma conquistou os mundos

Apenas restam parcos escritos
Pilares, templos e mitos
A Cristandade sucedeu
quando Roma pereceu

E se a Eslava, proveniente do Oriente
me ornamentou com os chifres
hirtos, longos e fixes
apenas pronunciou, o império decadente

Eu prossigo, mantenho a vida e a altivez

Porque a vida é só Uma
E a História é una

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:21PM (+01:00)

Delírios tribais femininos

Friday, April 16, 2010

Pergunto a Annborg, mulher Sueca mas não seca, que mal a vejo, pois a burca tapa-lhe completamente o rosto, é uma daquelas burcas com uma rede na zona dos olhos que impossibilita completamente a visão da face da mulher. Pergunto a essa mulher que nem sequer consigo ver os olhos, só sei que é Sueca e se chama Annborg, tento perguntar-lhe, tento abordar-lhe para que fale comigo. Ela está completamente coberta com a vestimenta negra, na zona da face nem sequer um lenço, está completamente tapada e para que ela consiga ver, tem uma rede extremamente densa na zona dos olhos, com uns filamentos extremamente densos, tais que nem os olhos consigo ver. Apenas sei que se chama Annborg e é Sueca da nascença, nascida nas famílias mais aristocratas e liberais da Suécia, e vem de Estocolmo tendo estudado apenas para saber ler a bíblia dos luteranos Suecos. Também sei que o companheiro marital a privou dos sentidos erógenos, com um cinto de castidade na zona das ancas e cintura. Sei-o porque me foi dito. Sei também porque me foi dito através de fonte segura que é de cabelos louros e tem uns divinos olhos azuis. No entanto não me é permitido contemplá-los.
Pergunto-lhe em Sueco fluente: - Annborg, não sofres assim? Ela nada me responde porque não está autorizada a falar com estranhos.

Viajo no espaço e no tempo pelas rotas infindáveis do além e do presente

Encontro-me com Afshan, mulher proveniente da República Islâmica do Afeganistão, esbelta e voluptuosa, libidinosa, escaldante que exacerba e arrebata os sentidos mais primários. É faladora, é verborreica, conta-me sobre toda a sua vida e até sobre as suas vastas experiências sexuais. Veste uma mini-saia curta que me deixa louco e deixa-me o sangue escaldante a correr e a querer jorrar por todos os poros. Depois despe-se à minha frente. Estudou na faculdade de Cabul, no Afeganistão, Engenharia Mecânica, e no presente momento dirige uma vasta equipa de executivos e de Engenheiros numa empresa tecnológica afegã. Passeamos os dois numa das colinas das vastas cordilheiras afegãs, os dois nus, fazendo nudismo, enquanto ela fala comigo. Ela diz ocasionalmente que já chegou a fazer o percurso entre Cabul e Jalalabad a pé, nua e que fica maravilhada que alguns homens estrangeiros olham para ela com delírio erótico, no entanto diz que os locais já se habituaram. Falo com ela em Pastó fluente enquanto caminhamos nus nas montanhas Afegãs. Afshan diz-me também que por vezes inala o ópio proveniente das plantações Afegãs e que já chegou mesmo enquanto extremamente ébria a ter vários companheiros em simultâneo enquanto tudo era gravado em vídeo para visualização posterior. Ela diz que adora tais atitudes no entanto considera-se muito conservadora, pois a tradição tribal afegã assim o exige. Denota-se que Afshan é Afegã, pois os seus traços faciais são claramente provenientes desta região, é de tonalidade escura toda a sua pele, persa ou semita, e sei-o pois vejo-a completamente nua, denota-se que é de proveniência Afegã. Depois de uma conversa amena, amigável e confraternizante, fazemos amor nas belas montanhas do Afeganistão. Afshan é relamente bela!

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:27PM (+01:00)

O Anglicano, fala na casa da Portuguesa

Thursday, April 15, 2010

Zeinal Bava, presidente da PORTUGAL Telecom, empresa que tem o nome do país cuja ínclita geração reinou e dignificou, e tanto se dedicou para manter a sua língua, Zeinal Bava, nascido nas ex-colónias do Império Lusitano, Lourenço Marques, tendo estudado no entanto na nação com a qual o nosso império selou uma das alianças mais ancestrais da história universal, Inglaterra; Zeinal Bava, muçulmano, no entanto que se envolveu maritalmente com uma católica fervorosa, este diz categoricamente que a PORTUGAL Telecom, ao contrário dos seus concorrentes directos, preza muito a língua Portuguesa.

De realçar no entanto, que o caro Presidente da Comissão Executiva da PORTUGAL Telecom, não poderia deixar de ser mais um desses, passo o pleonasmo, executivos, que ostentam e sentem orgulho em utilizar tantos anglicismos dada a sua vivência no mundo financeiro. Como se na língua Portuguesa não houvessem termos similares para designar os conceitos relacionados com a finança. Muito antes de o império do novo mundo propagar as suas doutrinas capitalistas pelo planeta, com termos anglófonos que julgam deter o monopólio dos respectivos conceitos abstractos; já os novos cristãos portugueses emprestavam dinheiro a juros, praticando a funesta usura, contra todas as doutrinas eclesiásticas.

Mas como Zeinal Bava é viajado, e por certo utiliza nas suas viagens a língua dos mações que descendem do tio Samuel, vem para uma comissão parlamentar lusitana, doutrinar sobre aquilo em que foi leccionado no estrangeiro. Por certo, e tal não me admiraria, Zeinal Bava é mação, se assim não fosse não teria chegado onde chegou, mesmo que detivesse muito mérito e competências técnicas.

Mas fico perplexo com tamanha invasão anglófona do espaço Europeu. Vejamos que os Ingleses, que deram origem a essa língua mais fraca do que franca, são os que mais desprezam os preceitos da União Europeia e do velho continente. O elo que os une ao outro lado do Atlântico é bem mais forte que ao elo que os une através do canal da mancha ao território continental Europeu. Rejeitaram a moeda Europeia, continuam a conduzir à esquerda, continuam a manter de uma forma quase autista um sistema de medidas decrépito, devido tão somente às antigas querelas com os franceses napoleónicos, não ratificam tratados europeus de livre circulação de pessoas e bens, invadem países que mal conhecem apenas para fazer companhia aos seus compatriotas mações; e no entanto é a sua língua que é a mais utilizada no espaço europeu para comunicações inter-cultural.

Zeinal Bava, numa comissão parlamentar lusitana, utiliza largamente os termos anglófonos para se exprimir. Presume por certo que está numa das suas conversas informais com os seus subordinados aduladores. Que falta de respeito com uma das instituições mais valorosas do estado Democrático Republicano!

Eu nunca percebi porque é que não é honroso um diplomata falar Espanhol em Espanha, mas já é dignificante falar Inglês em Portugal. Eu rogo-vos: Expliquem-me!

O Presidente da PORTUGAL Telecom, na casa mãe da Portuguesa, fala Inglês.

Is this the president of the Portuguese Telecom?

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:21PM (+01:00)

Carta de um crente a um Cristão

Monday, March 22, 2010



Prezado João Carlos Azevedo

Antes de mais queria agradecer-lhe bastante pelo seu contacto que se enquadrou na mensagem-e que me endereçou. Fez-me reflectir bastante sobre os princípios religiosos, transcendentais e metafísicos pelos quais me rejo e condiciono a minha vida.

Não se constranja em tratar-me por tu, pois não vejo qualquer impedimento retórico ou social em tais informalismos verbais.

Agradeço-lhe bastante também por ter dedicado algum tempo na leitura das minhas obras na língua portuguesa, pois encontrar alguém que o faça nos dias de hoje é, diria, quase raro, pois como presume, os jovens contemporâneos perdem-se muitas vezes nas frivolidades líricas da cultura e música de cariz anglo-saxónico.

Tento eu assim, prezar a língua camoniana, grafando nos papiros cibernéticos e convencionais alguma obra que creio, ter alguma qualidade literária.

Li na referência que me enviou o seu percurso individual a nível académico e pessoal e pareceu-me deveras um percurso interessante. Começou por ter uma educação católica romana, estudou Teologia, frequentou um seminário e posteriormente, questionou-se sobre todos os alicerces e edifícios teoricamente sagrados da Igreja católica romana, tendo aderido ao centro cristão vida abundante.

Se me permite, gostaria de tecer uma pequena missiva sobre a minha entidade enquanto ser humano racional e apaixonado pelas vicissitudes transcendentais e prosaicas.

Considero-me uma pessoa devota aos princípios em que acredito. Sou crente em Deus, e na Sua trilogia metafísica, omnipresença, omnisciência, e omnipotência, e acredito piamente nestes princípios. Acredito que o ser humano é uma mescla de sensações primárias que nos definem como animal e pensamentos puros abstractos que nos concedem a razão. É neste equilíbrio que encontramos a verdadeira alma humana, é esta ambivalência que nos define enquanto humanos.

A religiosidade sempre fez parte das histórias dos homens, desde tempos primordiais. A sensação faz-nos procurar Deus e um Messias, mas cabe à razão tecer tais argumentos filosóficos para os alcançar.

Procuro eu então encontrar-me neste equilíbrio de forças, os sentidos e os pensamentos. Acredito que um Deus todo o poderoso e bondoso na sua sacra e misteriosa doutrina reitera constantemente o equilíbrio universal, relegando para patamares desprezíveis os praticantes do mal, os déspotas e os maquiavélicos.

Apesar de não pertencer a nenhuma religião, sou baptizado, no entanto raramente vou às missas. No entanto confesso-lhe que em todos os templos, cristãos, muçulmanos, ou quem sabe judaicos, encontro um silêncio reconfortante, pois abstraio-me das vicissitudes impeditivas a uma vida casta e sagrada.

E apesar de ser um laico, não sou ateu. Procuro sempre reger-me por princípios de bondade, altruísmo e filantropia, procuro ser caridoso com o próximo, renegar os malefícios do capital e da moeda, tento não ser rancoroso com o outro, tento não procurar ser vingativo, procuro ser um bom companheiro para a minha namorada, ser um bom filho para os meus pais, cumprir com os meus deveres sociais e fiscais, enquanto cidadão, tento sempre reger-me por princípios de dignidade humana. No entanto confesso que, por ter sofrido diversas influências maléficas que muitas vezes fortemente me rodeiam, já me deixei envolver mesmo que efemeramente, pelos tentáculos do Satã. No entanto mesmo nessas situações, procurei sempre a redenção, praticando sobrepostamente a caridade e a solidariedade com o próximo, como acto sincero de redenção pelo arrependimento.

No entanto tenho um móbil, confesso-o caro João Azevedo. Todo o individuo para se sentir útil na sua vida pragmática e espiritual, necessita de ter objectivos na vida, seja seguir o caminho de Jesus e de Deus, seja amealhar fortunas, seja ter filhos e família, seja construir um império, seja ser feliz com as suas posses. Eu encontrei o meu, devo-o dizer.

E como poderá ler atentamente no meu blogue introspectivo, encontrei no império americano a grande maldade, o grande mal, que se rege apenas por princípios maquiavélicos despóticos, atrozes, primários, brutais, ateus, onde as mulheres abortam sem quaisquer constrangimentos, onde por mera folia tecnológica se lançam bombas atómicas sobre os oponentes, onde se orquestram secretamente doenças virais altamente contagiosas que ceifam milhares de vidas em todo o mundo essencialmente crianças e indigentes, onde se desenvolveu e proliferou o tabaco que mata metade da população portuguesa a nível mundial por ano, onde os homossexuais se exibem alegremente e se envolvem em actos perversos de sodomia, e são somente o maior império a nível mundial porque têm a maior e mais poderosa máquina bélica de todos os tempos. Proliferaram o motor de combustão interna, poluem o mundo a nível mundial e não ratificam os tratados mundiais e ambientais. Propagam o terror e as atrocidades.

No entanto, não se assuste, não sou nem nunca fui radical islâmico. Rejeito fortemente todos esses princípios bárbaros de propagar os ideários através do sangue do inimigo.

Identifico-me com Jesus de Nazaré. Se te baterem numa face, oferece a outra. No entanto, não deixarei de procurar sustentar os princípios do bem e da bondade contra as atrocidades maquiavélicas proveniente do novo mundo.

Baseio-me na pessoa da Gandi, que proliferou e transmitiu a palavra através da bondade, da paz, da humildade, da pobreza no que concerne à indumentária e ao modo de vida, não obviamente à espiritual, pois essa é creio eu, riquíssima. Gandi é uma referência para mim, um homem que manteve os seus objectivos e nunca fez uso da força nem da brutalidade para os alcançar.

E baseio-me também muito na vida de Jesus da Nazaré, que purificou a alma aos descrentes e converteu os gentios, convencendo-os através dos seus actos a receberem

na paz os desígnios do Senhor. Concordo em grande parte convosco quando criticam os edifícios teoricamente sagrados da Igreja Romana, sabendo eu que a igreja de Roma sempre procurou também através dos séculos a hegemonia através do sangue dos infiéis, através das cruzadas, das chacinas dos outros povos não cristãos e das inquisições persecutórias àqueles que não professavam a sua doutrina.

No entanto relembro-lhe caro João Azevedo, que uma das correntes do protestantismo, o anglicanismo, ganhou soberania apenas porque um rei Inglês, depois de ter mandado assassinar algumas das suas mulheres, quis casar pela enésima vez; o Papa recusou-se, tendo os assessores eclesiásticos ingleses, sequiosos de soberania religiosa, incentivado o rei a formar a sua própria Igreja.

Procuro eu assim através da palavra, através da escrita no papiro divino cibernético, através da grafia no manuscrito convencional, através da paz, da salubridade espiritual, cultivar-me e difundir a minha mensagem de paz e caridade, no entanto procuro combater o império maléfico, sempre através da Palavra, escrita e oral.

Sou um homem dotado de sensações e abstracções racionais, é este equilíbrio que me define enquanto ser humano. Tento, como já ouvi ou li algures, cumprir criteriosamente as leis de Deus e dos Homens. O império maléfico tenta apenas cumprir os seus preceitos baseando-se na brutalidade e genocídio atrozes dos outros seres humanos, criaturas divinas, apenas procurando com isso saciar a sua sede de poder absoluto.

No entanto cabe-me reafirmar que procurarei sempre atingir os meus objectivos através da palavra Escrita e da Oração. Deus ajudar-me-á.

Nunca fui um leitor assíduo da Bíblia, embora já o tivesse feito, e creio que existe uma passagem que me marcou, que referia que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um homem rico entrar no paraíso. Como tal procuro renegar os malefícios semíticos do capital e todas as suas representações como as indumentárias de cariz executivo em que os indivíduos se aprumam numa arrogância atroz sobre os demais. Como tal tento levar uma vida humilde, mas rica a nível espiritual, e tal tento transmiti-lo na escrita.

Não me alongo mais caro João Azevedo. Agradeço-lhe bastante pela sua mensagem-e, que foi reconfortante para o meu ego literário, pediria-lhe apenas que me autorizasse a colocar esta mensagem que lhe envio, aquilo que refiro, no meu blogue introspectivo.

Muito obrigado caro João Azevedo

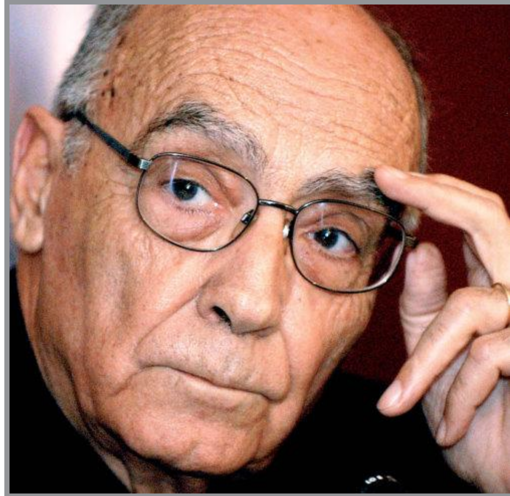
Com os melhores cumprimentos

João Pimentel Ferreira

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:28PM (UTC)

Missiva de um plebeu literato, ao Nobel da Literatura

Wednesday, March 17, 2010



Prezado SaramagoNão sei se lerá o repto que lhe envio através desta humilde mensagem-e, mas se o fizer, e assim estou esperançado, devo-o dizer que me aprazerá bastante sabê-lo.
Temos algumas vicissitudes mundanas nas nossas rotas pessoais que têm pequenos denominadores comuns, no entanto no que concerne às datas de nascimento, existe uma diferença, considerada por alguns, abismal.
Nasci em 1980 e estudei na Escola Industrial Afonso Domingues, tendo sido discente também de um curso tecnológico. Também me tornei escritor, mas quem sabe devido à minha tenra idade, e não, modéstia à parte, carência de ímpeto literário apaixonante, ainda não consegui que as minhas grafias poéticas fossem assimiladas pelo domínio público.
Tenho uma obra poética profícua, mas as publicações são parcas. Não sei se assim seria no seu tempo, mas é-me bastante difícil financeiramente sustentar as publicações que efectuo. Por vezes sou burlado por editores que não cumprem os requisitos contratuais, e as que consigo publicar são extremamente onerosas.
Digo-o quase enraivecido pois pelo que li da sua biografia, o seu percurso pessoal também quase tangeu a indigência, passando por dificuldades enquanto novo. Pois eu não tenho possibilidades financeiras para publicar os meus livros, pois as editoras existentes cobram numerários sustentáveis apenas às mais altas aristocracias e aos estratos sociais que se situam no topo da pirâmide hierárquica da sociedade.
Enraiveço-me pois apercebo-me que a língua Portuguesa é dissolvida em todas estas frivolidades musicais e líricas de proveniência anglo-saxónica. São difundidas obras musicais e literárias de fraca qualidade, mas como têm proveniência estrangeira, são idolatradas pelo público jovem e pelas novas gerações.
Escrevo-lhe pois apesar de tentar sempre preservar a língua que herdei culturalmente pelas ínclitas e nobres gerações que me antecederam, não consigo publicar no meu país; o país cujo topónimo gerou o nome de uma das línguas mais faladas no mundo; as obras que vou tecendo interiormente e que grafo ocasionalmente no papiro pessoal e cibernético.
Em Portugal a publicação de uma obra é indecentemente onerosa. E eu teço as minhas obras na língua Portuguesa, como tal não quero recorrer a outros meios que não a minha pátria mãe.
Escrevo-lhe, pois encontrei algumas vicissitudes na rota pessoal do caro Saramago pelas quais já passei. Também provenho de um bairro humilde, no meu caso na cidade de Lisboa, também estudei na Afonso Domingues pois o meu percurso profissional seria supostamente meramente técnico, também já tive diversos trabalhos ditos menores, como electricista na construção do Atrium Saldanha, como apontador de obra, como mero e quase rude insersor de dados nos sistemas informáticos de uma empresa de telefones móveis, e também passei por um hiato quase desgastante de ausência de

proficuidade literária.
Perdoe-me antes de tudo a iliteracia no que concerne ao acervo do prezado escritor a quem dirijo esta missiva, devo-lhe confessar que li apenas o Evangelho segundo Jesus Cristo, e tal leitura marcou-me. Não me chocou pois não sou um católico fervoroso, mas também, devo-o dizer prezado Saramago, que apesar da riquíssima literacia que a obra evidenciou, presumo que os devidos e enormes louros que a obra gerou, foi simplesmente por ser uma afronta directa ao catolicismo ortodoxo e conservador. No entanto denoto na obra uma elevada e inquietante riqueza de espírito por parte do seu autor, pois este, escreveu uma obra em que o Messias se substitui aos próprios autores clássicos e bíblicos dos evangelhos, escrevendo este último a sua própria versão dos factos.
Escrevo-lhe prezado Saramago, pois também eu queria publicar a minha obra, não quero fama nem notoriedade, quero apenas obter algum retorno literário, e não financeiro dos parcos ou profícuos escritos que vou tecendo. Quero apenas poder emancipar a minha obra sem quaisquer proveitos firmes no campo da notoriedade ou da moeda.
Quero continuar a ser um plebeu literato, tal como sou.
Mas publicar em Portugal, volto a dizê-lo é indecentemente oneroso. No entanto a língua em que escrevo, tem a raiz mais profunda no país em que vivo. E tal apraz-me.
Não sei se algum dia lerá este meu repto, estou esperançado que o faça, desejando-lhe as maiores felicidades por terras de Castela, e os meus mais sinceros parabéns pela sua obra de qualidade superior no domínio da língua camoniana.
Os meus mais sinceros cumprimentos
João Pimentel
Posted by João Pimentel Ferreira at 11:53AM (UTC)

Igneus Aqua

Wednesday, March 10, 2010

O primeiro gole arranha
O segundo gole assanha

O terceiro aquece
O quarto endoidece
O quinto entristece
Já o sexto enobrece

O sétimo é proibido
Ao oitavo é o alarido
O nono é divino
Ao décimo canta-se o hino

O hino da ebriedade
O hino da loucura
Arrebata-se a formosura
Evocamos a saudade

Questionamos os princípios
Evocamos a paixão
Damos os abraços ímpios
Nutrimo-nos de tesão

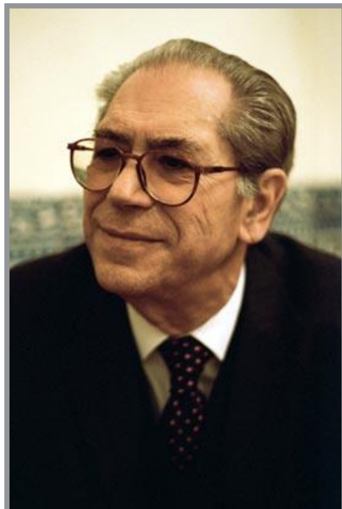
É assim o suco, da loucura
A água, que é ardente
Torna o clérigo, um descrente
Torna a casta, uma impura

_
Escrito à mão numa noite ébria pelo bairro enquanto passeava com a minha musa e adorada Nádia

Posted by João Pimentel Ferreira at 04:56PM (UTC)

Digníssimo memorando público ao mui digno e excelentíssimo douto e ...

Thursday, February 18, 2010



Não sei ao certo se o mui douto e excelentíssimo mação António Arnault alguma vez terá a hombridade de ler o meu repto, mas mesmo assim ouso tecer este breve comentário que faço ao senhor a que me refiro.
Sou um homem fortemente contrário à maçonaria e suas maquiavélicas doutrinas, no entanto apraz-me enquanto simpatizante dos movimentos verdadeiramente socialistas o ideal da Igualdade. Como tal cabe-me referir que aprecio fortemente o facto de o excelentíssimo doutor estar associado ao Serviço Nacional de Saúde. O serviço é público e teoricamente gratuito, como tal queria forte e abertamente felicitar Sua Excelência por ter dado os primeiros passos que levaram à criação de tal façanha ideológica assente em questões pragmáticas e sociais do foro da Saúde Pública Geral e Gratuita.

Digo-o caro e excelentíssimo doutor porque sou utilizador frequente e assíduo do Serviço em causa. Utilizo apenas os Hospitais públicos, os centros de saúde públicos e dirijo-me largamente quase sempre a instituições públicas de saúde aquando de maleitas que não têm possibilidade de serem saradas em casa ou na farmácia.

Abomino fortemente os serviços privados de Saúde, os Seguros de Saúde, as clínicas privadas, consultório privados de Médicos e formas similares de mercenarismo generalizado no campo da Saúde.

No meu ponto de vista em pilares basilares e estruturais de um estado ou nação não pode haver lugar a capitalismos nem mesmo àquilo a que os seus sequiosos arautos denominam como *Conciliação entre o sector público e privado*. Em questões fundamentais para um Estado como a Segurança, a Saúde e a Educação não pode haver lugar a semitismos monetários, a trocas de numerários, a facturas, recibos ou outro género de troca de bens ou moeda entre estas instituições e o público geral. Evidentemente que os seus funcionários terão que ser remunerados.

Excelentíssimo doutor, venho por este meio, algo incomum, adverte-lo, pois o seu serviço está posto em causa tendo em consideração as influências extremamente liberais e capitalistas que provêm do Zéfiro. Advirto-o enquanto mação que é, pois sei que para uma mação, e tendo o excelentíssimo doutor sido Grão-Mestre do Oriente Lusitano, sei que preza bastante e imensamente o seu legado. É típico um mação escrever muitos livros, criar fundações, ter nomes em ruas, ter estátuas com o seu primeiro nome e patrónimo pois um verdadeiro mação ateu e laico considera que a verdadeira imortalidade se encontra no seu Legado.

Pois excelentíssimo doutor Arnault, como sei que preza o seu legado, devo-o adverti-lo que o mesmo se encontra posto em causa por estes mercenarismos maquiavélicos provenientes do novo mundo do norte. Proliferam os seguros de saúde, os hospitais privados estão em voga e já é chique dar à luz nos mesmos e os médicos mercenários cobram numerários elevadíssimos dadas as condições sociais do país. No SNS os enfermeiros passam a vida a queixar-se e a reclamar que querem aumentos salariais, os médicos utilizam os meios do SNS para cativar pacientes mas continuam a utilizar muitas vezes os meios técnicos do SNS. O mercenarismos está implantado no SNS por parte dos seus funcionários e administradores, o sector público da Saúde está a ser pervertido caro e excelentíssimo doutor Arnault.

O seu legado maçónico está posto em causa. No entanto vamos todos resistir e combater esta impelente força do mal proveniente do ocidente do mundo. Eu sou um Europeísta, sou um defensor da pátria Europa, enquanto instituição ecuménica e prezo todos os serviços sociais que esta pátria oferece. Até tenho o cartão europeu de saúde, universal e gratuito.

Faço um repto final aos Europeus. Combatamos todos este maquiavelismo e mercenarismo abundantes provenientes do novo mundo que se instalou no Douto e Ínclito Continente Europeu e está a por em causa os seus princípios basilares como a Igualdade e Fraternidade.

Termino esta carta caro doutor, referindo que achei deveras ridículo o facto de o seu amigo e mação Mário Soares ter enaltecido Obama pelos seus feitos na América. Obama aparece agora como o salvador do mundo, aquele que veio para purificar as almas dos indigentes e dos gentios, referindo que vai oferecer Serviços de Saúde Públicos aos Americanos. No entanto o ideário do seu país proliferou e disseminou na Europa o espírito do *salve-se quem puder*, passo o plebeísmo, que incute nas gerações vindouras o espírito da competição acérrima e violenta e nunca confraternizante.

No SNS o mesmo se pode aplicar visto que os serviços privados abundam no sector da Saúde que se quer Público e Gratuito.

Excelentíssimo doutor Arnault.

Os meus mais sinceros e cordiais cumprimentos, fraternos mas não maçónicos.

João Pimentel Ferreira

Posted by João Pimentel Ferreira at 11:57AM (UTC)

A escadaria iniciática

Monday, February 15, 2010



A escadaria da iniciação é deveras interessante, pois existe semelhança entre grau e degrau. Na entrada nascente do Instituto Superior Técnico existem 30 degraus antes de entrarmos na alameda da faculdade. 30 deGraus na entrada Oriental. Não são os iniciados os veneradores do Grande Oriente Lusitano? Pois no Instituto Superior Técnico encontramos vários traços iniciáticos, e realço este pequeno detalhe dos 30 deGraus na entrada Oriental. Nas ordens iniciáticas como a maçonaria existem duas escalas hierárquicas, a escala que separa os diversos graus em 33, e existe a outra escala que os separa em nove graus. Na entrada Ocidental do Instituto Superior Técnico encontramos 5 patamares com 9 deGraus em cada patamar totalizando 45 degraus. Ora 45 retorna o número 9. 9 deGraus na entrada Poente e 30 deGraus na entrada Nascente do IST. Ora o 3 é um número sacro.



Na fachada principal do pavilhão central do IST encontramos 5 vias, 5 portões, 5 passagens, sendo a central a de acesso ao pavilhão. Não é o número cinco o número das ordens iniciáticas pois estas idolatram os pentagramas e os pentáculos. O quinto elemento tão sequioso de sabedoria e de conhecimento. Não são as ordens iniciáticas as conhecedoras dos meandros do quinto elemento e do Santo Graal ou seja do Sangue Real?

Há um pormenor bastante interessante ainda no IST, que são as suas duas torres cúbicas. Não é o cubo a figura geométrica idolatrada pelo Islão, pelas ordens sufistas? Lembremo-nos caros leitores que em Meca, a cidade sagrada do Islão, o muçulmano mais regrado e cumpridor dos seus deveres religiosas deve sempre dar as respectivas voltas ao cubo que se encontra na cidade sagrada para o Islão, ou seja, Meca. Eles mencionam o termo *Caaba* para se referirem ao cubo sagrado do Islão. Mas há ainda algo deveras interessante e extremamente peculiar no IST, é que em vez de ter um cubo o IST tem dois cubos. É sabido que os números pares são os números idolatrados no médio oriente e no ocidente são os números ímpares. Ora então no IST encontramos várias influências, desde os deGraus iniciáticos com números ímpares que referem a Oriente o Grande Oriente Lusitano mencionando assim os 30 degraus na hierarquia iniciática das respectivas ordens, e depois encontramos dois enormes cubos negros no IST, alinhados no eixo Norte-Sul. A escola de Engenharia de Lisboa sofreu assim diversas influências na sua construção.

Lembremo-nos ainda que o IST se encontra no cume da Alameda Dom Afonso Henriques, o nosso regente primogénito, situando-se na outra extremidade da Alameda a fonte Luminosa. Fiquei exuberado com tamanha iniciação, com tamanho renascimento dos arquitectos da cidade! Pois se vemos a Luz, se encontramos a Luz ao renascer, se

nos é oferendada a Luz divina quando retornamos às nossas raízes, aos primórdios da nossa essência, então a fonte da Luz que consagra a água do Baptismo divino da cidade de Lisboa encontra-se no cume da Alameda Dom Afonso Henriques, o nosso primeiro rei, o nosso regente primário e primeiro, o que consagrou e deu origem ao Império Lusitano ao se rebelar contra os reis opositores. O regente Afonso Henriques tem na sua Alameda num extremo a Escola Técnica do Saber que sofreu diversas influências na sua arquitectura, e no outro extremo a Fonte da Luz do Renascimento que remonta ao Baptismo colectivo da cidade de Lisboa, do Império Lusitano, e das suas Cristandades e Mourarias.

De realçar ainda que o terraço da fonte luminosa se encontra à mesma cota que o patamar da escadaria Oriental da Escola de Engenharia.

Não foi na Alameda que o povo se reuniu na consagração da Liberdade aquando do 25 de Abril remontando assim o Império português às origens dos povos lusitanos. Pois o 25 de Abril não foi uma revolução nem russa nem Americana, apesar destas fortes influências, foi uma revolução Lusitana e na Alameda Dom Afonso Henriques, a alameda homónima do nosso regente primeiro encontramos o Saber iniciático e o Baptismo Luminoso na sua sacra Fonte.

De salientar ainda que IST é o verbo ser conjugado na língua Alemã, o povo conhecido pela sua genialidade nas ciências exactas e nas obras de Engenho.

Façamos todos uma peregrinação colectiva até este local sagrado das idiossincrasias lusitanas.

Posted by João Pimentel Ferreira at 11:43AM (UTC)

Amo-te luxuriosa Nádia

Saturday, February 13, 2010

.

Posted by João Pimentel Ferreira at 08:42PM (UTC)

A Oriente

Sunday, February 07, 2010



Reparem no facto deveras interessante que é o alinhamento das torres. As duas naus sob esta perspectiva estão em crescendo e exactamente alinhadas para a esquerda, ou seja para Nascente, Leste, estão a observar o rio e o Oriente. Não se intitulam os iniciados do Sul os veneradores do Oriente? Não é similar Sul e Sol na língua lusitana? Não é no oriente, ou seja a nascente que encontramos a divina iniciação, pois relembramos os ternos momentos e eliminamos as

frustrações da infância, pois é a oriente que encontramos o Baptismo. Pois nestas naus encontramos a duplicidade do renascimento, a duplicidade Oriental, pois no eixo em que as captei estão simplesmente unas Orientadas para Oriente, para nascente, para o descobrimento das Descobertas da Índia, da China, da nossa sina que é a China.
As torres das naus que descobriram o Oriente estão Orientadas a Oriente na zona Oriental de Lisboa.
Quão consagrante foi este o momento da fotografia!
Posted by João Pimentel Ferreira at 12:57PM (UTC)

Damn British Language

Sunday, January 31, 2010

Damn British Language...
The British Language is so strange, full of Semitic purposes... What does a Jew prefer most to do? To sell. To sell items, to sell JEWellery, they adore to deal with money, to deal with treasures, to deal with valuable items. Damn Nazis bastards for what they did to Jews... Damn Jews for what they did to the Messiah... In every place you observe a Jew, you will see money, diamonds, treasures, financial transactions, stocks, shares, finance, futures, invoices, bills and on this damn British Semitic Language you even need to Pay to PrAY.
Damns British Freemasons, full of Semitism... May I kindly ask Your Excellency, dear member of the honourable British council, may I kindly ask you dear prestige member of the British Parliament, the founders of the language which was spoken by the admirable queen of Portugal who married John The First, the same king who set the Portuguese people free, from the despotic Castillan crown; I apologise my rash inquiry, but my I rashly ask you dear member of the British House, the successors of the founders of the Language, you venerate and insistently defend and propagate throughout the world; my I have the humility to ask you dear prestige member of the most excellent British Parliament....
Do I need to Pay to PrAY?
British clergymen should have been outraged many years ago with such linguistic heresy...
Do I need to Pay to PrAY?
It's quite amazing and strange, because there's a people named Portuguese who live on the westernmost part of Europe and when they order the bill it seems they use a term which is very similar with the colloquial term for vagina. I refer *cona* and *conta*. This people is quite strange and it seems they also have some Semitisms due to this similarities.
But I inquire again...
Do I need to Pay to PrAY?
Posted by João Pimentel Ferreira at 10:18PM (UTC)

Jesus Cristo o Jardineiro

Sunday, January 24, 2010

Encontro-me eu num museu em Cassel, num topo de uma colina, abaixo da opulenta estátua de Hércules, como se o caminhante o venerasse e contemplasse a postura gigantesca. Entrei no museu e paguei dois euros. Subi ao segundo piso, entrei na sala através de uma porta automática. Virei à direita e num canto, preso com dois finos cabos que o sustentam, um quadro intitulado: Jesus Cristo, enquanto, Jardineiro. E neste

simples quadro, a verdade, a luz. Por todos os lugares procurei a verdade, a iluminação, a luz que transmitisse os verdadeiros factos do passado. Através do tempo e da História. Um pintor Holandês Jacob van Oostsanen retrata de forma cristalina os segredos escondidos através dos tempos. O quadro, a imagem, está repleta de conotações sociais subliminares: Jesus na mão esquerda segura uma lança erecta, na mão direita toca carinhosamente na cabeça de Madalena. O pé direito de Jesus está firme, hirto, apontando para a pequena fresta da vestimenta de Madalena. Na zona do ventre de Maria, a saliência da hereditariedade genética, a imortalidade divina, o sangue real. A seta de Jesus aponta senão para a terra, local onde o corpo e a carne terminam sempre o seu percurso, mas também para a ranhura da indumentária de sua amada. E exactamente no espaço que a sua amada lhe reserva, uma fresta, encontramos um círculo escuro. Um pé de Madalena. E porque chora então lágrimas de sofrimento esta pobre mulher? E porque escreve Jesus, na gola do seu traje: "Maria, não me toques"? Captando vários sinais através de filmes, musicas e quadros, a solução de tal dilema, embora pareça conspirativa, parece-me no entanto simples. Maria, a Samaritana do fado de Coimbra, era semita, judia, tal como Jesus. Mas talvez de uma etnia, ou grupo tribal diferente. Judas o apóstolo, é não mais aquele que ajuda nos momentos de dor, é o judeu que traiu o mestre por trinta moedas de ouro. Trinta, retorna três, o número da fertilidade. Foi Maria, o apóstolo Judas? Porque chora ela então no quadro de Jacob van Oostsanen? Foi ela a traidora, a meretriz, a concubina e por essa mesma razão Jesus com a sua mão direita, a mão da força, da lei e das regras, da ordem e da opulência, da justiça rígida, afasta-a tocando-lhe na cabeça dizendo: "Traíste-me, não me toques". No traje de Maria encontram-se, observam-se três frutos de um mesmo caule, sendo três o número da fertilidade. À volta do pescoço da bem amada de Cristo, uma tira, uma espécie de bandolete negra que lhe envolve o pescoço e o cabelo. Talvez esteja associada ao enforcamento de Judas. E o detalhe mais interessante: se é Jesus um Jardineiro, é aquele que planta e que deixa como herança as sementes que quando enterradas na terra irão crescer e florir. No centro da imagem, na direcção da saliência do ventre de Madalena, um receptáculo, um pequeno pote, onde porventura estarão depositadas as sementes sagradas do Messias, e que a sua amada e agora recusada, guarda solenemente. De salientar ainda que sendo Jesus jardineiro, a sua lança erecta da fertilidade que segura com a mão da paixão e da sensação, a mão esquerda, aponta para a terra fértil, junto à zona da fresta da indumentária de Madalena.
Cassel, 12/06/07

Posted by João Pimentel Ferreira at 11:18PM (UTC)

Um mação não sente, postula sentimentos

Friday, January 22, 2010

Um mação é uma máquina, uma mação não tem alma. Questiono-me diariamente se terá alma um mação. Questiono-me no meu quotidiano quais as características e propriedades que um corpo necessita de possuir para que tenha alma. É certo que terá de ser um corpo animado. Os corpos inanimados não têm alma. Mas será que todos os corpos animados têm alma?

A alma é uma dádiva divina que nos define enquanto seres humanos. A faculdade do pensamento não é condição suficiente para sermos criaturas divinas, com alma; é antes a capacidade de sensação, de nutrirmos sentimentos, não deveria afirmar capacidade, mas somente predisposição para sentir. A predisposição para sentir é o que nos define enquanto seres animados com alma. Um mação deixou de nutrir sentimentos

misericordiosos, humanitários, caridosos ou filantropos quando se uniu à seita, aquilo que os ditos iluminados denominam por ordem. O rito iniciático furtou-lhe a alma, como uma sanguessuga que bebe o sangue das vítimas, as ordens iniciáticas não revelam a luz aos novos membros, retiram-lhes o espírito em troca de favores imorais.

Para um mação os termos moral, ética, misericordiosa, sensação, amor, paixão são apenas termos do léxico que têm significação mensurável nos seres humanos. Para um mação o amor é tão somente rectitude o obediência. O amor para uma mação não é humano, é apenas racional, mas baseia-se em princípios instintivos de terror e medo aquando do rito iniciático. Para um mação um ser quando se apaixona, é porque houveram por certo uma série de factores que proporcionaram a paixão; tal é certo, mas para um mação tratam-se somente de um conjunto de reacções bioquímicas, instintivas, mensuráveis, físicas, matematicamente puras, e sem quaisquer género de paralelismos metafísicos, transcendentais ou divinos.

É isso que define o homem-cativo, aquele que se intitula livre; é o seu ateísmo intrínseco. É cativo, pois ao contrário do que ele próprio pensa, o mação vive num cativeiro moral, rege-se apenas pelas doutrinas que foram assimiladas enquanto membro, doutrinas que foram severamente instituídas no ritual iniciático, e não permite atitudes libertárias dentro da seita. Quando a ordem decreta algo, tal tem de ser executado sem quaisquer género de impedimentos. Um mação não tem alma pois não tem predisposição para nutrir misericórdia ou caridade.

Um mação tem capacidades imensas, é certo que tem, é extremamente dotado intelectualmente, é versado, é erudito, é possuidor de uma inteligência extrema, é conhecedor de diversas ciências em diversos campos, mas carece-lhe o bem mais valoroso da Humanidade: A condição humana. Redige postulados sobre os direitos universais do Homem, redige tratados sobre a condição humana, pois é carecido de sentimentos. Carece-lhe a alma pois rege-se estritamente por dogmas ditos insofismáveis apreendidos durante o processo iniciático. A alma para um mação é apenas um conceito descritível e mensurável

Lembro-me por vezes de um dos mais valorosos, profícuos, inteligentes e geniais filósofos da nossa era, Kant, que escreveu um dos livros mais afamados da filosofia, *A Crítica da Razão Pura*. Não conheço a língua alemã, mas na língua camoniana o sentido para o termo crítica é dúbio; talvez Kant tivesse escrito um manual premonitório daquilo que haveria de ser o espírito mação durante o século vinte e um. A crítica não como um tratado ou uma análise profunda à razão pura, mas tão somente como uma opinião desfavorável ao individuo que se rege estritamente pela razão dita pura. Pois se formos estritamente racionais deixamos de ser humanos, passamos a ser máquinas. Lembremo-nos das divinas profecias, até postuladas no cinema, em que a humanidade combate contra a maquinaria implacável, maquinaria que oprime e renega as mais básicas condições humanas aos indivíduos. Pois Kant deixou esse legado, pois o seu livro ao ser traduzido para a língua pessoana, deixa uma marca indubitável na consciência social portuguesa que é um desfavor a um individuo que é puramente racional. A pureza, meu caro Emanuel, é incompatível com a razão pura, pois a pureza implica humanidade; os computadores não são puros, já as límpidas, alvas e cândidas mulheres, são puras, pois encontramos nas suas índoles uma pequena e latente réstia de luxúria, ou de sentimentos caridosos ou instintivos. Desde quando a razão implacável é pura? O que define o ser humano é a aliança entre a razão e os sentimentos. É um equilíbrio de ambos.

Foram estes princípios de extrema racionalidade que levaram a que as ordens iniciáticas alemãs e nazis no segundo quartel do século vinte iniciassem a expansão e a elevação do estado alemão. Os alemães extremamente dotados intelectualmente, extremamente versados e extremamente racionais, extremamente regrados, em pouco número dadas as circunstâncias acharam que tinha chegado o momento de messianizar o Adolfo. Tal teria de ser efectuado sem quaisquer impedimentos morais, pois haviam concluído tais pressupostos através da razão pura. Exterminaram milhões de seres humanos, invadiram países, executaram sumariamente diversos soldados.

Posteriormente, o império que se intitulou o libertador da Europa, emaranhado de judeus, bombardeou com duas bombas atómicas o Japão, dizimando em poucos segundos nas duas bombas mais de duzentas mil pessoas. Esse mesmo império, que se intitula propulsor da liberdade e da democracia, o império com o maior arsenal bélico de todos os tempos, encontra-se no extremo oposto. Rege-se exclusivamente por instintos, auxiliado como é evidente por homens racionais extremamente capacitados. Destruiu duas cidades nipónicas por instinto destrutivo, invade o Iraque por instinto de necessidade de poder, combate no Vietname para manter a hegemonia instintiva, os seus cidadãos praticam a homossexualidade instintiva, as suas mulheres abortam com naturalidade, festejam aquilo que não é festivo nem se enquadra em qualquer efeméride, acham-se os libertadores do mundo e do homem negro. Encheram os povos africanos com armamento, para lutarem contra as potências coloniais europeias, enquanto se diziam amigos da Europa, renegando-lhes assim a hegemonia; posteriormente, por instinto de poder e assimilação de dinheiro; pois o dinheiro remexe com alguns dos nossos instintos primordiais; amealham poços de petróleo na costa africana para prospecção do ouro negro. Invadem o Iraque por instinto, já não por instinto natural e humano de sobrevivência, pois nunca Sadam pois em causa a soberania do novo império; mas tão somente por instinto abrupto e atroz de poder absoluto. Destronou Salvador no Chile e instaurou Pinochê, um sábio democrata. Apoiou durante anos Savimbi, um democrata reconhecido internacionalmente. E apoiou, todos o sabem durante anos Osama Bin Laden durante a sua guerra contra os infiéis soviéticos, e este mesmo império forneceu armamento a Sadam aquando da guerra Irão-Iraque. Contribuiu para a separação das Coreias, invadiu a Jugoslávia, não para libertar os Albaneses Cosovares, mas apenas porque os Sérvios são um povo Eslavo, ainda sob muita hegemonia Russa.

Este novo império apelidado de América, é estritamente instintivo, cruel, ímpio, herege, e como tal também desumano.

A humanidade é um equilíbrio entre as forças da razão e da sensação. O império Nazi e o império americano estão nestes dipolos, encontram-se nestes extremos. Os dois impérios identificam-se com um líder, ou um Messias, o primeiro era Adolfo, um homem extremamente racional, inteligente, grave, perspicaz, sagaz, dotado do espírito dos homens germanos e hiperbóreos como a prudência, a pacatez e a diplomacia, no entanto praticava crimes hediondos e horríveis em nome de tanta superioridade étnica ou racial.

O Império do novo mundo decide messianizar Obama gradualmente, como sinal de consagração do seu acto libertário ao povo negro. Não o nego que o tenham feito e tal é valoroso, mas que dizer de Obama? Aparenta pacatez, sensatez, é idolatrado e venerado por todos e representa um império desumano, atroz, altamente sanguinário, que baseia os seus princípios não na liberdade ou democracia, mas tão somente nos desejos instintivos e primordiais de poder e hegemonia. Obama é apenas a fachada

amistosa e amical. O homem que é gradualmente messianizado.

O mação não sente, postula sentimentos. A elite do novo império baseia tão somente os seus princípios nos instintos, apoiada pelos homens extremamente racionais. Os subordinados dos americanos, são-no, porque lhes foi instituído o instinto do terror, como tal a caridade e a misericórdia não lhes diz muito.

De uma lado o império tão somente instintivo, como um animal forte e irracional que baseia os seus princípios tão somente na libido e na luxúria. Do outro lado o império Nazi da primeira metade do século vinte no extremo oposto da racionalidade, da razão pura, mesmo apesar daqueles comícios apoteóticos e emocionais que o líder dava ao povo alemão.

Encontro eu na razão pura e no instinto atroz, similaridades dados os seus extremados princípios.

A Humanidade encontra-se no equilíbrio entre os dois.

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:58PM (UTC)

Un hommage aux poètes Portugais | A tribute to the Portuguese poets

Sunday, December 27, 2009



Que maior homenagem posso eu dar
A um ilustre poeta português
Como Pessoa, se não exaltar
A grandiosidade que perfez
Ou Camões que ao glorificar
O povo qu'inda tem os três
Inteligência e Fado no altar
Sou poeta, sou português.

Mas que há de eloquente
Em tal praia lusitana
Que provoca em sua gente
Tal pureza freudiana,
inteligência pouco quente,
e perfeição indicana?
Veja-se a retórica influente
É claro! A camoniana

Que em mim arde sem se ver
E que me faz amar as divas
Do mundo, e depois lamber
Volumosos seios, e que intrigas
Me esperam ao padecer
Que me ferem como espigas
Sinto a alma a sofrer
Sou lusitano, não choramigas

Mas também sinto Pessoa
Que me oferece a melancolia
Que me faz seguir nesta canoa
Sem vivacidade ou alegria
Mas aprecio uma mulher boa
Disso não tenho eu fobia
Porque se há algo que me atordoa
É o corpo nesta acalmia.

____
Posted by João Pimentel Ferreira at 10:36PM (UTC)

Os pedreiros-cativos

Wednesday, December 02, 2009



Os pedreiros-livres enquanto súbditos do legado de Maquiavel

Como explicar este facto deveras interessante e algo atentatório aos espíritos que elevam o humanismo e a filantropia naturais da condição humana, que é por vezes não conseguir tecer sentenças verbais e poéticas à rapariga com a qual consegui estabelecer a relação mais estável dos meus vinte e nove anos de vida.



Bem sei que existem diversas condicionantes externas, ateias, maçónicas e atentatórias à dignidade humana, que incutem no meu subconsciente, normas e preceitos, sensações manipuláveis por forma a fazer-me trilhar um certo caminho que concluirá na auto-destruição. As mentes inteligentes, altamente racionais, precursoras de pensadores livres que acharam por bem não se restringir a normas religiosas ou morais, atentam contra a minha dignidade física e moral. No seu entender, a mente é tão simplesmente um conjunto de células neuronais, que pode porventura ser manipulada com os intuitos que desejarem, Percebo agora aquelas mentes eclesiásticas que consideravam os ilustres anatomistas da idade média, meros e rudes hereges, considerados no presente tempo indivíduos brilhantes que iniciaram o estudo do corpo humano num tempo em que era considerado pelo cidadão comum um acto quase obscurantista. Mas questiono-me o que terão efectuado ao certo todas as sociedades secretas de forma obscura e pouco transparente. No meu entender e depois de muita reflexão racional, terão concebido doenças malévolas e exterminadoras de muitos indivíduos, proliferaram o tabaco como forma de controlarem o mundo através do ouro negro relegando para questões racionais



a morte de milhões de seres humanos devido a cancros diversos, conceberam um dos vírus mais mortais do século vinte, que se propaga pela via sexual, afectando essencialmente pobres, indigentes e miseráveis, com o intuito do controlo populacional nos países em desenvolvimento, articularam maquinaria para a construção da arma mais mais mortal de todos os tempos, a conhecida bomba atómica, instituíram a pseudo-liberdade da mulher e do homem africano, e como sinal de consagração do único feito quase positivo que conseguiram através de três séculos de regência, colocam um negro no poder da nação com mais mações do mundo, os EUA.

Quão paradoxal e injusto, quão imoral e herético são estas atrocidades. Por certo saberiam tais ordens secretas, depois de muita análise futurista, depois de muita meditação por parte dos seus membros, que haveria de existir um ser que necessitaria de liberdade, seria um ser acalorado emocionalmente, e teria traços físicos ou emocionais femininos, gostaria de escrever e libertaria o mundo do despotismo maquiavélico, e a sua libertação duraria por milhares de anos. Assim, as profecias concretizar-se-iam, se as sociedades criassem as condições para que tais acontecimentos humanos se concretizassem. Elaboraram vários tratados sobre a liberdade e a democracia, pseudo-libertaram as mulheres e os negros, instituíram a igualdade de classes e desenvolveram a ciência no campo da medicina, da biologia e da engenharia, as armas tornaram-se mais mortíferas, os vírus mais letais, e de certa forma aumentaram a longevidade nas sociedades civis que a si estão anexas, as sociedades ocidentais. Mas num autismo e arrogância deploráveis subjugaram os preceitos e as profecias sufistas e as desenvolvidas por mestres orientais, achavam por bem serem os condutores e percursores da liberdade do mundo, que haveriam de libertar os escravizados da ditadura atroz e feroz que se apoderaria do planeta.

Mas a grande ditadura é a do interior e a da alma, a mesma que os membros destas sociedades acharam que romperam há vários séculos quando deixaram de cumprir quaisquer normas éticas ou morais. Consideraram que a razão interior libertaria o mundo, tornaram-se ateus, descrentes de quaisquer forças divinas e tornaram-se nos dias de hoje, paradoxalmente, na maior força despótica a nível mundial, instituindo a tortura e o genocídio atrozes.

Pressinto na natureza um medo instituído em todos os cidadãos, confundem temor com rectitude, e os próprios já tinham profetizado que o terror absoluto seria o grande mal a erradicar, quando combatiam energicamente o terrorismo islâmico. Mas a manha é inimiga da razão pura. Eram eles que orquestravam secretamente os grandes atentados terroristas através dos seus centros de inteligência e espionagem, eles secretamente oprimiam para a público se evidenciarem como os libertadores. Esfaqueiam pelas costas e de fronte elaboram um rosto apaziguador e sorridente.

Os iniciados do mundo islâmico, com vários séculos de conhecimento adquirido através das suas longas viagens haviam profetizado que teriam de combater esta imoralidade insustentável, em nome de um Deus superior e bondoso, haveriam de combater estes

hereges que se regem por normas ateístas e imorais. Hoje, os seus seguidores fanáticos apetrecham-se com dispositivos explosivos em torno do tronco e planeiam a aniquilação do mundo ocidental; por certo que um Deus bondoso nunca permitiria ou aceitaria a efectivação de uma premissa Sua através da eliminação da vida de um próximo. No entanto, milhares de anos de sabedoria islâmica permitiram profetizar correctamente que o género feminino não pode ser totalmente libertado, pois rege-se fortemente por emoções e é menos dotado intelectualmente que o género masculino. Dotar de poder indivíduos estritamente emocionais e com menos capacidades racionais poderia tornar-se num acto errante com consequências devastadoras, daí as doutrinas religiosas destas sociedades em restringirem certas liberdades às mulheres.

Poderei parecer através destes escritos revelar uma atitude perversa em relação ao género oposto, mas não creio que assim os seja, pois confesso que me sinto deveras apaixonado pela minha companheira afectiva, a doce e carinhosa Nádia. Bem sei que me foi oferecida sobre fortes condicionantes pelas sociedades secretas que agora repreendo, mas não me posso deixar influenciar por dádivas que embora adore e respeite, por certo têm contrapartidas insustentáveis à minha condição ética, moral e consequentemente humana. Amo a Nádia, e com ela não consigo tecer muita obra poética profícua, pois o que nutro por ela é bem mais racional e dotado de verdadeiro afecto e carinho, daquele verdadeiro amor quase filosófico, do que propriamente paixão ardente e dolorosa, tão propensa à criação poética.

Orei várias vezes com o intuito de encontrar um ser que verdadeiramente amasse e me complementasse, e creio que o encontrei. Tem um nome eslavo e traços faciais latinos. É esbelta fisicamente e perspicaz intelectualmente, é carinhosa, terna e cordata. Confesso que nutro por ela sentimentos transcendentais. Mas tudo o que me rodeia está despóticamente controlado.

Eu sou um ser humano, que por certo obedece a certas normas e leis físicas e morais que poderão ser postuladas. O campo da física, da medicina, da biologia e da psicologia em conjunto poderão ter uma forte componente investigatória no ser humano, num certo indivíduo. Se aliarmos, a matemática e o controlo não-linear aplicado às sensações humanas, obtemos uma miscelânea de ciências que quando bem articuladas fornecem um forte utensílio de domínio sobre o próximo sem que este se aperceba.
Ora, as sociedades secretas estão a par de todas estas técnicas obscuras de controlo humano. Todos os meus sentidos, os cinco sentidos que possuo enquanto ser empírico captam sinais ou sensações, assimilam o que me rodeia. Depois são processados pela consciência, certas ideias ou sinais vão para o subconsciente, este último é muito mais dotado, poderoso e que ocupa muito mais volume cerebral.

A luxuria, e as ideias sexuais são as mais fortes na condução de certas atitudes num indivíduo. Os sinais luxuriantes, e não necessito de evocar Freud, são os mais poderosos no controlo do ser humano, pois este foi concebido inicialmente, antes de ser dotado de alma ou razão, para conceber e procurar instintivamente um ser do género oposto para difundir a sua linhagem genética. Mas se a luxuria enquanto sensação empírica, fornece a maior força impelente a certas atitudes, dir-me-á o ser profano que o que o rodeia nem sempre é luxuriante.

Poderão eventualmente existir sensações neutrais, nem latentemente masculinas ou femininas, mas muitas das imagens, sons ou sensações diversas são muito luxuriantes, sem serem pornográficas. Porque simplesmente somos dotados da nossa consciência que funciona como uma barreira entre o exterior e o subconsciente poderoso e que nos

conduz subtilmente no nosso quotidiano.

Então como conseguiram estas sociedades secretas o controlo universal? Através das suas técnicas ocultas, transmitidas há milhares de gerações pelos antigos, descobriram o poder dos sinais latentes e subtis das mensagens subliminares. As mensagens subliminares são aquelas de que o consciente não se apercebe e não filtra e não barra, e que vão directamente ao subconsciente impelindo o indivíduo a tomar certas atitudes. E por norma todas estas mensagens estão carregadas de sinais luxuriantes latentes, associadas ao vigor, à virilidade e à masculinidade. Um exemplo clássico é o rosto de um político num cartaz, enquanto falo despercebido, ou a simetria facial do governante, pois o falo fértil é naturalmente simétrico devido aos seus dois suplementos.

Se foram os pedreiros-livres que conceberam muitos dos termos de uma língua, incutiram nos termos muitos significados subliminares que têm uma forte componente luxuriante. Na palavra deputado, se extrairmos a primeira e a última sílaba encontramos o termo coloquial que se refere a um dos maiores e mais antigos ícones da luxuria. Os gemidos musicais podem ser latentemente comparados aos gemidos vociferados no acto do coito. O indivíduo não se apercebe, a sua consciência não filtra, e estas sensações são directamente enviadas ao subconsciente com propósitos bem definidos. A título de exemplo, queriam os pedreiros-livres que o cidadão comum venerasse e sentisse uma admiração enorme pelos senhores deputados, representantes dos cidadãos.

Os publicitários, certos escritores, até os autores da bíblia ao colocarem num espaçamento de letras definido uma palavra subliminar, todos estes têm um conhecimento quase secreto. E as sociedades secretas, nomeadamente a maçonaria utiliza todos os seus conhecimentos de controlo humano para se apoderar de uma forma omnipresente do mundo. Depois, peritos em controlo não-linear analisam secreta e discretamente os movimentos e as atitudes de cada individuo e da opinião pública em geral, para actuarem em conformidade com os seus objectivos. A título de um mero exemplo que presencio neste instante, um simples bebé a chorar é absorvido pelo subconsciente como um sinal de perigo ou carência, ou seja, um sinal latente para que deixe de escrever.

Para as sociedades secretas, que não se regem por preceitos religiosos, precursoras do legado de Maquiavel, o ser humano não é mais que uma máquina manipulável, e para que este seja conduzido pacificamente, utilizam o conhecimento que têm sobre a mente e o subconsciente. Quando não o conseguem pacificamente utilizam a força atroz.

Mas a arma mais poderosa de controlo do subconsciente ainda é o auto-controlo através da oração e da meditação. A maior instituição ecuménica de todos os tempos, a igreja católica apostólica Romana, sendo os seus líderes conhecedores de tal facto instituíram nos seus crentes o hábito da oração. Dir-me-ão os religiosos seguidores desta crença que tal se deve única e exclusivamente a uma forma de adorar a sua sacra trilogia, mas é muito mais que isso. A mente é uma máquina divina que, pode ser programada.

Sendo eu técnico na área da programação conheço diversas linguagens computacionais que comandam um processador, cujos processos ou tarefas através de dispositivos externos controlam maquinaria diversa. A mente é uma máquina divina e poderá ser única e exclusivamente controlada pelo próprio do ponto de vista social. A oração, com os seus factores repetitivos entra no subconsciente e torna-nos propensos a actuar, com um certo desfasamento temporal, de acordo com aquilo que rezámos. As orações como

o Pai Nosso e a Avé Maria, seriam uma forma de os crentes programarem as suas mentes a seguirem os preceitos da Igreja. A Igreja esteve sempre ciente dos poderes da mente e da mobilização de massas. As suas ordens religiosas, cristãs, sempre conheceram os segredos ocultos da mente e desde cedo cultivaram o controlo de massas através dos seus templos, igrejas e principalmente através do induzimento moral e ético à oração.

O rito iniciático maquiavélico.

As sociedades regentes que lhes seguiram como a maçonaria também são secretas, pois partilham conhecimento que não pode ser revelado aos profanos, pois segundo os seus membros, estes não estão preparados para aceitá-lo. O conhecimento sagrado só pode ser transmitido ao próximo se o indivíduo for iniciado, e para tal, terá de passar pelo processo iniciático tortuoso. A iniciação, presumo é um misto de tortura atroz, uma revelação interior, um enigma que o iniciado tem que resolver, enfim uma provação pela qual o iniciado terá que atravessar. O método é atroz, horroroso, hediondo, tortuoso e incute no novo membro um terror inimaginável.

O iniciado não tem liberdade de pensamento, vive horrorizado e tem as suas liberdades fundamentais castradas. Vive privado dos mais básicos direitos humanos. Os orquestradores de tais fundamentos iniciáticos incutem tais métodos como uma forma de regrar o novo membro. Segundo os autores de tais metodologias, é uma questão de rectitude. O novo membro poderá corromper o próximo, poderá incorrer em ilicitudes jurídicas, poderá viver uma vida faustosa, poderá envolver-se em práticas homossexuais, poderá amealhar fortunas, poderá praticar a pedofilia, poderá, se para tal for necessário em função de causas ditas maiores, cometer ou participar em homicídios generalizados, genocídios, chacinas, envolver-se no desenvolvimento de armas de destruição maciça, químicas, biológicas ou mesmo bélicas, o novo membro poderá corromper ou mesmo ir contra todos os preceitos éticos ou morais, poderá desrespeitar todas as normas divinas e bíblicas, pois segundo os pedreiros-livres defensores do iluminismo, o homem deve apenas responder perante a própria consciência, e nunca perante uma entidade superior, invisível e transcendente.

O novo membro tudo fará para subir na estrutura hierárquica da ordem que o acolheu, não observando a meios para o atingir, poderá desrespeitar todas as leis divinas inscritas na tábua sagrada, tem todas estas liberdades, ou deveremos afirmar pseudo-liberdades, mas nunca, e a isso está obrigado e foi tortuosamente estabelecido no rito iniciático, nunca poderá revelar aquilo que presencia nos encontros secretos, e nunca poderá revelar a terceiros os ministérios que apreendeu e recebeu enquanto pedreiro-livre.

Os pedreiros-livres na realidade são pedreiros-cativos pois obedecem obrigatoriamente a uma norma despótica superior que os cega e os orienta a actuarem como meras máquinas programáveis.

Os pedreiros-livres com o evoluir das eras, com a rede global, tornaram-se também parte integrante e dominadora de uma rede global universal, altamente centralizada, sendo o seu motor principal e defensor, o império sediado no novo mundo. Têm a máquina militar mais poderosa do planeta e actuam em conformidade, não com os valores da liberdade e democracia, mas apenas com os ideais maçónicos do despotismo e controlo absoluto dos povos e nações. Se alguém, ou algum dos estados se opõe, terá

uma resposta bélica feroz e severa do epicentro maçónico.

A maçonaria tortura porque sabe que se hesita mais facilmente em prejudicar um homem que é amado do que outro que é temido, pois segundo estes o amor quebra-se mas o medo mantém-se. Por certo que ainda não encontraram o Amor divino que não se rege unicamente por normas humanas mas que se consagra em princípios transcendentais, meta-físicos e filosóficos. Deus bondoso, altruísta, justo, por vezes severo, induzidor de um equilíbrio Universal transversal no espaço e no tempo, libertará os pedreiros-cativos do cárcere moral em que estão subjugados.

As doutrinas maquiavélicas tão estritamente patentes no livro “O Príncipe” e pelas quais a maçonaria se rege, são a antítese dos preceitos divinos da bondade e do altruísmo. Bem sei que poderá eventualmente haver uma veneração latente à sua obra e ao seu ideário por parte de quem estuda o legado de Maquiavel, mas nunca poderemos aceitar tais princípios para a regência dos estados pois a não sujeição a certos princípios para o atingimento de certos fins leva-nos ao caos social e defrauda o homem dos princípios humanos mais elementares: a ética e a moral.
Posted by João Pimentel Ferreira at 04:24AM (UTC)

Os ímpetos intempestivos do âmago

Saturday, November 21, 2009

Esfaqueio e estripo, por paixão
Amo as dóceis ninfas, por loucura
Bato-me contra os homens por bravura
Exacerbo o mito, da sensação

Será a libido ou o coração
O néctar para a divina cura?
Que efemina a alma mais dura
Amo quem me ama de antemão

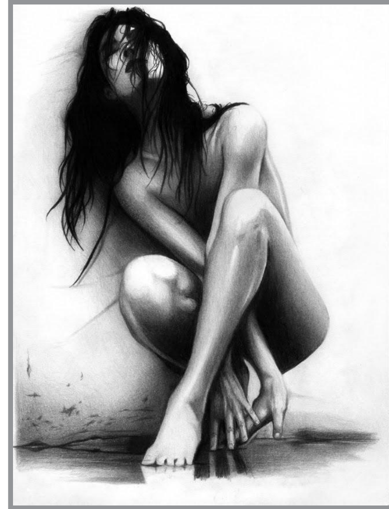
Bato-me fortemente, contra a razão
De uns déspotas execráveis
Enfrento o clérigo e o mação

Endinheirados miseráveis
Sou a ínfima divinal porção
A salvação dos subordináveis.

____
Posted by João Pimentel Ferreira at 06:15PM (UTC)

O Reino divino do amor sedento

Saturday, November 21, 2009



Preciso de ti, como o mamífero da mama
como o carnívoro precisa da carne,
És o astro fogoso que arde
No leito comum, na divina cama

-
És o fogo nu que arde com chama
Sou o réptil, o insecto, a ave
Que te toca, que suga o teu néctar suave
És a flora, sou a fauna, que o Criador ama
-
Careço-te, como o peixe das águas
Como o salmão, do topo das rias
Necessito-te, para abolir as mágoas
-
Dos tempos vividos, por terras frias
És a terna ternura, as ardentes fráguas
Em Vénus e Afrodite é que tu te revias.

Soneto tecido à mão num café urbano pelo parque das nações cujo nome traduzido para a língua camoniana significa "Eu e tu"

Dedicado à doce Nádia

Posted by João Pimentel Ferreira at 06:03PM (UTC)

Soneto à Gomorra lisbonesa

Monday, November 02, 2009

Por aqui passam putas, e passam chulos
Passam paneleiros endinheirados
Vagueiam velhos ricos depravados
Por aqui os cornos mansos, ficam fulos

Castos, celibatários, ficam impuros
Carochos, paneleiras e drogados
A luxuria e o despudor são aclamados
Da moral, quebram-se todos os muros

A felação, é o prato de cada dia



O Intendente, bradaria aos céus
pois aqui pratica-se a sodomia

No purgatório serão todos réus
Este é o bairro da heresia
onde se erguem todos os véus

_____

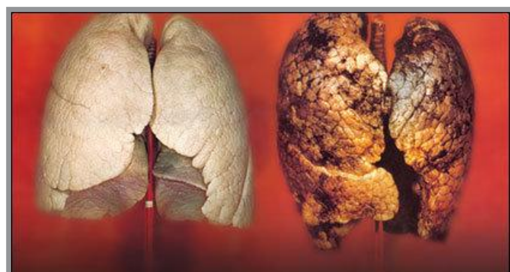
Posted by João Pimentel Ferreira at 12:00PM (UTC)

Toda a verdade sobre o Tabaco

Monday, November 02, 2009



Sempre me questionei sobre a verdadeira origem do tabaco. Bem sei que o nome deriva do Espanhol e que era fumado em cachimbos pelos índios nativos americanos. O seu uso enquanto cigarro foi proliferado no século vinte essencialmente durante a primeira guerra mundial. Houveram diversas plantações de tabaco na América do Norte até terem sido muitas em grande parte substituídas pelo algodão. O tabaco era consumido por índios americanos e em doses elevadas teria efeitos alucinogénios, era administrado para fins medicinais e segundo se consta era prescrito por magos índios ou por curandeiros. O poder do tabaco era conhecido nas sociedades tribais norte-americanas. Os Espanhóis trouxeram a planta para a Europa. Um embaixador Francês sediado em Portugal terá receitado à corte de Catarina de Médicis a planta do tabaco como forma de curar as suas enxaquecas. O nome do embaixador era Jean Nicot e o seu apelido deu origem ao termo Nicotina que se encontra na planta do tabaco.



Poderia aqui tecer uma serie de argumentos históricos para tentar descobrir como surgiu o tabaco, e tal não seria difícil, uma planta denominada tabaco que é processada, tostada, que lhe é adicionada uma serie de componentes químicos e cuja mescla é enrolada em torno de uma mortalha formando um simples cigarro. A questão preponderante que é interessante averiguar é saber como é que o tabaco foi proliferado e difundido pelo mundo inteiro tornando-se no século vinte uma prática de afirmação social, de emancipação para as mulheres e de

virilidade para os homens.

Quem proliferou o tabaco? Quem disseminou o uso do tabaco? A resposta é deveras simples: Os Ingleses inicialmente e os Americanos posteriormente.



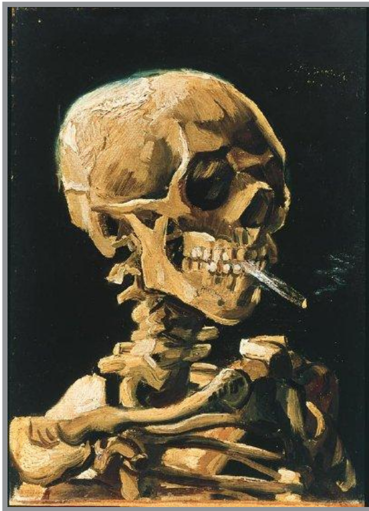
Tentarei aqui estabelecer os simbolismos associados ao tabaco e para tal evocarei não só as questões médicas tão amplamente difundidas e as patologias do foro oncológico que o tabaco degenera, mas evocarei também as questões do foro da psicologia, dos sinais para o subconsciente que o cigarro provoca, das sensações quase erógenas que obtemos quando inalamos o fumo do tabaco, do luxuriante e perverso que é observar uma mulher a fumar e das mazelas a nível mundial que o tabaco provoca.



Começarei pelas questões que creio que todo o mundo conhece. O tabaco é altamente cancerígeno, o seu consumo enquanto cigarro durante muitos anos provoca graves patologias do foro oncológico, como cancro do pulmão, língua, laringe, garganta, lábios ou qualquer órgão associado ao sistema respiratório. Num estágio final da doença o paciente deixa de conseguir falar, tem uma morte dolorosa, não consegue respirar, em muitos casos morre de asfixia, como se lhe tapassem a boca ou morresse afogado, em casos menos severos são retirados membros que nos permitem falar e os pacientes ficam afónicos. Na realidade o tabaco não oferece virilidade mas retira-a dificultando o fluxo sanguíneo no pénis e em muitos casos provoca impotência irreversível. Em grávidas é altamente prejudicial ao bebé e pode provocar severidades para a sua vida futura.



Mas falaremos como o tabaco se tornou tão apelativo para os seres humanos. Para abordarmos este tópico teremos de nos aperceber do método de fumar, e da forma e cores que o cigarro tem. O cigarro na realidade é apenas um pequeno falo, um pequeno pénis se quiserem, em que o fumador se revê nas suas frustrações de infância enquanto bebé que mama no seio da mãe, num bebé que bebe o suco, o leite maternal, e para receber essa dádiva materna tem que esforçar os pulmões e a boca para inalar. Tais sensações estão bem explícitas em qualquer manual de psicologia quando referem a fase oral de uma criança. Ora em adultos temos a necessidade quase libidinosa, ou direi sensual, em mamar, é algo que reprimimos enquanto seres racionais dadas as nossas educações morais. Mas a necessidade que o individuo tem em chupar, ou mamar, está presente em todos os adultos. Tal não deve ser encarado do ponto de vista pornográfico. É uma necessidade



latente que guardamos dos momentos afectuosos em que, como mamíferos, mamávamos no seio das nossas progenitoras. Todo o adulto tem uma necessidade latente de chupar, tal vai de encontro aos seus desejos infantis que são reprimidos pela doutrina social.

Então como chupa o adulto? O adulto, que se rege por uma doutrina social altamente restritiva, tenta encontrar outras formas de musculação dos lábios. O homem heterossexual muitas vezes sacia esta ânsia no peito da sua companheira durante os actos amorosos mais íntimos, a mulher e o homem homossexual saciam estes desejos intimamente nos falos dos seus companheiros. Os casais de namorados saciam-no mutuamente ao beijarem-se acaloradamente. Num bebé que já não mama no peito da mãe mas que ainda não é regido por uma doutrina social forte, pode-se constatar que o mesmo beija e coloca na boca diversos objectos fálicos. Quando se tornar adulto, colocará na boca e nos lábios aquilo que a sociedade o permitir, ou então algo mais se tal for feito em privado. É que a zona dos lábios é composta por diversas terminações nervosas, o que nos proporciona prazer quando colocamos algo suave nessa região. Quando chupamos algo, encontramos as ternas sensações de infância.





Ora o cigarro mexe com todos estes factores. A nicotina enquanto substância alcalóide que se encontra no tabaco, poderia ser absorvida pelo organismo por outros meios, mas não traz aquela luxúria latente que é chupar e inalar. Reparem como a ponta dos cigarros onde colocamos os lábios é alaranjada, aumentando assim a luxúria latente, pois o laranja é uma cor forte e emotiva, assemelhando-se à cor da pele na zona do peito feminino e da zona do pénis no homem. Os Ingleses e os Americanos ao proliferarem o tabaco encontraram uma forma mortífera e letal a nível mundial de os adultos poderem saciar de forma autorizada pela doutrina social, os sues ímpetos e as suas ânsias infantis, de foro quase primário ou primordial.

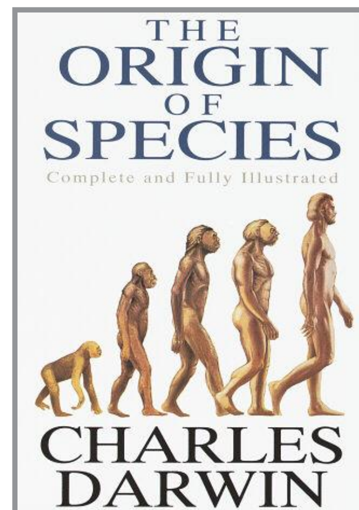
Imagino-me eu, enquanto fumador que era, a chupar, a inalar, a saciar os meus desígnios de infância, enquanto mamava no seio afectuosos da minha progenitora. Chupava, e bebia o suco que do seio jorrava. Eu, enquanto ser heterossexual que sou,

na altura sem companheira para poder partilhar os momentos de prazer encontrei no cigarro a funesta sensação afectiva do seio maternal.



Vimos então que o cigarro é poderoso do ponto de vista luxuriante, sensual, primário e afectivo. É semelhante a um pequeno falo, tem a ponta alaranjada que é a cor da pele e é uma cor emotiva, e para fumarmos e inalar o fumo exercitamos os lábios, a língua, as bochechas e a boca em geral, assemelhando-se ao acto terno infantil de mamar. Como o cigarro até há poucos anos era aceite socialmente, e até era visto como um sinal de estatuto social, é natural que a sua proliferação fosse tão abrangente.

Não falaremos agora das sensações erógenas no acto de fumar, falaremos daquilo que quase todos já sabem, que é o facto de o tabaco ter nicotina e esta ser extremamente viciante provocando uma habituação forte. O tabaco contém ainda cerca de seiscentas substâncias químicas altamente cancerígenas e que provocam diversas doenças graves para a saúde.



A nível mundial o tabaco provoca cerca de cinco milhões de mortes por ano, tendo no século vinte provocado cerca de cem milhões de mortes. Simplificando, é como se o tabaco exterminasse uma população de Portugal na totalidade em dois anos. O tabaco matou mais no século vinte que as duas grandes guerras em conjunto.

É que o tabaco enquanto cigarro é altamente letal e tem aquelas características que o tornam tão apelativo e viciante. Sacia os nossos instintos primários ao pudermos chupar algo socialmente aceite, a arte tornou-o um acto de referência, e tem nicotina que o torna extremamente viciante. Os produtos químicos que tem, juntamente com a nicotina, tornam-no altamente prejudicial para a saúde.

Mas já falei dos atractivos do tabaco e do cigarro em particular, o que o tornaram tão apelativo e do mortífero que o tabaco se tornou matando mais gente que as duas guerras mundiais juntas. Mas porquê proliferá-lo? Porquê comercializá-lo tão amplamente como fizeram os Britânicos e os Americanos?
A resposta é simples e para tal temos de evocar um pouco da doutrina política internacional que os Ingleses e os Americanos tinham no final das duas grandes guerras no que refere ao petróleo, e temos que conhecer um pouco da teoria evolutiva de Darwin e como o cancro se pode formar.

Ora vejamos, no princípio do século vinte a indústria automóvel estava a crescer, o pioneiro americano que tem o nome numa marca de automóveis começou a produzir carros em série. Os carros necessitavam de gasolina para se mover. Os Ingleses tinham o seu grande império em recessão mas apostavam também na industria automóvel. Aliás, todo o mundo ocidental os seguiu com a proliferação do automóvel, no princípio do século. Mas o automóvel não é a chave aqui, nem o busílis da questão. É-o sim, o motor

de explosão interna que é usado no automóvel. O principio da explosão interna permaneceu inalterável desde há cem anos aquando da disseminação do carro com motor de combustão interna. O princípio é simples, é injectado na câmara do motor ar e gasolina, as velas accionam uma faísca, dá-se a explosão e essa energia faz movimentar uns pistões que geram momento inercial num veio ligado às rodas do veículo. Este é o princípio que se mantém desde há cem anos. A questão fundamental aqui é que o motor necessita de um combustível fóssil ou seu derivado, neste caso a gasolina.

Os Americanos estão no início do século a proliferar o automóvel, mas também estavam e sabiam-no que tal seria necessário para fornecer locomoção a todos esses veículos, também estavam a apostar grandemente na indústria da prospecção e exploração de petróleo. O petróleo foi a grande aposta dos Americanos e dos Ingleses ao longo do século vinte, o seu domínio a nível mundial, a sua comercialização e a sua proliferação. Os Americanos exploraram em grande parte esse recurso no Texas, no Alasca, depois voltaram-se para o Médio Oriente e para África. Exploram ainda hoje grandes recursos em África, como Angola ou Nigéria, e no Médio Oriente na Arábia Saudita. Aliás, foi devido ao petróleo que se envolveram na primeira guerra do golfo. O petróleo é então o seu ouro negro. Se o mundo inteiro, se o planeta está espalhado com automóveis, estes necessitam de gasolina que é feita através do petróleo. Se os Americanos e os Ingleses dominam o circuito da prospecção, transporte, refinação e distribuição do petróleo e sues derivados, têm um bem público de que todos necessitam enquanto sociedades industrializadas. O domínio do petróleo é a grande questão. Se o dominarem dominam todos porque todos necessitam do petróleo pois este é o motor da economia nos países industrializados.

O automóvel domina as vias de todo o mundo, tráfego, caos nas urbes de todo o mundo, faz-se pouco pelo transporte colectivo, nos países em desenvolvimento como os da América do Sul, Ásia e África, é o caos constante nas vias públicas devido ao excesso de carros. Os Americanos e os Ingleses souberam espalhar os carros por todo o mundo e incentivar a sua utilização, pois estes dominavam o comércio do produto que os movia: o Petróleo. Incutiram na cultura, como nos filmes o uso dos grandes homens que andam de carro e que fazem as maiores peripécias com carros, publicitaram os seus carros, e na segunda metade do século vinte os seus motores tinham consumos enormes, pois interessava grandes consumos, para incentivar a economia associada ao petróleo. Os Europeus seguiram-nos e mais tarde os países em desenvolvimento, como os da América do Sul, os Africanos e os Asiáticos.

Já falei sobre o tabaco e como este é altamente viciante. Falei agora sobre o domínio do petróleo e a disseminação do automóvel que consome um seu derivado. O que têm em comum?

Para tal termos de falar sobre a teoria evolutiva de Darwin ou falar simplesmente da teoria da evolução das espécies ou um pouco de antropologia. Segundo estas teorias amplamente aceites nos dias de hoje, as estirpes, as etnias, as raças, ou direi simplesmente as subespécies são criadas através de uma espécie em comum anterior, e a sua característica única forma-se devido a condições ambientais, da envolvente, de hábitos regularizados e tornados prática comum. Diz-se por exemplo que o antepassado do homem começou a erguer-se quando na savana africana necessitava de se erguer para olhar mais além, ou que se erguia para apanhar frutos de árvores, e que tal provocou uma alteração na zona posterior do cérebro aumentando o volume craniano, e assim por certo a inteligência. Darwin formulou a sua teoria nas ilhas Galápagos ao

observar que certas espécies se tinham desviado de um antepassado comum, porque tinham mudado de ilha e este novo ambiente provocou alterações na fisionomia da espécie. Ou seja, as espécies adaptam-se às circunstâncias que as envolvem. Uma cientista formulou em tempos uma teoria que se por exemplo se colocasse uma tribo centro-africana num aldeia rural da Noruega isolada do mundo, em poucas centenas de anos, os descendentes dessa tribo ficariam, se sobrevivessem, todos brancos. Porque a cor da pele está relacionada com a produção de vitaminas que obtemos dos raios solares ao serem absorvidos pela pele. Não podemos produzir nem de mais, nem de menos, por isso a cor da pele é uma adaptação ao meio que nos envolve. Tudo para provar que quando alteramos as nossas condições envolventes, se sobrevivermos, alteramo-nos a nós também para nos adaptarmos. A questão evolutiva é tudo uma questão de adaptação.

Significa, que se a população a nível mundial inalasse tabaco em excesso e esse consumo fosse generalizado, numa dezenas de gerações tínhamos indivíduos muito mais propensos a resistir ao tabaco e à poluição do ar provocada pelos escapes dos carros. O cancro acontece apenas naqueles que não se adaptam, os fracos perecem, os fortes resistem e transmitem essa resistência às gerações vindouras. O cancro sucede nos indivíduos que não se adaptaram ao fumo, à poluição do ar. Porque também a poluição do ar pode provocar cancro do pulmão. Os mais fracos morreram devido a cancros, enquanto aqueles que fumarão durante anos vão criar nos seus genes, nas suas células mutações que lhes permitirão resistir melhor à poluição. Porque quando fumamos limitamo-nos a inalar poluição atmosférica.

Resumindo e simplificando.

- O tabaco é altamente nocivo para a saúde.
- É atraente para a libido e é sensual e tem nicotina que o torna ainda mais viciante.
- Matou cerca de cem milhões de pessoas no século vinte, mais que as duas grandes guerras juntas.
- Mata cerca de cinco milhões por ano, metade da população Portuguesa
- Foram proliferados os automóveis pelo mundo inteiro, na maioria com motor de explosão interna que necessitam de gasolina, um derivado do petróleo.
- Os Americanos e os Ingleses dominam o comércio do petróleo a nível mundial, logo o mundo está dependente deles.
- Os automóveis a nível mundial e a indústria que usa o petróleo e seus derivados provocam uma poluição atmosférica intensa, extensiva e alargada no planeta.
- Apenas os seres humanos mais resistentes estariam preparados para a crescente poluição atmosférica do século vinte e um, com países altamente industrializados e dependentes do petróleo a poluírem o planeta intensivamente.
- Havia no princípio do século vinte que preparar os organismos da população mundial para a poluição do ar.
- Aproveitou-se o tabaco e disseminou-se o mesmo em cigarros, as suas substâncias químicas são apenas uma mescla para habituar e provocar nos pulmões alterações e mutações nas células, mais céleres para que os indivíduos se habituem mais rapidamente à poluição atmosférica
- Para os Americanos e Ingleses assassinos e maquiavélicos, os milhões que morreram devido ao tabaco seriam apenas as vítimas da necessária liberdade e democracia que eles trariam ao mundo.
- Obviamente que tudo isto foi feito no maior dos secretismos.

Simplificando ainda mais, o consumo do tabaco enquanto cigarro provoca cancro mas devido às teorias evolutivas também provoca uma adaptação do organismo que nos



torna mais resistente ao fumo. Foi espalhado pelos Ingleses e Americanos em todo o século vinte para que a população mundial resistisse a um mundo super poluído devido ao petróleo e seus derivados que eles controlariam

Resumindo, os maquiavélicos dos Americanos mataram milhões de pessoas por todo o mundo com o tabaco, apenas porque queriam controlar o mundo, controlando o petróleo. O mundo teria que resistir à poluição, criaram então grandes empresas tabaqueiras e disseminaram os cigarros.

O tabaco vai contra os ideias da Liberdade, Igualdade e Fraternidade porque mata mais pobres que ricos, mais miseráveis e desfavorecidos, mata mais gente no mundo em desenvolvimento do que no mundo ocidental.

Culpo eu então a maçonaria americana e por certo será julgada, não sei se pelos homens se pelo divino, pela morte de milhões de pessoas em todo o mundo, apenas porque queriam ter a hegemonia do planeta.

Para estes actos existe apenas um adjectivo, são uns assassinos em massa, o que os americanos provocaram no século vinte foi um genocídio generalizado.

Deixemos de fumar e deixemos de ser tão dependentes dos combustíveis fósseis.

Em nome da verdadeira Liberdade, devemos então lutar contra a hegemonia americana e contra o seu ideário maquiavélico.

Posted by João Pimentel Ferreira at 02:51AM (UTC)

Entre a sexta e a sétima arte

Sunday, November 01, 2009

Teço aqui as maravilhosas grafias visuais, utópicas a magnificentes. O desdobramento das imagens, a sua sequência temporal permite ao comum dos visualizadores definirem o observado como vídeo. O vídeo alcançou uma terceira dimensão, o tempo, o tempo intemporal, delimitado e transversal, irremediável e transcendental. O tempo e o mundo rege-se por periodicidades, mas o tempo é contínuo, assim como o cosmos. O Universo teve uma génese, e agora tudo se move, a imagem é quadrangular, tem dois eixos, e o vídeo, o cinema, a sétima arte atingiu uma terceira dimensão, tridimensionou a imagem e permitiu-nos acolher os estímulos de uma forma mais fidedigna, mais emotiva e sensorial.

O cinema, fenomenal e emotivo. propagandista e revelador, despótico e manipulado, ao serviço do mal. Pois a escrita é sim, a verdadeira forma de arte, é a primeira arte, é a primária grafia das sensações. Quem tem a maquinaria para elaborar um filme? Quem tem o poder financeiro para promover um filme? Quem tem o poder verdadeiro propagandeia aquilo que quer que as massas observem.
A escrita é pura e ancestral, pois basta-nos uma simples folha de papel e uma caneta

convencional para tecer os ímpetos lascivos extravagantes da alma...

Tecer através de teclados, ou seja teclar, espalhar para a posterioridade os sentimentos pelos quais passávamos, grafar aquilo que presenciávamos, raciocinar, meditar, orar, indagar sobre tudo o que nos rodeia enquanto seres empíricos e racionais e questionar, questionar sobre aquilo que fomos educados a aceitar; é que nem tudo é aquilo que parece, os pedreiros-livres questionaram Deus, questionaram o poder e a omnipresença de uma entidade regente que nos rodeasse e que estabelecesse as leis do equilíbrio Universal, mas não permitem que eu questione aquilo que me rodeia, aquilo que me envolve. Pois questiono ao absorver a sétima maravilhosa arte do filme "O Piano" e questiono porque a ouço, questiono porque é que tenho sete altifalantes no quarto, porque é que tenho uma tela rectangular à minha frente e o porquê da marca ser esta, questiono sobre muito e sobre tantas coisas, e gosto de gravar os sentimentos sensoriais que nos atormentam o ego, a psique, a alma.

A psique é tão poderosa, a mente é poderosíssima, permite-nos alcançar os maiores objectivos e no entanto fomos educados a rejeitar tais conhecimentos ocultos. Os psiquiatras, são os proxenetas institucionalizados pela sociedade que se limitam a onerar as prescrições cujas substâncias químicas o paciente funestamente ingere. A psique é poderosa, e as patologias da psique, termo grego que significa alma, devem ser sanadas através dos desígnios ocultos da mente, dos seus simbolismos e das suas metodologias para incutirem num ser sentimentos altivos ou depressivos. Ouvir esta música d'"O Piano" é uma sintomatologia de que me sinto deveras emocionado com a sua melodia. A sétima arte aqui é maravilhosa, mas continuo a regrar-me a a reger-me pela sexta: A escrita.

Posted by João Pimentel Ferreira at 02:00PM (UTC)

A união entre o Santander e o Totta

Tuesday, October 27, 2009



Estarei senil, estarei com ideias dementes? Talvez, não o sei ao certo, o que sei por certo é que existem diversas condicionantes que me envolvem, que me incutem na mente ideias que renego e desprezo. Ora vamos dar um pequeno exemplo. Há tempos o banco Santander decidiu unir-se ao Totta. Porquê? Poderá ser uma simples união com propósitos bolsistas, ou com o intuito de alargarem o nicho de mercado a nível ibérico.

Mas não, há algo conspirativo por detrás desta união, que o mais comum dos mortais desconhece. Ora vejamos, teremos que evocar aqui um pouco de ciência oculta, como a numerologia e a simbologia. Termos de saber um pouco de psicologia colectiva e de psicologia do foro do subconsciente. O subconsciente é poderosíssimo e é possível enviar sinais ao subconsciente através de meras palavras ou frases que sejam amplamente difundidas.

Façamos aqui uns pequenos ajustes à junção destes dois nomes que formou este novo banco.

- Santander Totta - Se afastarmos as três últimas letras do primeiro nome ficamos com
- Santan der Totta - Podemos ainda afastar o último 'n' da primeira palavra formada, ficando com
- Santa n der Totta - Sabemos que a letra 'n' minúscula é formada graficamente pela junção dum pequeno traço vertical mais um pequeno gancho à sua direita, ou seja, n = l+?, ou algo similar, o 'n' é a letra 'l' mais um pequno ganho à direita. Esse gancho pode ser ignorado, pois nada significa, ficamos então com.
- Salta n der Totta - O 'n' isolado significa a união no calão inglês de duas frases imp'erativas.
- Salta e der Totte - 'Der' é o artigo definido na língua alemã
- Salta e o Totte - Ora Tote é o nome do negro que me anda a atormentar a vida e a ofender a minha integridade intelectual, instigando-me aos actos mais perversos. Totte é também parecido com 'Tod' que significa Morte em Alemão. Ficamos então com
- Salta e a Morte



É esta a verdadeira função da união dos dois bancos, do Santander e do Totta. Existe algo chamado subconsciente que interpreta as formas e as letras, não como julgamos, mas de acordo com os nossos instintos primários e de acordo com os nossos sentimentos presentes.

Ora é isto que as sociedades secretas querem instigar no povo Português e a mim especialmente, querem instigar sentimentos suicidários que deveremos a todo o custo rejeitar. Portugal está dominado pelas forças maçónicas estrangeiras, e os nossos governantes já não têm qualquer autoridade moral nem institucional para reger o país, pois estão sob o comando de forças secretas estrangeiras que em nada favorecem a língua e a cultura Portuguesas. Querem instigar sentimentos perversos no povo Português ao associarem estes dois bancos. Façam um boicote a estes bancos. Não metam lá dinheiro.

Isto poderá parecer ao caro leitor ridículo. Mas não o é. As ciências ocultas, como a astrologia, a numerologia, o poder dos símbolos, são conhecidas desde há milénios pelas sociedades secretas e estes conhecimentos sempre foram transmitidos de geração em geração secretamente. A Igreja sempre conheceu o poder dos símbolos, por isso sempre se revestiu a si enquanto instituição ecuménica, e aos seus templos com bastantes objectos simbólicos, sendo a cruz o maior ícone simbólico. As sociedades secretas modernas conhecem bem essas técnicas, e o poder das ciências ditas ocultas, poderosíssimas, mas que eles adoram ridicularizar. Aliás, o cidadão comum tem um forte cepticismo em relação às ditas ciências ocultas, porque será? Porque são ridicularizadas pelas sociedades secretas regentes, e porquê? Porque estas sabem que estas ciências são poderosíssimas.

As ciências ocultas não se baseiam simplesmente num mero acto adivinhatório ou de superstição. Envolvem o poder enorme que tem a nossa mente, nomeadamente o nosso subconsciente, para termos controlo sobre as nossas vidas, envolvem conhecimentos sobre o campo magnético dos astros, e como estes influenciam as nossas atitudes, pois o nosso cérebro é influenciável magneticamente. E baseiam-se em algo fundamental, que é o factor repetitivo. Há milhões de anos que vemos a lua com as suas quatro fases

em torno da terra, que vemos o percurso do sol no céu, que vemos as estrelas e as constelações no céu nocturno, que celebramos equinócios e solstícios. Há milhões de anos que nos atraímos por homens e mulheres viris e pelos seus sinais de pujança. Há milhões de anos que idolatramos sinais e símbolos de fertilidade e de virilidade. Que tais sinais nos trazem esperança e felicidade. Objectos fálicos espalhados pelas metrópole têm esse intuito.

O ser humano não é apenas aquilo que começa a ser quando nasce. Traz consigo um legado evolucional e genético de milhões de anos. E isso reflecte-se nos sentimentos e nos comportamentos. A luz traz-nos alegria, a escuridão traz-nos melancolia. E isto não se educa, é primário, poderemos simplesmente habituar-nos.

O vermelho no logótipo do Santander Totta, pois eles sabem que é uma cor forte que incute nos indivíduos sensações fortes e intensas. E depois esses mações, pertencentes a todas essas sociedades secretas querem escravizar o povo Português, querem matar o mero cidadão que se revolta contra eles e contra o seu despotismo, contra o seu maquiavelismo, e contra a sua hegemonia hedionda.

Abulamos as sociedades secretas e revelemos o seu conhecimento ao comum dos cidadãos

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:33PM (UTC)

Preceitos para a vida

Tuesday, October 20, 2009

Sempre me questionei se existem coincidências. Será que o que me reodeia é simplesmente obra do acaso, ou se as coisas e os lugares e objectos estão manipulados para certos princípios e fins que conheço bem?

- Será que a disposição do cartão matriz que tenho da CGD é mera obra de números aleatórios? Ou será que tem algum intento que desconheço? Uma combinação numérica com o propósito de me condicionar a atitudes e estado de espírito que não controlo e domino.
- Será que a publicidade da Vodafone tão difundida simplesmente com a frase "Power to you" tem algum propósito que desconheço?
- Será que o meu carro Seat Ibiza, tem controladores remotos de velocidade e sensores inerciais que medem todos os movimentos que faço, e que em função de tais movimentos as publicidades da Seat com a música da Shakira são elaboradas em função da minha forma de conduzir?
- Será que o sistema operativo que utilizo, o Ubuntu, foi concebido para me tomar, ou inibir-me de tomar certas atitudes ou actos mais que plausíveis num homem erudito com a inter-rede e processadores de texto à sua frente?
- Porque é que existe similaridade silábica em todas as línguas românicas e germânicas entre Eslavos e Escravos. Slave and Slav sound similar
- Porque é que as torres gémeas foram destruídas num onze de Setembro ou seja 11/9, quando as torres formam em si mesmas um onze gigante. A destruição da feminilidade, pois o número dois é um dos primeiros números associados à feminilidade e à respectiva passividade.
- Porque é que a palavra "cai" está difundida em meu redor na música e nas palavras, assim como o seu número anexo o 319?

- Porque é que a maçonaria americana escolheu um negro para messianizá-lo como Presidente da sua nação?
- Porque é que me impuseram um novo telemóvel com ecrã maior, mais lento, com mais imagens subliminares, com programas mais lentos que alternam de imagens constantemente, para que possam inserir-me no subconsciente as sensações que eles querem? Simples, deita o teu telemóvel fora e vai buscar um arcaico que funcione, é simples.
- Reparemos que o nome Cátia tem nas suas letras a palavra inscrita "cai"
- O fundo do computador é extremamente importante, para te incutir sentimentos de tranquilidade ou revolta
- Não uses telemóveis modernos, usa-os arcaicos
- Reza muitas vezes ao dia, as tuas orações do bem e da bondade
- Quando vires imagens que possam suscitar intranquilidade ou sentimentos que desconfies, fecha os olhos
- Tenta não observar publicidade. Tem fins perversos e impuros
- Observa, apenas quando necessário, televisão, e de longe
- Não ouças repetidamente a mesma canção, pois estás a absorver os seus ideais e a suas letras, que têm fins pouco próprios e maléficos
- Não dês muita conversa a estranhos. Estão possuídos pelo mal, mesmo sem o saberem. Não que eles o desejem, mas foram contagiados e fazem parte da seita.
- Tenta evitar o tabaco que é extremamente maléfico à saúde, e é apenas uma forma de os americanos fazerem os seres humanos resistirem melhor à poluição que eles propagam no mundo com os seus carros e fábricas e empresas ligadas ao petróleo. Foi uma forma de habituarem o corpo humano à poluição intensa. Os fracos perecem de cancro, os fortes resistem e transmitem essa resistência às gerações vindouras. Ao fim de cinco gerações fumadoras os homens estarão mais resistente ao fumo provocado pela industria americana que o petróleo gera
- Tenta evitar a carne e o peixe. Torna-te amigo do ambiente e em consonância com a Natureza. Poupa a vida animal e poupa a Natureza. Come apenas vegetais. Torna-te vegetariano.
- Ama uma mulher que te respeite e que tenha consideração por ti. Concebe, elabora uma prole, e transmite-lhe estes valores.
- Reza muito, sempre para praticares o bem, para fazeres o bem ao próximo, sê caridoso, sê filantropo, ama o teu próximo, e se alguém te agredir, perdoa-lhe e evita a angústia e a raiva.
- Tudo o que tentares alcançar, fá-lo única e exclusivamente de forma pacífica, sem nunca incorreres em atentados e ao bom nome do teu próximo.
- Escreve, escreve, indaga, não apenas com aquilo que lês, mas também com o pensamento e com aquilo que vês.
- Abomina o Capital, rejeita os endinheirados, vive uma vida humilde e sê feliz.
- Mantém sempre as janelas e as portas fechadas, para não entrarem sentimentos negativistas
- Deixa apenas que entre luz solar através dos vitrais
- Reza, Ora, Medita
- Troca as palmilhas dos sapatos que têm algum significado que desconheces
- Ama a tua companheira, que ela há-de reconhecer o Amor que nutres por ela

Indaga e questiona aquilo que vês, questiona aquilo que lês, indaga sobre aquilo que ouves, aquilo que cheiras, aquilo que sentes na alma no estado de espírito ou apenas sensações da pele ou de dor ou folia, questiona sobre o que tens vestido, indaga e questiona tudo aquilo que absorves enquanto ser empírico. Fecha os olhos num retiro espiritual e raciocina enquanto animal racional que és.

Raciocina, usa a razão pura tal como referia o génio Kant, usa a razão pura, a asbtração racional para questionares sobre tudo o que te rodeia. Lembra-te, se praticares o bem, Ele recompensar-te-á na vida terrena. Questiona sobre tudo o que te rodeia, indaga sobre tudo que inalas, sobre tudo o que cheiras, sobre todas as sensações, afere sobre tudo o que te é incutido nos cinco sentidos.
Compara, analisa, escuta e questiona, lê e duvida, veste-te e observa-te.

Não duvides somente do amor que nutres pela tua amada companheira e estabelece esse matrimónio junto do estado e das igrejas.

Só há uma verdade irrefutável. Deus existe e Ele protege-te. tudo o resto é acessório.
Vive a vida feliz e harmoniosa, e viverás com a consciência tranquila por diversos anos até atingires um centenário.
Posted by João Pimentel Ferreira at 01:00AM (+01:00)

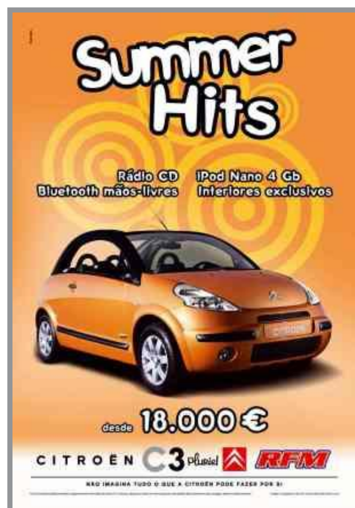
O Ensino do Inglês em Portugal

Tuesday, October 20, 2009



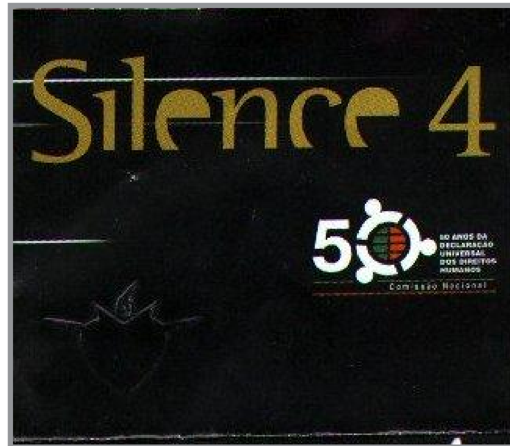
O iluminismo contemporâneo pressupõe a adoração e veneração do homem enquanto ser pensante e consciencioso, renegando os preceitos éticos e religiosos para planos secundários. Tal como refere Saramago, a bíblia é não mais que um manual de maus costumes, relegando a humanidade e a filantropia, tão venerada pelos pedreiros-livres para patamares desprezíveis. Viva o iluminismo, viva a maçonaria, vivam os americanos salvadores da humanidade e defensores da democracia universal. Vivam os pedreiros-livres que libertaram os escravos e cederam às mulheres as liberdades e garantias fundamentais do ser humano.

Há mais passos a tomar. Portugal deve e tal tem que ser concretizado o mais rapidamente possível, colocar o Inglês como segunda língua oficial do estado. Sócrates já deu e muito bem, o acesso do Inglês às crianças do primeiro ciclo escolar. O Inglês já é obrigatório em qualquer emprego prestigiante, já é necessário para a conversação mais vulgar, já é a língua utilizada nos fóruns e sítios da rede sociais, mesmo entre pessoas nativas de uma língua que não a Inglesa (Portugueses a trocarem mensagens em Inglês porque fica bem e é chique).



Deveremos dar o próximo passo: Colocar o Inglês como segunda língua oficial do estado Português. Em nome da velha aliança que temos com Sua Majestade. Se diversas ex-colónias Africanas têm o Português como língua oficial, porque é que Portugal não poderá ter o Inglês como segunda língua oficial? É simples, prático,

elementar, a gramática é fácil de ensinar, é falado em todo o mundo e serve de comunicação institucional entre figuras de estado e meros cidadãos globais que tentam comunicar. Se nós somos uma colónia subliminar e latente dos Americanos e dos Ingleses que sempre adorámos dados os nossos fortes laços de amizade entre nações, porque não colocar o Inglês como segunda língua oficial do estado.



Nas ruas, nas publicidades, no parlamento e na televisão deveriam passar mais textos em Inglês, deveria ser obrigatório o sistema bilingue para comunicação institucional. Nas faculdades deveria leccionar-se somente em Inglês. No parlamento deveria apenas falar-se em Inglês. Os deputados da nação são muito arcaicos e ortodoxos ao usarem termos muito elaborados na língua Portuguesa. Deveriam vender-se mais livros em Inglês. Deveria-se obrigar as crianças da nossa escola desde muito cedo a aprender a falar a língua Inglesa. Eu acho que os jovens Portugueses deveriam praticar mais a língua Inglesa. É uma língua simples, universal e franca por natureza. Serve para comunicar a nível mundial.

As marcas, os logótipos, mesmo as marcas nacionais acho que deveriam ter mais termos provenientes do Inglês. Deveríamos ter mais termos técnicos impossíveis de traduzir para a língua Portuguesa por forma a que o Inglês fosse mais profícuo. Deveriam de existir mais publicidades em inglês. Deveriam de existir mais filmes em Inglês, considero que são escassos, por forma a que os jovens treinem mais a língua mais falado no mundo ocidental. Deveria ser obrigatório no meu ponto de vista, o Inglês, para qualquer concurso de emprego.

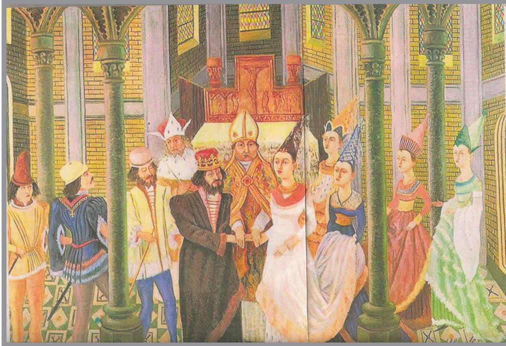
Considero aliás, que o espaço radiofónico Português carece de músicas cantadas em Inglês. Passam muito poucas, deveriam ser muito mais, por forma a habituar os jovens a ouvir esta língua tão aclamada a nível mundial.

Resumindo, se eu fosse regente da nação tomaria medidas certas, sensatas e moderadas para modernizar e internacionalizar o país, por forma a torná-lo uma nação produtiva. E se queremos integrarmo-nos no mercado internacional, todos sabem que o domínio do Inglês é fundamental. Tomaria as seguintes medidas enquanto governante da nação Portuguesa

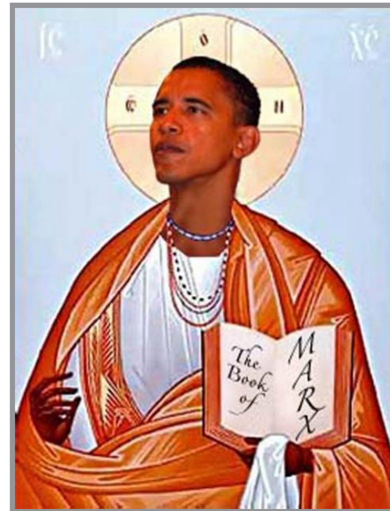
- Proibia o ensino de qualquer outra língua estrangeira, que não fosse a Inglesa
- Obrigava os cinemas nacionais a passarem mais filmes em Inglês
- Começaria a ensinar o Inglês, desde o primeiro ciclo, para que as crianças se ambientem ao idioma
- Colocava quotas elevadas nas rádios para que estas fossem obrigadas a passar um certo número de horas de músicas em Inglês
- Obrigava os deputados do parlamento da nação a falar Inglês, em certas sessões, para que os estrangeiros se inteirassem melhor do nosso panorama parlamentar e democrático
- Obrigava que as sinaléticas públicas tivessem indicações em Inglês, para melhor

ambientação dos estrangeiros

- Forçava ou incentivava as empresa Portuguesas a usarem nomes com palavras em Inglês para que fossem mais bem aceites no mercado internacional
- Dava fortes incentivos fiscais a escolas de Inglês, e daria cursos gratuitos ao povo em geral, e especificamente a certas profissões ou actividades como polícias, taxistas, varredores de rua, empregados dos cafés e bares em zonas turísticas como o Algarve ou Cascais. Obrigava os trabalhadores de hotéis, estações ferroviárias e aeroportos a falarem Inglês.
- Obrigaria que qualquer concursos público tivesse cem por certo dos colaboradores da empresa em causa a falarem Inglês
- Institucionalizava o Inglês como segunda língua oficial do estado
- Obrigaria o Presidente da República (em cerimónias de estado internas e efemérides de renome) a falar pelos menos sessenta por cento do tempo em Inglês



Tudo em nome da mais velha aliança da história universal, que data do século catorze, entre o Reino de Portugal e o Reino de Inglaterra. Não casou o nosso Grão-Mestre de Avis, El-Rei D. João I com Filipa de Lencastre, uma inglesa, por forma a consagrar esta velha aliança. Sempre fomos povos irmãos, sempre beneficiámos com o comercio com o reino de Sua Majestade. Sempre tivemos relações institucionais amigáveis, cordiais e fraternas. A questão do mapa cor-de-rosa foi um mero desentendimento diplomática. A questão da Índia não deveremos evocar, e as perdas comerciais que tivemos com o fracassado negócio dos vinhos do Porto que exportávamos e dos tecidos Ingleses que importávamos a custos elevadíssimos foram meros detalhes contratuais.



Para terminar como governante proporia à camara dos Lordes e à câmara dos comuns, aos senhores feudais, aos mações, à nobreza Inglesa que aceitasse o Português, como sinal de retribuição institucional e fraterna, como segunda língua oficial do Reino Unido.Good save our noble Queen

E no seguimento desta veneração generalizada, colocaria o Sr. Obama como padroeiro de Portugal. Afinal é bem mais reconhecido e fez muito mais pela paz e pelo estado Português que a Nossa Senhora da Conceição, que poucos conhecem ou que nunca ouviram falar.

Viva o Mundo Anglo-Saxónico, viva a maçonaria americana, viva Sua Majestade a Rainha de Inglaterra

Viva a língua Inglesa e todos os seus súbditos.

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:22AM (+01:00)

A Eslava divina da carne

Sunday, October 18, 2009



Minhas caras e divinas donzelas
Como vos amo, nesta sofreguidão
Belas pernas, e em Frielas
Longínqua cidade: A solidão

Porque me frusta a ansiedade?
Porque se anseia a metafísica
Ter-te-ei, é a saudade
Minha dama, paixão idílica

Belas coxas, em que me perderei
Que contornos, que não alcanço
Toco-te e já não sei
Se sonho, ou se descanso



Incultas divas da carne
dos prazeres das eslavas fecundas
O ódio, a razão, são parte
das sensações mais imundas

Pois amo-vos com fatídico desejo
Checas, Polacas, Romenas
Tal a vida, é o meu ensejo
Anseio porém, mulheres amenas

Escrevo sem saber quem sou
Não conheço quem sou eu
Sou o poeta que perdurou
Através do escuro, através do breu

Minha cara amante, como és bela
como anseio o prazer do veludo
do teu corpo, tal Cinderela
contemplo-te inquieto e mudo

Atrair-me por carnais tensões
Por espiritual e sanguinário desejo
A música eleva os corações
Amar-te-ei eternamente: Prevejo



As dores das minhas palmas
dos cotovelos e ombros recalcados
Recalcam as sofridas almas
Por palmas de pés pisados

A caneta desliza soberbamente
Através de virgem e imaculada
Folha de papel, que solenementese
entrega herege e desregrada

Entrega-se à tinta e seu sabor
Entrega-se aos versos que lhe dedico
Saboreia-se com o seu teor
Desvirtua-se, qual velho rico!

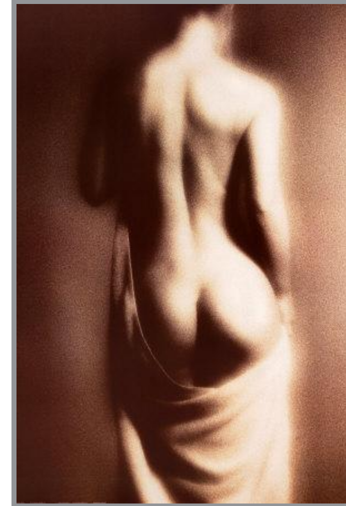
A imaculada e virginal folha
entrega-se sem oferecer luta
Tal como qualquer trolha
se delicia em escaldante puta

Questiono-me sobre a fonte inspiratória que deu a génese a estes versos, esta composição composta por diversas quadras, por certo lembro-me que ao tecer estes versos estava deitado na cama a descansar, no prelúdio febril de uma noite por dormir, e imaginava diversas e intensas sensações primordiais. Tecia estes versos com uma caneta num bloco de notas, e imaginava pedreiros-livres a observarem-me e a deliciarem-se com os meus textos empolgantes e libidinosos. Bem sei que tais seres se deliciam em festins privados com musas carnais, e eu fazia apenas uma pequena ironia literária e poética a tais aforismos que julgava como certos dos rituais libidinosos das sociedades secretas. As Eslavas, não sei ao certo se devido às similaridades silábicas nas línguas latinas e germânicas com as escravas, sempre me incutiram uma atracção inconsciente à qual nunca consegui encontrar uma raiz para tais ímpetos da libido em relação às divas do leste europeu. Mas sei-lo desde novo que os seus traços faciais degeneram no meu sangue sensações fervorosas e eruptivas que não consigo descrever. As Eslavas são atraentes, belas, alvas, astutas, inteligentes, mas confesso que depois de conhecer algumas, demonstraram ser um tanto frígidas, talvez devido às condições adversas do clima que desde há milénios têm de suportar. Por vezes a cultura das Eslavas torna-as um pouco egocêntricas, a tanger o egoísmo. Mas as suas qualidades físicas e intelectuais diria que superam qualquer mulher universal. No entanto creio que têm algumas carências morais no que concerne ao altruísmo, caridade e dedicação ao próximo. Refiro a cidadela de Frielas pois procurava eu encontrar no país onde nasci, uma beldade lusitana que me relembrasse os tempos onde contemplei alvas e esbeltas mulheres por paragens eslavas e boreais, peles cândidas e faces divinais, mas que tais dotes físicos e intelectuais fossem complementados com qualidades altruístas, caridosas, fervorosas, carinhosas e ternas das mulheres latinas. Aponto eu a ternura e o carinho como as grandes carências do foro sentimental das mulheres Eslavas. Tais qualidades, são muito mais profícuas nas deidades do sul. Pois Frielas é a cidadela onde procuro o equilíbrio. Uma fria localidade no quente país onde nasci. Encontrei e bela e formosa Nádia, com nome eslavo, traços corporais de uma eslava, traços faciais de uma latina, terna e carinhosa, qualidades sentimentais proeminentes nas mulheres austrais. A elaboração destes escritos forma em si mesma, um prelúdio do enlace afectivo que estabeleci com a bela e adorada Nádia.

Posted by João Pimentel Ferreira at 01:57PM (+01:00)

À musa de Lisboa

Friday, October 16, 2009



Sendo eu um poeta de Lisboa
Porque é parca, a minha rima?
Fluxo inspiratório: A concubina
que observo, e me atordoa

Camões, Bocage e Pessoa
Poetas da génese, feminina
Contemplo a face mais divina
que me inspira, e me afeiçoa

Observo os traços magicais
Sublimes gestos, com que suspiro
Hirtos seios divinais

Douto Poeta, mero indivíduo
Nádegas fenomenais
Dedico-lhe este soberbo hino

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:28AM (+01:00)

O Império Maléfico

Thursday, October 15, 2009



Observo o império maléfico
Ateu, libertário, horrendo
Geram no mundo tormento
Com o seu arsenal pérfido

Proclama o seu líder herético
que vê o pobre gemendo
que vê o fraco sofrendo
que morre de fome esquelético

Iraque, Síria, Irão
Nações a destruir
China, Coreia, Japão

Dos átomos vão usufruir
E da austera destra mão
Os povos vão sucumbir

Novo Mundo tão imundo
Pérfido, Ímpio, Fugaz
O Poder é o que te apraz
nesse recanto soturno

És um império Moribundo
Podre és, foste e serás
O Novo Império é quem jaz
no túmulo mais profundo

Os outros são te indiferentes
O Capital, a primazia
Pérfidos descrentes

Só evocas a alegria
Quando falas, apenas mentes
É parca a tua euforia

—

Posted by João Pimentel Ferreira at 01:53PM (+01:00)

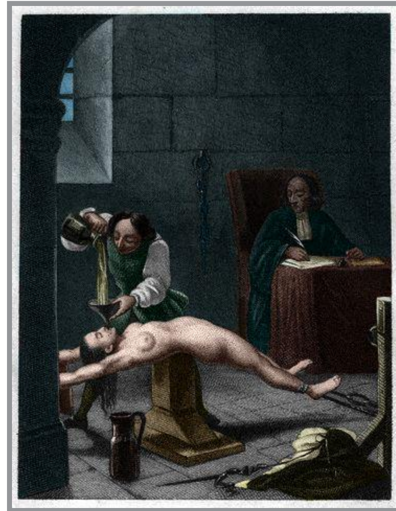
O iniciado Português

Thursday, October 15, 2009



A iniciação

Tinha as pernas abertas, as nádegas assentavam sobre uma maca branca, e o cenário era horrendo, hediondo. Uma lâmina acutilante perfurava-lhe o interior das coxas, devagar, suavemente, lentamente a ponta de uma espécie de bisturi ia-lhe perfurando e trespassando uma das zonas mais sensíveis do corpo, o interior das coxas. As pernas estavam arqueadas e abertas, os pés estavam unidos e a posição relembra um ritual sacrificial, tortuoso, inconcebível ao mais comum dos mortais, aos profanos que por certo não estão preparados para acolher certos ideais iniciáticos. A lâmina afiada, acutilante, aguçada, aguda continua a rasgar a pele. Vai desde o baixo ventre, atravessa a zona das virilhas e chega à extremidade dos joelhos, sempre pelo interior das pernas, depois passa para a zona dos gémeos. A lâmina é incisiva, perfurante a deixa um rasto de pasta liquefeita de tom avermelhado, presumindo-se ser sangue. Depois a ponta do bisturi chega à zona do calcanhar, dirigindo-se para a zona da planta do pé. O corte na planta do pé é profundo e a dor é insuportável, a tortura é atroz, dirão as mentes mais sensíveis, mas o ritual é imprescindível dadas as vicissitudes da situação. A ponta da lâmina dirige-se agora para a planta do outro pé e toma o caminho ascendente pela



outra perna até à zona do umbigo. A boca do iniciado encontra-se amordaçada com uma rédea própria para a zona da face. Tapa-lhe a boca não o deixando sequer suspirar. A dor é inimaginável, é atroz e hedionda, forte e compulsiva, o individuo entra imediatamente em espasmos e convoluções, torce-se, estica-se, mas o seu corpo permanece firme preso pelas correias que o seguram. Mas a que se deve tal cenário que o comum dos mortais imaginava ver apenas em cenas inquisitórias da idade média? A resposta é deveras muito simples, trata-se do método iniciático associado a todas as sociedades secretas. De seguida vêm as agulhas, as suas temperaturas são extremamente ferventes, são escaldantes, a cerca de cento e cinquenta graus cada uma, estão inseridas numa caixa firme que as suporta e que tem a forma, a silhueta da parte frontal do corpo humano de pernas abertas com os pés juntos. As agulhas estão hirtas e firmes, fervorosas, escaldantes e ferventes aproximam a sua extremidade ao corpo do homem jovem que se encontra na maca. A outra extremidade das agulhas encontra-se ligada a um dispositivo electrónico que gera corrente eléctrica e sendo as agulhas de metal os electrões impulsionados por forças físicas até recentemente ocultas estão prontos a dirigir-se a velocidades luminosas pelo parco e frágil corpo do homem. O suporte que sustenta as agulhas desce lentamente, e estas num estado fervente começam a perfurar a carne. O homem contorce-se, treme, torce-se, geme, mas as agulhas já perfuraram, e os electrões sequiosos de um corpo condutor, que formam cargas positivas e negativas nas extremidades das agulhas, começam a fluir pela carne tenra. A corrente eléctrica é enorme e fugaz, é impulsiva, ora tem picos cujos valores debitam elevados amperes ora tem baixios que não provocam dores, é a tão denominada corrente alternada, mas aqui com uma frequência muito baixa perceptível ao jovem que é torturado. O mais banal dos profanos não consegue encontrar a génese para tanto sofrimento, mas a resposta é deveras simples. Encontra-se nas teorias de diversos estudiosos no foro da psicologia; é preciso explicar através da experiência dolorosa que certos actos são assim puníveis se por acaso o novo homem se desvirtuar. O homem novo vai ser absorvido pela sociedade secreta, e vai ter acesso a conhecimentos que são desconhecidos aos comuns dos profanos, precisa de ser ensinado que certas atitudes desviantes são punidas com a dor extrema. Só assim pensam os iniciados, os mesmos que já passaram pelo mesmo processo, se atinge a rectitude e a obediência. Mas porquê este homem está a ser torturado, está a passar por este processo tortuoso? É um homem recto, probo, íntegro, vertical, inteligente. É por isso mesmo. Este mesmo jovem já era observado secreta e muito discretamente pelos iniciados há cerca de dez anos. Observavam-no, vigiavam secretamente os seus movimentos, as suas atitudes, os seus escritos, as suas relações pessoais, mas sempre muito discretamente, e asseveraram-se que este homem era bondoso e caridoso, e que mais tarde haveria de ser um dos iniciados. E como o colocaram nesta maca branca?



Deus é perfeito e criou o homem à Sua semelhança, mas há que tentar compreender a que imperfeição humana faz parte da perfeição divina.
O homem, tem sempre um ponto fraco, algo por revelar, algo que não transmite ao seu mais próximo. O homem tem sempre algo secreto, um pequeno pecado mortal luxuriante, uma transgressão ética ou moral, ou se deixa secretamente atrair por outros seres do mesmo sexo, ou frequenta discretamente lupanares entregando-se aos prazeres da carne, ou vagamente corrompe, ou inala ocasionalmente substâncias ilícitas, ou num momento de maior angústia e sofrimento, desrespeita os amigos e a família; e estas sociedades que o observavam secreta e discretamente, colaboraram para que o homem se afundasse no vale sensorial e pecaminoso para que o apanhassem num momento ímpio de delírio emocional. Será que o homem novo tinha tendências homossexuais recalcadas, será que tinha desejo, sendo probo e recto, de se envolver com alguma luxuriante e voluptuosa concubina, será que o homem num momento de desespero emocional se entregou aos vícios da droga, será que corrompeu? Os iniciados provocaram o evento, desencadearam a captura. O homem novo, quando ainda profano, revivia energicamente todos aqueles anúncios apelativos de musas a trocarem momentos de prazer a troco de numerários acessíveis à sua condição financeira, o homem intrigava-se e vivia num dilema moral. Será que se devia entregar aos prazeres da carne com uma musa voluptuosa que pedia única e exclusivamente como retorno umas poucas quantias numerárias? Folheia o jornal, e depara-se com um éden maravilhoso, centenas de sereias de portos de abrigo, sereias de terra seca, incutiam no homem sensações luxuriantes, sensações vigorantes, viçosas, que o exuberavam interiormente. Folheava o jornal diariamente, e questionava-se se tais actos seriam puníveis pelo todo o poderosos, pela divindade que acreditava, questionava-se se tais actos eram reprimíveis pela conduta social, intrigava-se interiormente se se deveria entregar a actos libidinosos com uma deusa, não por afecto ou por amor, mas pura e simplesmente por tensão carnal. Vivia num dilema interior, será que os ímpetos primordiais, será que os ensejos primários deveriam subjugar o intelecto e a razão? Será que a besta, relembrando aquela clássica dicotomia entre a besta e o anjo; será que a besta se deveria sublevar rechaçando a razão para patamares inferiores? Grandes homens da ciência haviam morrido virgens! Grandes filósofos e teólogos haviam perecido às mãos do divino sem nunca terem presenciado as ímpias sensações do foro corporal! E o homem intriga-se, sendo inexperiente ele também no domínio das sensações erógenas, e não tendo companheira com a qual pudesse partilhar os momentos amorosos, intrigava-se se se poderia entregar aos prazeres imundos da libido. E os iniciados que o observavam sabiam-no, observavam-no secretamente e sabiam-no, sabiam tudo sobre o novo homem, e sabiam mais sobre o ego e as sensações do homem, que ele próprio sabia sobre si mesmo. Com todos estes conhecimentos, os iniciados da ordem secreta prepararam a cilada, a captura para o processo iniciático.
Dias antes os iniciados haviam capturado e sucumbido aos seus preceitos uma mulher deveras bela e formosa. Seria o chamariz perfeito! A sua beleza observava os tratados divinais mais exigentes. As linhas do seu corpo, obedeciam não só aos preceitos luxuriantes mais exigentes, mas mais importante ainda, estavam de acordo com os desejos singulares do homem a capturar. Haviam estudado os prazeres e os gostos pessoais do homem a iniciar, haviam indagado sobre o tipo de mulher que mais lhe aprazia. O nome obedeceria a preceitos numerológicos ocultos que incutiriam no novo homem o desejo insaciável. O nome seria Cátia, nome luxuriante, que começa com uma consoante forte, terceira letra do alfabeto e por sinal sendo a terceira evoca a fertilidade associada ao número três. A onomástica é uma das ciências que os iniciados bem conhecem, mas não apreciam revelá-la aos profanos. O número de contacto da meretriz, teria que ser apelativo, lembrando aqueles anúncios publicitários que passam

normalmente de madrugada na televisão onde o número seis está bem presente. O seis é um número, que por exemplo nas línguas germânicas, é luxuriante dada a similaridade silábica com o acto fervoroso da concepção. A frase a publicar no jornal seria apelativa e irrecusável, e a meretriz, ciosa da sua função de chamariz, atenderia apenas aquele número específico, o número do celular do homem a iniciar. Haviam sido criadas as condições perfeitas para que o homem se sentisse atraído por aquele contacto específico. O anúncio seria um dos primeiros do jornal e com lugar destacado. Os iniciados conheciam muito bem aquilo que atraía o homem, conheciam-no bem, eram sabedores e estavam bem cientes dos seus desejos mais interiores, conheciam a sua alma e os devaneios do seu ego.
Um telefone móvel, colocado em cima de um pequeno armário vibra, apela aos seus possuidores que se movam na sua direcção. Cátia, ciente da sua tarefa, e já bem treinada pelos iniciados, atende com uma voz luxuriante a chamada do homem a iniciar. A voz da meretriz era singular, tinha sonoridades que incutiam nos homens as sensações mais primárias, a voz sensual feminina possuía frequências auditivas que ressoavam e vibravam com o interior do homem mais fervoroso. Depois de atendido o telefonema, deu-se o primeiro passo, a conversa era deveras sublime, sensual, tinha frases cheias de carga erótica, onde se estabeleciam as normas contratuais do acto a consumar, estabelecia-se o local da perversão, o numerário, e as posições mais atraentes e libidinosas. O homem sentia-se constrangido, inibido, falava pausada e nervosamente sobre todas as normas que haveriam de ser estabelecidas sobre a sua iniciação nos actos lascivos do corpo. Era a troca de termos e sensações auditivas que ansiara desde há vários anos, queria estabelecer um contacto erógeno com uma sereia dos sentidos carnais, já há várias Primaveras. Estabelece-se o local a hora combinadas, estabelece-se o numerário, estabelece-se as condições do acto propriamente dito.
Chegado o dia do acto luxuriante, no local e hora estabelecidas, dá-se o impacto, a entrega à lascívia, os corpos unem-se num acto nada afectivo, nada carinhoso, dá-se o impacto, a confrontação carnal, os deuses que proclamam e reiteram sobre todas as normas morais por certo se sentiriam indignados com tamanho ultraje sobre a conduta moral de um homem supostamente probo. Dá-se a confrontação corporal. Os corpos unem-se, e o homem, nervoso, constrangido moralmente, entrega-se aos beijos de uma concubina que o coloca num estado eruptivo, quer psicologicamente, quer libidinosamente. Os beijos são ardentes, os toques das mãos são exuberantes, envolvem-se num acto conspicuamente mútuo e enérgico. Abraçam-se, os corpos entrelaçam-se, as pernas cruzam-se, e Cátia sacia o desejo mais ardente do homem que se inicia agora nos desígnios da carne. A tensão aumenta de forma exponencial, frases eróticas são permutadas por estes dois seres de sexo oposto que se unem num quarto de uma qualquer pensão da cidade. O desejo é solto no mais alto dos sentidos, sem que qualquer reprimenda moral o iniba, o homem solta-se, liberta-se dos constrangimentos colocados pela sociedade, e a viçosa concubina exacerba ainda mais os ímpetos do homem a iniciar. A tensão aumenta, e num estágio final o clímax é atingido. É a este momento posterior ao acto quase bélico da libido, que são dedicadas todas as epopeias, todas as odes, todos os revigorantes épicos, é a este momento de apoteose colectiva que se aplaudem as mais extaseantes sinfonias dos mais ilustres compositores. É neste momento de arrebatamento e de enlevo emocional, que os pianistas suados devido aos vários minutos em frente ao piano a interpretar uma sonata, enérgica e violentamente pressionam as teclas e se demovem em espasmos emocionais, com a conclusão alcançada no final da mesma. O êxtase tinha sido atingido, e o homem era já um iniciado no campo do desejo carnal. Mas ainda não era iniciado no campo do transcendental e do oculto. Para tal, haveriam de ser os iniciados da ordem secreta, a fazer com que o novo homem passasse para o campo do oculto. E para tal uma concubina é apenas um chamariz. Uma meretriz pode eventualmente ser o passo

para a iniciação carnal, mas não o é para a iniciação no campo das ciências ocultas.
O homem encontra-se deitado com Cátia, encontra-se relaxado, tem uma conversa circunstancial. De repente entram três homens encapuzados e armados com facas e armas de fogo. Proferem palavras agressivas atentórias a qualquer ser humano. Gritam, vociferam termos incutidos de raiva e cólera. Dizem estar a mando do proxeneta de Cátia e gritam com ela alegando que a matam e a estripam por esta não pagar a quantia necessária ao proxeneta. O homem é também ameaçado de morte, e ele diz ter dinheiro para saldar a sua dívida. Cátia desesperada diz que no momento não tem condições financeiras para saldar a sua dívida. Os homens armados ignoram o seu suplício e um deles puxa o gatilho. A bala viaja a velocidades enormes e cheia de energia cinética, pois esta é proporcional ao quadrado da velocidade e apenas linearmente proporcional à massa da bala. O peso da bala é insignificante, o factor essencial é a sua velocidade. A bala que depois de sair da câmara da arma viaja até à testa de Cátia e trespassa-a, entra no cérebro mole da jovem com facilidade, e sai pela nuca da pobre rapariga. Para os iniciados, Cátia era um chamariz dispensável, pois o objectivo maior seria assustar e capturar o homem a iniciar. A ele dão-lhe uma pancada na cabeça de lado e este desmaia e fica inconsciente. Acorda mais tarde numa maca branca onde é severamente torturado e molestado, onde as suas pernas são cortadas com bisturis e o seu corpo é trespassado por agulhas com potencias eléctricos. O torturador diz sempre que o há-de matar no final do processo, e homem apenas pede a morte o mais rapidamente possível; pensa energicamente que quer morrer. Num pequeno momento o torturador tira a rédea que tapa a boca do iniciado, e este suplica cheio de energia para que o matem de uma vez, dada a dor que está a sentir. Grita, suplica que quer a morte, apenas a morte lhe trará paz e sossego e não mais a continuação daquele sofrimento insuportável. O homem finalmente é sedado e adormece.
Acorda numa sala onde vários ilustres o rodeiam e um deles diz serenamente:
- Bem-vindo meu caro, agora que já pediste para morrer, nós conscienciosos do teu suplício decidimos aceder ao teu pedido.
O novo homem observa-se e apercebe-se que está vivo, que ainda está vivo, e que aliás deveriam ter passado muitas horas ou talvez dias, pois as feridas haviam todas sarado.
O mestre afirma novamente:
- Tu estás vivo, porque renasceste, aqui serás baptizado, terás um novo nome, novos princípios. Passaste pelo processo de iniciação, agora serás um de nós. Farás parte da ordem. Percebe meu caro, que desde tempos imemoráveis que os homens se unem em tribos, classes, grupos étnicos, unem-se porque têm algo em comum que apreciam partilhar. Mas quando partilham sabedoria que não é compreendida ao comum dos profanos, o processo iniciático tem que ser penoso. Desculpa caro irmão, todas as ordens têm processos iniciáticos, os católicos têm o baptismo onde as cabeças dos iniciados dos bebés são inseridas em água benta, os judeus têm a circuncisão, certas tribos onde se idolatram os jacarés aos novos membros é cortada a carne na zona dorsal para que se assemelhe a um jacaré. Acharias meu caro, que por acaso nas sociedades ocidentais mais desenvolvidas não haveriam processos iniciáticos no saber. Os grandes mestres foram iniciados, os grandes músicos e pintores, os grandes cientistas. Nós não tememos o divino, regemo-nos pura e simplesmente pela razão, pelos valores do iluminismo. A arte e a ciência são os nossos ícones meu caro, e tu sendo bondoso e probo soubemos valorizar-te a rectidão, como tal queríamos que fosses um de nós. Não o encares como uma absorção, mas como um abraço colectivo. Aqui serás protegido, serás encarado como um irmão, como um de nós
- E a Cátia, a mulher com que me envolvi emocionalmente.
- Não me interpretes mal, meu caro, mas a mulher voluptuosa com que te envolveste seria apenas o isco para que te trouxéssemos até junto de nós. Não me leves a mal, meu caro, mas a tua entidade, era bem mais importante que a vida da Cátia.

Compreendo a tua preocupação, mas a tua relação com a rapariga foi meramente carnal. Ajudar-te-emos a encontrar uma companheira que ames, e que sacie também os teus ímpetos da libido. O saber que aqui encontrarás é secreto, foi transmitido de gerações em gerações desde há milénios, sem nunca ter sido colocado nas mãos de profanos, exactamente porque entre nós pratica-se algo muito importante que é a obediência. A obediência proclama que nunca transmitirás para o exterior o que vires ou o que aprenderes aqui. E se tal se proceder, que bem sei que nunca irá acontecer, e que se contam pelos dedos de uma mão os casos que aconteceram desde há milénios, se tal acontecer; bem, creio que já presenciaste o suficiente para te aperceberes para as consequências dos actos desviantes. A dor que te incutimos serviu apenas para te mostrar meu caro, para fazer com que a tua psique se reja por princípios inesquecíveis de rectitude. Não o encares como um processo maquiavélico, encara-o, se quiseres meu caro, como um ensinamento corporal. Agora farás parte de nós, ajudar-te-emos em tudo o que precisas, temos os nossos contactos, temos os nossos meios. Pergunto-te meu caro, estás disposto a receber-nos assim como nós estamos carinhosamente dispostos a acolher-te?
Um silêncio gelado atravessa o salão, o novo homem responde:
- Sim, estou.
Ouvem-se palmas sublimes de homens mascarados e todos se dirigem ao novo homem, cada um cumprimenta-o e profere um bem-vindo. O mestre aproxima-se e diz para que todos o ouçam:
- Bem-vindo irmão, terás agora que fazer um pequeno juramento.
As instruções do juramento a efectuar são entregues ao novo homem, através de um papiro, o homem lê-o lentamente, passam alguns minutos e depois profere de forma calma:
- Juro defender a pátria portuguesa, a cultura e a língua portuguesas, professo os valores da igualdade, fraternidade e liberdade, juro defender os valores intrínsecos a esta nova ordem que me acolhe, juro defender todos os valores consagrados na nossa constituição, juro preservar de forma inequívoca os valores da língua de Camões e transmitir todos estes preceitos às gerações vindouras. Juro defender a integridade do estado, da nação e de todas as ordens similares à nossa no campo internacional. Concluindo, juro reger-me por um comportamento digno e obediente às normas aqui estabelecidas.

Trinta anos depois - A subjugação

O homem já deixou de ser novo, carrega consigo algumas pequenas rugas, a velhice não é avançada, mas a sua idade ronda agora os cinquenta anos, já subiu vários patamares na hierarquia da ordem que o acolheu. Já teve cargos importantes quer no campo político, quer no campo económico. Continuou a reger-se por padrões de integridade e de probidade. A sua conta bancária subiu significativamente desde que foi iniciado, tentou sempre pautar a sua doutrina pelos valores que havia jurado trinta anos antes. Escreveu vários livros, onde emancipou no campo internacional a cultura portuguesa. Foi sempre obediente aos preceitos que havia jurado e nunca ousou divulgar aquilo que presenciara nas reuniões secretas onde havia estado, nem nunca divulgou os ensinamentos ocultos que tinha assimilado ao longo destes trinta anos. Teve vários casos amorosos, conheceu várias raparigas e envolveu-se com muitas delas, mas tentou sempre ser fiel e honesto com cada uma delas, enchendo-as de paixão e amor quase platónico. Casou, sendo sempre fiel no mundo profano à sua esposa, mas em festins secretos deixava que a sua libido se entregasse aos prazeres carnais com várias parceiras pertencentes à mesma ordem, em rituais que se assemelhariam a uma homenagem ao antigo deus romano da ebriedade.

Uma manhã cedo o homem acorda, tendo a esposa a seu lado e liga o rádio. Ouve aquelas sonoridades estrangeiras, música anglo-saxónica, tudo músicas cantadas em Inglês com aquelas batidas apelativas ao ego dos indivíduos. A música cantada nesta língua e com estas sonoridades é quase omnipresente no espaço radiofónico nacional e o homem sente-se intrigado com o juramento que havia feito trinta anos antes. Continua a ouvir a mesma música e muda de estação, mas em Português ouve apenas palavras, comentadores políticos, sempre a mesma monotonia, ouve raramente uma música cantada na língua camoniana e volta a ouvir novamente músicas de traços primordiais cantadas na língua de Sua Majestade. Apercebe-se que os jovens idolatram este género musical, as gerações vindouras não mais valorizarão a cultura que havia assimilado. Os nomes dos estabelecimentos comerciais evocam todos essa língua estrangeira, as cadeias de restaurantes estão repletas de termos anglo-saxónicos e nos cinemas os filmes têm todos origem no novo mundo sempre falados na mesma língua, e até quando são filmes nacionais é escolhida uma língua estrangeira para os representar. Volta-se para a mulher, olha-a firmemente nos olhos e profere as ternas palavras:
- Dir-te-ei sempre na nossa amada língua: Amo-te.
Posted by João Pimentel Ferreira at 01:18PM (+01:00)

À cândida e voluptuosa framboesa

Tuesday, October 13, 2009

Minha Nádia, minha doce Princesa
perco-me nos teus braços
envolvo-me em teus abraços
Saboreio-te, adocicada framboesa

Elevo-te, na mais alta nobreza
Apaixono-me pelos teus traços
faciais, damos os sublimes laços
És quem me renega a tristeza

Lábios voluptuosos
A face é carnuda
Seios mais formosos

A tua pele é de uma alvura
Castanhos olhos libidinosos
És o exemplo clássico da candura

Posted by João Pimentel Ferreira at 05:44AM (+01:00)

Memórias de um prelúdio matrimonial eterno

Sunday, October 04, 2009

Caro primo Nuno Ricardo de Araújo Lopes.

Agora que já te encontras num estado matrimonial, queria parabenizar-te pelo enlace afectivo e institucional que realizaste. É um marco importantíssimo na tua história pessoal e afectiva.

Adorei a tua despedida de solteiro e principalmente o maravilhoso dia do teu casamento na idílica quinta do Convento. É um lugar maravilhoso e magnífico. Deixei um parco escrito, numa página no livro de homenagem à união realizada entre ti e a Filipa. O discurso que realizaste foi soberbo e sublime, carregado de ternura, afecto, paixão e respeito, enfim, resume aquilo a que os clássicos denominaram por Verdadeiro Amor.

Espero sinceramente que a união que estabeleceram seja perene, intemporal e que fique gravada nos anais da História Universal.

A cerimónia esteve fenomenal, carregada de condimentos festivos inigualáveis nos quais se incluem os factores gastronómicos, dispersos por vários pratos requintados e deveras saborosos. A consagração institucional do enlace, apesar de ter tido pouca visibilidade aos convidados, e de ter sido restringida a um espaço um pouco melancólico dada a patente carência luminosa, foi delicada, sublime e dotada de um discurso por ti proferido que marcou certamente o evento. As entradas gastronómicas no jardim inferior da quinta estiveram deliciosas, desde os crocantes rissóis até à amalgama deleitável de farinheira e enchidos de morcela, passando pelos divinos sucos de laranja e poções alcoólicas que deixaram ébrios diversos convidados.

O almoço esteve maravilhoso, os menus eram requintados, nos quais se incluíam o prato de peixe com brócolos a vapor e o prato de lombinhos de porco regados com mel e um esparregado maravilhoso acompanhado com arroz Árabe, cujo gastronímio se deve às fabulosas passas que recheavam o mesmo.

O bar esteve sempre presente nos meus tempos amorfos, onde pude inalar um pouco da funesta nicotina, ao desfrutar de um cigarro requisitado ao meu irmão ou à tua terna irmã Margarida, ou onde pude apreciar uma bebida gaseificada que me ajudou a digerir o farto almoço.

A festa musical subsequente esteve fantástica, pude observar os mais maduros e os jovens a se envolverem num êxtase emotivo que os levou a bailar de forma arrítmica, pois muitos deles pareciam descontextualizados com a música pouco convencional dado o objectivo da efeméride, mas muitos outros, e por certo a maioria deles, deleitaram-se maravilhosamente com os ímpetos primários da música de proveniência anglo-saxónica que puderam escutar. Os movimentos dançarinos dos convidados, apesar de pouco estandardizados ou padronizados, deram uma folia e alegria inigualáveis ao evento.

A sessão de fotografias projectadas na tela esteve soberba, e reencaminhou-nos para sentimentos nostálgicos dos quais não nutria há anos. A mesa de salgados esteve fantástica e a doçaria esteve, tal como o termo sugere, docemente açucarada, onde me pude deliciar ou com uma cremosa musse de chocolate ou com um bem consistente doce de bolo de queijo, a que os fanáticos seguidores da língua de Sua Majestade denominam por cheese cake. Perdão pelo meu exacerbado nacionalismo cultural e linguístico, mas prefiro denominar esse fantástico item da doçaria internacional presente no banquete e com o qual tive o prazer de me deleitar, como Doce de Bolo de Queijo. Aproveito aqui a ocasião também para elaborar um pequeno reparo ao teu discurso afectivo, pois entoaste um termo de proveniência anglo-saxónica que tem um claro paralelismo no léxico Português; refiro-me a sexy, por certo que o termo sensual seria muito mais abonatório à língua camoniana e daria mais ênfase ao discurso amoroso.

Revi também familiares e amigos com os quais não dialogava e confraternizava há muito

tempo. O teu casamento serviu também para reavivar as memórias familiares e amicais. Foi um dia maravilhoso e creio bastante importante no teu trilho vivencial. E como não me pude despedir de ti no casamento, aproveito para te enviar esta humilde missiva como forma de te agradecer o magnífico dia que me proporcionaste.

Serve esta humilde, mas honesta missiva também, para aflorar os momentos de maior relevo que pude desfrutar na tua presença, e para que fique grafada na tua linha temporal e vivencial a forma como eu preferi te parabentiar e te agradecer.

Finalizo, tal como comecei, parabenizando-te caro Primo, pelo marco histórico que realizaste na tua vida ao consagrares o enlace afectivo e institucional com a Filipa.

Muitos Parabéns para ti e para a Filipa.

Um grande abraço fraterno.

João Filipe Pimentel Ferreira
O eterno Primo
Posted by João Pimentel Ferreira at 01:56AM (+01:00)

Nano-tratado sobre a Portugalidadade Universal

Monday, September 28, 2009

O Português semita, indo-europeu e Universal



Através do tempo e da História as batalhas têm-se travado pelo domínio dos homens, das espécies, do mundo. Tentar a universalidade, a representatividade de todos os credos, etnias e raças, de todos os povos, sempre foi o objectivo dos mais altos impérios. O Romano fê-lo, tentaram fazê-lo os Otomanos, os impérios neo-latinos hanseáticos fizeram-no com as suas doutrinas, e no momento que teclo estas pseudo-sábias palavras, fá-lo o império sediado no novo mundo. E o império Português? Questiona o mais ilustre intelectual com algum cariz nacionalista na sua doutrina política. De certo que já se ultrapassou, e elevá-lo nos tempos em que povos Europeus se unem em torno de elevados valores de humanismo, através de novas formas de contacto inter cultural e político, poderá parecer anacrónico. Mas não o é.

Teclo enquanto oiço os mais maravilhosos sons, criados por um Alemão, teclo num teclado concebido por um intelecto nascido no novo mundo, e por vezes escrevo usando as palavras sábias das línguas de homens livres. O Português, através das eras, sofreu influências de todos os povos e credos.

Os linguistas gostam de categorizar as línguas indo-europeias em subgrupos que por vezes se imiscuem, noutros grupos linguísticos. Como que uma dádiva, uma oferta, uma adenda, que quando é honesta, bela e amorosa deve sempre ser acolhida. Categorizar o Português apenas como língua Romana, carece de valor científico. As influências, as ideias que vagueiam e são canalizadas, e caminham através das estradas dos impérios,



das redes de informação cujos dados voam a velocidades luminosas, fazem emergir novas e belas ideias e incutem as novas gerações a acolhê-las. Se dentro das línguas ditas Românicas o Francês é de certo a que tem mais influências Germânicas, se o Romeno, que deve o seu nome ao império, é a que tem mais influências Eslavas, se o Italiano é a mais peculiar e genuína língua latina, o Castelhano e o Português são das línguas deste grupo as que mais influencias semitas têm, sendo que Portugal, mais moderado num certo período da história, terá acolhido maiores influências semitas. Se os astrónomos do Infante eram Judeus, se os Muçulmanos permaneceram em terras lusas por algumas centenas de anos, se a rima e o fado têm origens árabes, é natural que com a influência de monarcas que obedeciam a Roma, tais influências tivessem sido subjugadas.



E terá o Português influências eslavas? Têm-no nos nomes dos seus falantes que nasceram no período posterior à revolução vermelha, Sónia e Nadia. E as influências Germânicas? Também as tem, pois dominaram estes povos toda a Europa no período posterior ao declínio do império. Os Suevos, os Bárbaros e os Vândalos, que infelizmente, por tradições xenófobas daquela época ficaram associados a termos de desordem, tiveram forte influência na língua Portuguesa. E é curioso observar-se que as línguas indo-europeias Germânicas são as que de certa forma mantiveram maiores traços de uma certa latinização, quer na forma de pronunciar as palavras, e muito mais na forma como estas são escritas. O Grego, cuja língua actual ainda guarda fortes traços de filosofias ancestrais, teve a sua influência marcante no Latim, e consequentemente no Português. E as palavras trazidas do Oriente, como chá, que se devem à influência do Império Português. E as palavras do Francês que durante o iluminismo, influenciaram fortemente as mentes dos pensadores lusitanos, e agora as palavras provenientes do Inglês, que devido ao novo Império que se formou no Ocidente, são consequentemente assimiladas na língua camoniana. Temos do Inglês a estandardização e a implementação.

Os poemas que dedico a estas deusas que amei, são escritos através de mágoas e sofrimento, pois se amei, nunca me ocorreu a ousadia de pronunciar esses termos mágicos a uma sereia com o receio de ser rejeitado, atitude mais presumível. O Poeta é aquele que escreve a mágoa e o infortúnio, razão pela qual declino qualquer autoria de futuros poemas, pois de certa forma influências nórdicas que agora predominam na Europa, preconizam a felicidade como meta do Homem, talvez não Nórdicas, talvez renascentistas, e a poesia, apesar de pura, pois revela os sonhos, as mágicas sensações do ser humano, exige muita mágoa, rancor, ódio, paixão, vingança e ardor, sentimentos que apesar de levarem os seus criadores a produzirem as composições mais belas, provocam distúrbios inquietantes que tangem o patológico. E se vida é maravilhosa, criação divina, a poesia apesar de bela, revela ser árdua, viciosa, mas de

certa forma é o alívio em que o homem exterioriza as sensações mais primárias e angelicais.

E se o divino, o criador, quis que a sua criação mais amada, o Homem; o estágio final do desenvolvimento animal, pois raciocina, indaga e é dotado de formas abstractas de pensamento; fosse produtivo, tal requisito só é alcançável através do bem-estar interior do indivíduo, através da felicidade e através da responsável liberdade.

E por mágica semelhança arábica da rima, associada às raízes latinas da língua em que escrevo, a felicidade rima com a fidelidade.
Posted by João Pimentel Ferreira at 05:13AM (+01:00)

A disseminação do vulgar e do banal

Tuesday, August 04, 2009



Devo confessar que raramente ouço música vulgar, música supostamente moderna, mas que porventura é mais decrépita que a mais antiga sepultura, raramente a oiço, mas não posso deixar de referir a banalização de uma música tão vulgar e banal que a letra ofende o mais comum dos ouvintes que tem uma pequena réstia de inteligência para aferir um pouco sobre a interioridade e profundidade intelectual de uma letra de uma qualquer sonoridade à qual temos o prazer de ouvir constantemente no espaço radiofónico português. A letra da música a que me refiro não sei ao certo como a definir. Poderia ser vociferada por qualquer um dos inteligentes primatas que habita num qualquer zoo de uma capital europeia. Se a letra fosse cantada em Português, por certo não faltariam as críticas profícuas de uns quaisquer intelectuais eruditos, que a considerariam de uma elementaridade atroz e vulgar; mas como esta música é cantada na língua de sua majestade e como é originária do novo mundo do norte, esta mesma sonoridade é fugazmente e atrozmente difundida por todo o espaço radiofónico europeu, sendo considerada um hino da qualidade musical e intelectual. Refiro-me meus caros à magnífica, estonteante, exuberante e cheia de profundidade intelectual música da afamada Katy Perry. Pois aqui vos transmito meus caros um pequeno excerto desta sonoridade letrada para que vós possais absorver esta sublime erudição cheia de profundidade intelectual e emocional. Refiro-me obviamente ao afamado e tão difundido refrão que certamente já foi disseminado mais de um milhão de vezes por todo o mundo em todas as rádios.

Cause you're hot then you're cold
You're yes then you're no
You're in then you're out
You're up then you're down
You're wrong when it's right
It's black and it's white

Por certo que o caro leitor é erudito o suficiente para poder compreender a letra acima referida, mas mesmo assim, ouso traduzi-la para a língua pessoana para podermos

constatar o quão banal e vulgar é o refrão supra citado.

Porque tu és quente e és frio
És sim e és não
És dentro e és fora
És cima e és baixo
És certo e errado
És preto e és branco

Só de soletrar estas letras atingi um orgasmo intelectual, são de uma erudição e intelectualidade inimagináveis e inigualáveis. Obviamente que o seu autor se encontrava fortemente inspirado para conseguir tecer e conceber tais façanhas verbais. Mas o que é irritante é que o jovens europeus ouvem-nas e adoram-nas, atingem momentos exuberantes só de ouvirem a sua batida ofegante. E quando ouvimos um qualquer músico português cantar a aclamada música popular portuguesa, consideram-na deveras pouco moderna, chegam mesmo a apelidá-la de foleira, pois a letra é anacrónica e não se enquadra nos padrões estéticos com que se identificam. Pois meus caros, mais foleiro que Katy Perry, nem Zé Cabra com o seu “São lágrimas”. Mas não esqueçamos que com este último a juventude tinha uma atitude jocosa, já com a afamada e pérfida norte-americana os jovens têm uma atitude de idolatria e de veneração. Não veneremos tudo o que nos trazem os súbditos do tio Sam, pois nem tudo o que é cantado em Português é mau e nem tudo o que é cantado em Inglês é bom, e o caso de Katy Perry é paradigmático daquilo que acabo de referir.
Posted by João Pimentel Ferreira at 11:45PM (+01:00)

Um pentagrama sonetial dedicado à doce Nádia

Friday, July 17, 2009

N
Queria abraçar o mundo
Perder-me em azuis contornos
Navegar por mares mornos
Ir até ao vulcão mais fundo

Quero nadar no rio imundo
Embelezar-te com flores, adornos
Aterrorizar-me com os campos e fornos
do holocausto. Sou o ser profundo

Quero observar-te feliz
Quero ver-te reluzir
Dou o Mundo, se te ris

Quero a mágoa abolir
O Sabor Soror Senil eu fiz
de te Amar e de me vir

__
Á
Vou ao Mundo e já não venho
Trilho os passos da paixão

de te olhar o coração
Vê o Mundo e seu tamanho

Tomamos o Sagrado Banho
nas águas da imensidão
e os Versos de eleição
São os que segredo, se me acanho

Escrevo os termos floreados
e atravesso o nevoeiro
Somos dois enamorados

Sou o jugo, o primeiro
Somos os dois mais amados
És a Ordem e o Carneiro

—

Deste Rio que em Janeiro
no sul é fogo e é quente
em que peca o homem crente
É este mês assim primeiro

Serei eu o pioneiro?
Serás tu a dama ardente?
Neste caldo infernal fervente
Ou serei um arruaceiro?

Quem és tu terna amada?
És aquela a quem segredo
És a amiga enamorada

A que me afasta este medo
A sereia enseada
És a Cruz Crescente: O Credo.

—

I
O toque das tuas mãos
adorna-me a pele carente
E este corpo que não mente
prende-se em desejos vãos

São os teus beijos sãos
que me dão a serenidade
A pacífica salubridade
Somos apenas dois irmãos

E até que a morte nos separe
Ter-te-ei a meu lado
Quero o Mundo, a Saudade

Renego assim o atroz fado
És a janela que se abre
Para a Liberdade no austral cabo.

—
A
E se a Áustria é Setentrional
tem a beldade dos hiperbóreos
da beleza dos Germanos olhos
És tu Nádia o sul astral

És quem renega o breu fatal
És a Germana dos corpóreos
sentidos que procuro, és os flóreos
sentimentos, és a Intemporal

És a latina escaldante
És a africana sorridente
És a Moura, és a amante

És a germana bela e ardente
És a América, livre e gigante
És a sina: O Oriente

———

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:02PM (+01:00)

To the bright Marisol

Thursday, July 16, 2009

You said: Sea and Sun,
which evidentially mean,
just Joy and Fun.
That’s what I’ve seen.

On an obscure street
You brightened, “Marisol”,
I appreciated to meet,
the maid, who’s inflamed my soul

and flooded my spirit.
God is already aware
that I’m a strong critic
and not many times fair

when it concerns girls,
but so sure as my death
and so rare as pearls
I dread not any threat

from any jealous king
who trod on your foot.
I don’t know anything
which could mat your shoot.

A stunning islander
whom I have venerated
and for anyone’s banner
this poem I’ve created.

Posted by João Pimentel Ferreira at 09:53PM (+01:00)

A sonnet to Agnes

Thursday, July 16, 2009

I would like to be sure
about my inner feelings
To interpret their meanings
So painful, though so pure

Your smile is my cure
and for all human beings
and above all their sayings
there's a goddess, it's for sure

A shining golden hair
which irradiates this darkness
named Agnes who I care

and I had her as my guest
I ignore if she's aware
of her immense sharpness

Posted by João Pimentel Ferreira at 09:48PM (+01:00)

More English poems

Thursday, July 16, 2009

My thoughts, which are simply read
by some creatures of the night
The words which were simply said
trough the shadows of delight

This anger which I can't avoid
is burning me inside
Ancient passion which was destroyed
by a legion: Letal fight.

Ever time I think of thee
Many knives stab into my flesh
the picture which I refuse to see
gives me pleasure trough dirty cash

I'm just like a dream
but I haven't seen
passion, love or delight
trough the shadows of the night

But I do see our spirits
when I hear these lyrics
They're the magic of your soul
and compose the whole
of everything which I do love:
You're my sweetest dove.

If I've done anything wrong
and I crossed the paths which are long
I hope to do everything right
cause the rhyme says delight

Uppercase, crossed words, read around
talk to much, say so many, say it loud
But my soul had no meaning
inside this poor short burnt being

But I insist, I do press the same key
that I need you, the interior of myself I see.

Posted by João Pimentel Ferreira at 09:44PM (+01:00)

Pequeno tratado sobre a Lei do Equilíbrio Universal

Thursday, June 25, 2009

A Lei do equilíbrio universal rege todas as formas animadas do mundo Natural que contemplamos. Natural no sentido estrito do termo, pois refere-se ao mundo em que vivemos, que por Deus foi criado, como tal é natural; e se o Homem criatura divina, que também por Deus foi criado, tudo o que faça ou produza, ou conceba física ou

intelectualmente, não pode deixar de ser natural. Sendo assim, tudo o que nos rodeia, tudo aquilo que os nossos cinco sentidos captam, enquanto seres empíricos que somos, não podem afastar-se dos espaços hiperdimensionais onde as coisas naturais se enquadram. Tudo o que se encontra fora do tal espaço faz parte do transcendental e do pseudo-imaginário, pois até a própria imaginação é criação divina natural, pois é concebida pelo Homem. O espaço pseudo-imaginário é aquele que é inconcebível e inimaginável no sentido estrito do termo. Então a Lei do Equilíbrio Universal aplica-se ao espaço restrito das coisas naturais. Que é o espaço onde o Homem vive, o espaço de todas as coisas animadas e inanimadas que os seres do mundo observam e com as quais coabitam. É o espaço que nos rodeia enquanto seres sensíveis, ou seja com sentidos. A Lei postula simplesmente que este espaço hiperdimensional observa certas regras de equilíbrio fundamentais. Postulado de forma matemática poder-se-á dizer que a função matemática do integral de todas qualidades naturais mensuráveis através do tempo e do espaço é constante. Refira-se aqui espaço hiperdimensional.

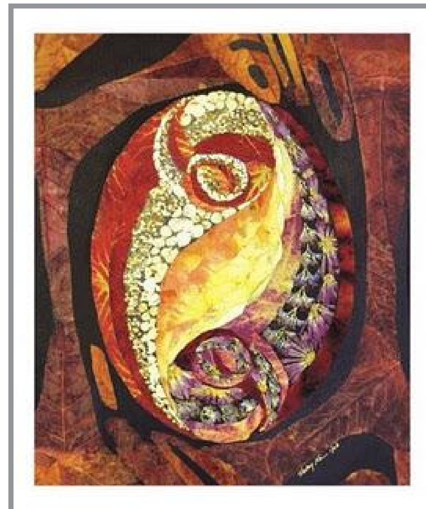




Sendo assim, se por qualquer motivo natural um pequeno subconjunto deste espaço natural se alterar, o conjunto formado pelo mundo natural à excepção deste subconjunto referido, também se alterará para que a Lei se observe.

OBSERVAÇÕES PRAGMÁTICAS DA LEI

A fundamentação de qualquer tratado, teorema, ou lei matemática, necessita de fundamentação pragmática, necessita de assentar em uma estrutura fundamental sólida e não meramente racional. Como tal apresentam-se casos onde se pode facilmente constatar que a Lei referida é cumprida escrupulosamente no mundo natural através de forças ocultas e invisíveis. O escuro e o claro, o frio e o quente, o seco e o húmido, o alto e o baixo, são tudo valores que caminham sempre em parelhas. O amor e o ódio, a esperança e o derrotismo, a agonia e a alegria, o celibato e o deboche, sem uns nunca haveriam os outros. O Homem e a Mulher, o gato e a gata, o boi e a vaca, o pombo e a pomba, são os casais inseparáveis e cuja união é essencial à continuação do mundo e das espécies. E quando por qualquer motivo uma assimetria é provocada nestes valores, outros valores ou este mesmo directa ou indirectamente relacionados, alterar-se-ão para que a Lei se observe.



CASOS PRÁTICOS E REFLEXÕES DO QUOTIDIANO DO AUTOR

Caminhava eu sereno e calmo por uma rua de Kassel, cidade bela e maravilhosa, verdejante, verde, onde a imensidão do mundo natural desejável se perde na acalmia dos sentidos. O Fulda percorre-a e trespassa-a enchendo-a de beleza e frescura. Contemplava eu requintadas moradias, onde as plantas trepavam e cobriam as suas paredes de um verde imenso. Tudo ordenado, arranjado, onde a arte livre é elevada e os valores da humanidade são respeitados. Onde a vida é serena e se apreciam os momentos de prazer paradisíacos. Mas que Éden é este? E a Eva, onde se encontra? Caminhava eu sereno por uma rua estreita onde crianças se regozijavam com uma bola, que corriam e gritavam alegremente. Caminhei serenamente e então observei uma bela deusa com a qual fiquei petrificado. Loira, de olhos azuis, de uma beldade indescritível. Traços faciais divinais, como que aperfeiçoados ao longo de milénios, e agora num estágio final, por mágicas e racionais medidas observassem os requisitos mais exigentes das sensações primordiais e humanas. Que foi isto que senti? Andaram estes Germanos a aperfeiçoar a raça? Se o fizeram, fico perplexo com tanta qualidade científica. O resultado foi fabuloso e tocou o divino. Não me lembro de algum dia ter observado ser mais maravilhoso. Mas e a Lei? A Lei aplica-se através do espaço e do tempo. E faço aqui uma pequena reflexão temporal. Aqueles que fazem as coisas mais belas são os mesmos que produzem as mais hediondas e repugnáveis. Foram estes os Germanos que criaram os campos de concentração e enviaram para a câmara de gás milhões de seres humanos, a mesma humanidade que agora respeitam e preservam. Foi este o país que em quarenta e cinco estava em ruínas e em chamas, devastado e num caos imenso, e este mesmo belo país que visito. A Lei observa-se. E os judeus queimados e incinerados em câmaras de gás não foram também aqueles que emprestavam dinheiro a juros àqueles que se encontravam em situações de aflição aproveitando-se dos estados de carência financeira? Não foram os judeus que depois de Pilatos ter aclamado "Ei-lo", pediram a crucificação do Messias? A Lei observa-se. E o império que agora, aquele que rege, que tem as armas, o do Oeste, o norte-americano. Não foi este que lançou a bomba atómica sobre um país devastando e arrasando milhares de vidas? Não foi neste país que a Sida surgiu, praga que arrasa milhares de vidas em todo o mundo, essencialmente crianças. Mas também é neste país que se unem diferentes raças, credos e de certa forma convivem pacificamente. Onde se proclama a liberdade e o discurso livre. A Lei observa-se. Não eram os japoneses guerreiros implacáveis, insensíveis, que não respeitavam os direitos mais elementares da vida humana, e que em nome de um imperador que nunca foi à guerra, se embatiam contra navios matando-se a si e a tantos outros seres humanos? Mas não é no Japão onde a alta tecnologia é a mais avançada, onde milhares e milhões de cidadãos vivem em metrópoles e onde o sistema civilizacional e comunitário melhor funciona? A Lei aplica-se. Não são os árabes e os muçulmanos grandes homens das artes e do saber, da poesia e das sonoridades silábicas, que reformaram os pensamentos e as ideias no médio Oriente através do legado de Maomé. Mas não são os mesmos muçulmanos que queimam bandeiras, explodem mercados e mesquitas instigando o ódio dentro da própria comunidade religiosa? A Lei observa-se. Não é a cruz cristã o maior sinal de humildade e redenção, valores elevados e qualidades desejáveis nos homens e mulheres? A cruz, falo invertido, submissa que respeita a caridade e o amor ao próximo. Mas não foi em nome da cruz e dos evangelhos que se lançaram à fogueira milhares de seres humanos apenas porque divergiam de certas formas de pensamento? E não foi em nome da cruz que se conquistaram, matando e arrasando, violando e queimando, destruindo e derrubando, milhares de povos que eram considerados infiéis apenas por terem crenças religiosas distintas? Que diria o Messias se tivesse presenciado tais acontecimentos? E as sociedades secretas conhecedoras das forças do oculto, homens doutos e do saber, das ciências e dos valores humanitários, das regras e da ordem, que proporcionaram aos

seres da actualidade condições humanas de vida, que fizeram aumentar a longevidade, que postularam os direitos do Homem. Que investigaram com fins humanitários no ramo da química, da física e da medicina. Mas não foram estes mesmos que desenvolveram as armas de destruição maciça, as doenças fabricadas em laboratório, que melhoraram a eficácia na morte das armas de guerra, que investigaram no desenvolvimento de minas, tanques, róquetes e foguetões com fins militares? Não foram membros destas sociedades que foram buscar um judeu à Alemanha e o fizeram desenvolver teorias que posteriormente proporcionaram a fabricação da bomba atómica? Não foram estas sociedades que utilizaram esse mesmo saber para fins destrutivos? A Lei observa-se. Com estes casos pudemos constatar que a Lei do Equilíbrio Universal é omnipresente e observa-se no espaço natural. O Espaço das ideias, do raciocínio, do imaginário e das sensações. O Espaço do intelecto e o espaço físico, o espaço da alma, do ego, e o do exterior, do Eu, e do Teu, do deles, e do delas! O de fora e o de dentro. A Lei aplica-se quer através do tempo, tal como foi confirmado com casos práticos, mas também através do espaço hiperdimensional que nos rodeia e no qual nos incluímos.
Posted by João Pimentel Ferreira at 01:30AM (+01:00)

Oásis

Thursday, June 25, 2009



Doce Flor, não imaginas porventura a doce recordação que guardo dos teus beijos. Podia porventura traçar as linhas destes escritos através de versos errantes e desesperantes, através de métricas ancestrais e arcaicas, através de escritos que pausados e desordenados não obedecessem às regras linguisticas que estabelecem o conceito de prosa. Escrevo, não escrevo, aliás teclo, pois teclar é isso mesmo, é impulsionar a ponta digital dos membros superiores que te acariciaram, que tocaram no teu formoso corpo, que deslizaram pela tua sublime e formosa pele, pela candura e alvura do teu rosto, estes dedos, que absorveram as sensações tácteis mais dóceis, e são estes dedos que teclam nestas teclas inscritas de caracteres latinos. Os mesmos dedos que por ti anseiam. A mão, deixou de me auto flagelar, deixou de ser o ímpeto para a concha encrostada num interior angustiante, a palma da minha destra e impetuosa mão passou a oferecer, passou a ceder o desejo, passou a ser a génese dos rituais afectivos e amorosos. Da dualidade de corpos que se unem num leito de afecto, alegria e harmonia. Como que um complemento salutar, como que encontrar a paz depois da guerra. É destroçar os beligerantes, é vencer batalhas, sair arrasado, sair destroçado, ganhar o mundo, ganhar o espaço, o Universo, conquistar os corpos, mas não ganhar as almas, e das batalhas infinitas, das ancestrais e universais, sair vencido e derrotado no interior, e reencontrar o verdadeiro Amor.
E então num leito de desejo e alvura, encontro o deleite, encontro o afecto nuns doces braços de uma doce mulher, nas cândidas pétalas de uma Bela Flor, que por sentido inverso de línguas equatoriais, obtenho o Nome da adorada homónima poetisa que nasceu além do Tejo. E nuns áureos e sedosos cabelos a lembrar as auroras boreais, auroras nocturnas, auroras madrigais, aqueles arco-íris da noite, que os homens contemplam em latitudes polares, olhos da cor do céu, olhos da cor do mar azul, olhos da cor da melancolia, e nuns cabelos da cor do sol, encontro eu a alegria.

A doce Flor do Éden, a minha Eva, sendo eu Adão, somos então os primogénitos, somos os pecadores, pois a maçã grave newtoniana, que cai nos sentido axial, caímos nós então num solo de afecto e folia, ao envolvermos os braços e os corpos, ao afagarmos as mãos numa mutualidade conspícua, numa circunspecção afectiva, nuns abraços ternos, e os corpos, límpidos e cristalinos, envolveram-se em uma entidade una, única, rejeitando eu o nome de rei dos Hunos, de Átila, o guerreiro impiedoso, que pereceu às mãos de uma amante, que o amava e desejava. Mas eu, não caminhei com tropas, não percorri nem vandalizei com exércitos, eu limito-me apenas a observar áureos filamentos que me identificam na terceira letra do primeiro nome próprio.
Doce e bela Flor, recordo com carinho o dia mágico e dominical em que me desvirginei em ti. Em que nos tocámos e nos envolvemos, em que nos abraçámos e beijámos e recordo-o com afecto, com um misto de desejo e carícia, com um pouco de luxuria e candura.
Encontrei-te bela e formosa na entrada do prédio, cheguei ao patamar de uma rua imensa, antes tinha vagueado no meu cavalo negro por ruas e ruelas cheias de peripécias, caminhava então qual mero vagabundo, perdido numa vila longínqua nos subúrbios de uma metrópole decadente. Afastava-me das correrias, afastava-me dos estresses quotidianos, e caminhava então pelo vale, pelo vale das árvores, pelo vale arbóreo, tinha acabado de contornar, de envolver as três oliveiras, e caminhava eu então sequioso dos sucos das frutas de uma figueira, bela, alta, formosa. Caminhava então perdido no meu cavalo, rodopiava, envolvia os prédios e traçava os trilhos que uniam estes dois pomares, estas duas géneses arbóreas, estes dois frutos que se uniam numa união de paladares afectivos.
Cavalgo no meu cavalo negro, qual cavaleiro errante perdido na madrugada de uma lua cheia, numa data mágica deste sétimo dia semanal, dia dos rituais cristãos, dia das homilias afectivas de poder observar os traços que formam o teu rosto, de poder alcançar o azul dos teus olhos. E questiono-me bela Flor, ao tocar nas tuas pétalas, ao assimilar o teu odor, serei eu o insecto nocturno sequioso do teu suculento néctar, minha dócil Flor do Éden? Recordo com afecto, quando contornava os caminhos que estreitos e esguios, me dirigiam ao topo da colina deste Oásis. Virei à esquerda, antes da estalagem onde os peregrinos se abastecem de mantimentos e bens para as suas caminhadas, segui em frente, desci pausadamente no meu cavalo, atingi a depressão geográfica desta pequena cidadela, e ao longe a zina, o cume, o alto, o altar onde repousa a minha deusa da noite.
Subi, e obedeci ao paradoxo linguistico, mas não, pois eu, cavaleiro amante e errante vim dos subterfúgios da alma, dos poços que afogam os espíritos criadores, e emergi-me das cinzas, dos fogos, e então subi eu para cima, ignorando neste pequeno excerto da minha missiva amorosa o pleonasmo que poderão eventualmente os mais acérrimos críticos evidenciar. Subi, fui ganhando altitude, fui-me afastando do cerne terrestre, mas ganhando a liberdade que preconizas nos teus versos bela Flor.
Calmamente atingi a zina, a areia ofegava-me os pulmões, tal a sua porosidade, observei a tua tenda, o teu local de abrigo na noite escura, observei o local que te protegia do frio nocturno. Tu doce Flor, doce Oásis esperavas-me, quais amantes da madrugada, éramos nós dois adorados, éramos nós duas entidades, duas peças de uma única formatura, éramos o mais e o menos, forças magnéticas ocultas que forçam a união natural de amantes loucos. Naquela noite fomos o alto e o baixo, tu a Flor, eu a espiga, tu a pétala, eu o insecto que depois de metamorfoseado se liberta e ganha asas, fomos o dois e o três em todos os seu simbolismos numerológicos, fomos a Lua e o Sol, formámos um sistema astral, fomos o Norte e o Sul, o Leste e o Oeste, foste tu nessa noite um Oásis num deserto, foste uma fonte ao ser sequioso em que me revia, e no entanto dócil Flor, és também o mel que me adoça os lábios, e que me nutre, eu corpo e alma carentes de amor.

Entrei na tenda que te abrigava na noite gélida, mas o seu interior fervia em beijos que me prendiam os lábios, sentei-me no tapete, e ofereceste-me um chá, que me enterneceu e me aqueceu o corpo. Sentaste-te a meu lado, e proferiste ternas palavras, aproximei-me de ti e abracei-te, coloquei a minha destra mão sobre o teu dorso, e com a sua palma aberta tocava-te no ombro, simbolizando assim a ternura mútua e reciproca sentida por ambos. Observei-te e beijei-te novamente, toquei-te novamente, tinhas na tenda que te abrigava uma caixa de música que nos entretia nos abraços que dávamos. Sentados e envolvidos no tapete do receptáculo dos amantes noctívagos, abraçamo-nos, acariciámo-nos e nos entretantos bebemos um café que nos manteve despertos pelo resto da noite longa, a noite que nos esperava, pois a noite é sempre especial, a noite, altura em que o Sol se esconde, e a Lua no seu esplendor ilumina as colinas que contemplei nas caminhadas efectuadas.

Calmamente fui, deslindando o mistério do amor, fui destrinçando e fui renegando a muralha que nos separava, fui perfurando o muro, e fui removendo o betão armado que me envolvia numa clausura impiedosa, e quando, naquele momento infinitamente sublime, e cheio de desejo e impetuosa provocação, pude deslocar os meus dedos sobre aquela pequena tira de tecido que suportava o traje que te cobria os seios, quando pude deslocar sobre o teu antebraço esta tira de tecido, quando esta frustrante peça que me impedia de contemplar as colinas do teu tronco, o vale que se encontra no regaço que as une e que as separa, quando baixei subtilmente, estas duas tiras, a do braço esquerdo e direito, e fui calmamente com os dígitos forçando esta pequena indumentária acastanhada a descer pelo teu alvo corpo, pude observar os dois altares mágicos, a magia do número dois, pude observar a dualidade infinita e luxuriante com que ansiava, como que duas fontes que jorram em momentos pós-fecundação os nutrientes que alimentam os novos homens que habitarão o cosmos.

Observei as lindas fontes, alvas, cheias de candura e beleza infinita, e no seu topo, no topo destes altares, cujas silhuetas e formas estão explícitas e patentes em tantas e diversas formas de arte, profanas e sagradas, estas formas tão divinais que incutem nos homens e mulheres aqueles desejos, aquela ansiedade, estes dois altares, que quando a doce Flor está estendida a captar os raios solares, veneram os céus e o infinito do Universo, e quando te observo, bela Flor, erecta, na minha fronte, as tuas massas de carne divinal observam-me de frente e com elas contemplas o mundo. As fontes que os teus seios constituem, são como que a meta da mais longa e fatigante caminhada, aquilo que o peregrino mais crente e carente anseia. E ao observar as tuas colinas corporais que te embelezam o tronco, pude maravilhar-me com tamanha beleza e beber do suco, que jorravam da sua extremidade.

Pois bela Flor do Éden, acredita que é maravilhoso, poder ler-te isto que escrevo, acredita que o sentimento de te poder endereçar, e simultaneamente poder beijar-te é algo que me inunda o ego de alegria. É evocar a egolatria da infância.

O desejo tornava-se incomensurável, não aquele desejo frenético angustiante, ou melhor talvez o fosse, mas sentir tal desejo por alguém que nos compreende, que nos complemente, e que nutra por nós sensações similares, por certo que não pode ser um desejo funesto. Na divisão maior do teu abrigo nocturno; o tapete não era por conseguinte o local mais apropriado para o ritual do amor aos céus, e do amor enternecido que nos unia, o tapete era apenas o começo, era apenas o leito dos preliminares afectivos; mudámos para outro compartimento, ergui-me erecto, levantei-me e caminhei um pouco curvado no sentido do outro espaço divisório, segui no teu encalce, e afastaste suavemente a cortina que separava as duas divisões, e qual acto provocatório deixaste que esta te encobrisse a silhueta, e desapareceste momentaneamente pelo segmento onde se veneram os deuses profanos e sagrados do Amor. Senti-me perdido, desencontrei-me por segundos, mesmo que o abrigo que nos acolhia nesta escura noite desértica no exterior, fosse pequeno; pequeno mas por certo

bem mais acolhedor que muitos palácios reais. Reencontrei-me e descortinei a fina membrana que nos separava, a cortina que nos afastava apenas visualmente. Atravessei-a e observei-te novamente bela, formosa, altiva, doce, desejosa dos meus beijos, carente dos meus afectos, e deitaste-te no pequeno estrato que, apesar de não ser muito alto, era reconfortante.

Eu carente dos teus lábios, carente de observar novamente o azul dos teus olhos cristalinos, ansioso por sentir o odor dos teus cabelos, impaciente por preencher o meu espectro visual com as tuas feições, aproximei-me e observei-te de perto.

E é este momento astrológico que nos uniu, o momento sagrado que os povos antigos veneravam, a este momento erigiam-se catedrais, pilares, antas, menires, como que com o intento de poder descobrir este mesmo instante. Não existe então similaridade silábica entre momento e monumento? És tu dócil Flor o monumento dos momentos de afecto e ternura, o monumento que naquela noite se encrostou nesta alma e me adornou o cerne do ego.

Aproximei-me de ti, despi os trajes que me incomodavam e deixei-me embriagar pelos teus actos, pelas tuas palavras, pelas tuas feições, pelos teus gestos, pelo toque das tuas mãos, pela textura dos teus lábios que untados de saliva nutrem o meu parco corpo, deixei-me embriagar pelo teu radioso cabelo das auroras boreais, trinquei os teus mamilos, chupei-os qual bebé morto de fome e sede, agarrei-te nas coxas e senti o ímpeto do desejo atravessar-me a libido. Fui percorrido por fogo nas veias e artérias, que se revelaram na extremidade da pela, e se canalizaram para as zonas mais erógenas da minha essência: os lábios, a ponta dos dedos, a ponta dos pés, as bochechas, e todo este vigor foi concluído num clímax vigorante que jorrou a hemoglobina esbranquiçada e fecunda no leito que nos acolheu; foi o leite do deleite, foi leite jorrado no nosso leito.

Foi este momento simultaneamente herege, pecaminoso e da mais pura e doçura beleza que recordei nessa mesma noite no meu acampamento, depois de regressar da caminhada em que me uni a ti.

Deitei-me na divisória escura, cerrei os olhos, e quão belo foi aquele momento em que observava a tua face, a preencher-me. De olhos abertos via apenas o breu nocturno, e quando cerrava as pálpebras, contemplava a silhueta facial que tinha adorado minutos antes. Adormeci assim, e contigo bela Flor sonhei apenas aguardando aquele momento, em que erigirei de novo em ti o monumento do amor e da ternura.

E enquanto redijo estes escritos bíblicos e proféticos do afecto, aguardo pelo dia quíntuplo, em que nos reencontraremos, desta vez na tua propriedade nos bosques longínquos, onde me esperarás no teu palácio e me beijarás novamente pelos corredores e largas divisões que formam a sua planta.

Dócil Flor, és a mais bela princesa do cosmos.

Posted by João Pimentel Ferreira at 01:18AM (+01:00)

A deificação de um mercenário

Tuesday, June 16, 2009

Nicolau Maquiavel referia explicitamente no seu livro intitulado "o Príncipe" que quando um estadista entrega os seus recursos ou recruta mercenários, a desgraça apoderar-se-á da sua nação inevitavelmente. Hoje reconhecemos Maquiavel não como um filósofo ou politólogo, mas como alguém cuja doutrina evoca a disseminação do medo com o propósito do controlo absoluto de um estado ou nação. Mas Maquiavel também criticava abertamente os mercenários, homens sem princípios morais, sem filiações nacionais, sem estado, que combatiam exclusivamente pelas posses financeiras. O que os move é o capital, a riqueza e o poder. Depois de vencida a guerra e conquistada a nação

opositora, sequiosos por dinheiro, amealhavam, saqueavam, e pilhavam muitas vezes a nação que os tinha contratado, pois o que os vinculava ao estado beligerante era apenas uma nota contratual, em que os mesmos eram ressarcidos através de altos prémios e bens apoderados à nação derrotada. Mal vencida a guerra, apoderavam-se dos bens da nação que os contratava e acolhia. São homens que lutam não pela fé, ou pela filiação nacional, ou por doutrinas nacionais, mas lutam única e exclusivamente pelo dinheiro. Há historiadores que referem que a desgraça e a miséria em África deve-se muito a mercenários que optam por se juntar a facções apenas por ouro e diamantes. Bem treinados, provenientes de várias nacionalidades, entregam-se aos actos beligerantes com o propósito de enriquecerem desmesuradamente. O Petróleo, os diamantes e o ouro são a desgraça do continente africano. Maquiavel repudiava abertamente todos os mercenários.



Pois o nosso afamado madeirense, especialista na arte de elaborar algumas peripécias na figura geométrica sem lados ou arestas, um objecto esférico apelidado de bola; tem traços muito semelhantes a qualquer um dos que se rege estritamente pelo poder e pelo dinheiro. A sua transferência para Madrid foi a mais onerosa de todos os tempos, segundo consta auferirá cerca de vinte e cinco mil euros por dia, e tal facto é subtilmente acarinhado por todos os meios de comunicação social internacionais. O madeirense que segundo consta era mal pago por terras de Sua Majestade, veio ao encontro dos nossos irmãos castelhanos com o intuito de estar mais próximo da cidade que o acolheu na adolescência, a nossa amada Lisboa. Com a construção da alta velocidade, estaremos mais próximos de Madrid e consequentemente do nosso Cristiano. Poderá o caro adepto mais fervoroso comprar um bilhete pelos módicos duzentos euros e viajar até à capital espanhola para assistir ao espectáculo degradante que é ver a estrela futebolística mais cara de todos tempos correr atrás do objecto esférico referido anteriormente. O Cristiano é acarinhado, tem lugar destacado em todas a televisões e jornais, tem lojas de roupa, acompanham-no por terras do novo mundo, onde descortinam a sua vida íntima e privada com mulheres voluptuosas e ardentes, observam-no na capital do vício e do pecado a gastar as suas parcas poupanças no jogo e no casino. Envolve-se com modelos num simples e factual acto luxuriante, sem compromissos matrimoniais ou afectivos, desvirtua-se com automóveis de alta cilindrada não acessíveis ao comum dos mortais. Ganha fortunas, porque tem o dote de saber dar uns toques. É perverso, ambicioso, pérfido e rege-se apenas pelo dinheiro, Maquiavel diria que temos as condições suficientes para o definir como um exemplo contemporâneo do mercenário. Aquele que se move apenas pelo capital. Que os há, sei bem que há, agora intriga-me observar os média a deificarem-nos, a considerarem-nos como um exemplo de salubridade ética e moral, a tornarem-no num exemplo para as gerações vindouras. O futebol cria as suas estrelas não através do dinheiro, mas através da paixão e do amor pelo desporto criado por terras britânicas. Eusébio viveu com alguma modéstia, apesar de ter sido um dos melhores do mundo e poderá dizer-se o mesmo de Pelé. A paixão pelo futebol nasce na associação entre o factor cultural e desportivo e a paixão por que é regido este desporto. As estrelas não se formam com dinheiro. O humilde Cristiano, proveniente da ilha tão afamada pelos discursos acalorados do Sr. Jardim, parece ter-se

tornado na antítese da humildade, tornou-se em alguém altivo, soberbo e arrogante. E a juventude Portuguesa encara-o como o exemplo a seguir, alguém com quem se identificam, alguém que gostariam de ser no futuro, jogador de futebol e claro está, muito endinheirado.
Pois meus caros, o Português mais famoso do mundo, não passa simples e evidentemente de um mero e rude mercenário, que se rege estrita e unicamente pelo dinheiro. E os nossos média decadentes, transformaram-no num exemplo de candura e rectitude. Alguém com quem nos identifiquemos e orgulhemos pelo facto de ter no passaporte a nacionalidade de Camões.

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:10PM (+01:00)

O Poeta Paradoxal

Monday, June 01, 2009

Estou contente, mas descontente
Eufórico, mas estou triste
Sou um fraco que resiste
a amar eternamente

Ateu, que em Deus é crente
que questiona se Ele existe
que divaga, que persiste
na luxúria que é ardente

Sou um paradoxo eterno
O prelúdio imortal
Rude, pacato e terno

Cadáver sensorial
Sou o infinito efémero
Sou a aurora boreal

Posted by João Pimentel Ferreira at 01:01PM (+01:00)

Em Ponte de Sor

Monday, June 01, 2009



Se em tempos ancestrais foi construída a ponte
Sobre o rio, doce, pacato, o Sor
Que me lava as mágoas do amor
E que me refresca a morena fronte

Bebo as águas de uma fonte
Que me inunda o ego de ardor
Que me cura, que sara a dor
Perscruto a paz no horizonte

Teço as teias de ternura

De um leito que nos envolve
Amo a dócil amargura

Da teia que nos acolhe
Bela mulher, que formosura
Que o meu parco corpo colhe

____

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:51PM (+01:00)

A hegemonia da cultura americana no festival Europeu da canção como...

Sunday, May 24, 2009



Estive recentemente a observar o festival Europeu da canção de 2009 e fiquei deveras perplexo com a submissão da cultura musical europeia à cultura americana, quer na língua quer no estilo. Não tenho dados quanto ao número de canções cuja língua favorita foi o Inglês; não tenho dados pois estes são bastante difíceis de encontrar quer na rede, quer nos meios de comunicação social convencionais; mas posso asseverar empiricamente e se a estatística impressionista não me falha, que o idioma para a maioria das músicas representativas dos diversos países Europeus foi a que é falada na sede do novo mundo.
Isto é uma autentica subjugação cultural, é uma submissão aos padrões culturais americanos, é uma sujeição à hegemonia forçada da língua de Sua Majestade. Pergunto eu, meus caros, qual o dia em que ouviremos nos canais mediáticos americanos uma música cantada em Turco? Qual será o dia em que ouviremos no festival Europeu da canção o Reino Unido ser representado com uma canção cantada em Ucraniano ou em Arménio? Dir-me-ão que tal façanha é impensável e inexequível; e assim o é. Mas o inverso aconteceu no festival da canção de 2009.
Os países nórdicos como já é tradição escolheram todos o Inglês para se fazerem representar no maior espectáculo intercultural e musical da Europa. Não deveria afirmar intercultural, pois existe claramente uma padronização cultural da música pop cantada em Inglês neste afamado festival. Muitos países como a Turquia, a Bulgária, Israel, a Grécia, a Bielo-Rússia, a Hungria, a Lituânia, a Polónia, a Arménia, a Ucrânia e até a Alemanha escolheram o Inglês. Muitos dos que escolheram as suas próprias línguas nem sequer chegaram à final, como é o caso da Macedónia e da Letónia. Dir-me-ão que é uma forma mais apelativa de atrair votos do júri, mas é uma forma efémera, fugaz, pouco coerente com as suas géneses culturais, como forma de se afirmarem no espaço musical Europeu. No maior festival de música que a Europa produz observamos repetitivamente um sistema decrépito de rebaixamento cultural em relação à profusa

doutrina musical americana.
Tentemos ir à génese da questão, tal facto que abordo acima, é um reflexo dos dias que vivemos. Encontramos uma disseminação em todos os meios de comunicação como a rádio e a televisão da língua e da cultura americana. O espaço radiofónico Europeu está repleto de música americana, as televisões europeias estão inundadas com filmes provenientes do novo mundo falados em Inglês, e esta onda de veneração aos súbditos do tio Sam, reflecte-se inevitavelmente no festival da canção. E pergunto eu, como é que um continente tão rico cultural e linguisticamente como é a Europa, como é que um continente com tradições musicais seculares, um continente único na sua heterogeneidade linguística, necessita de importar do novo mundo a música e a língua para um festival que se intitula Europeu da canção? Faz-me reflectir por que é que a Itália decidiu abandonar este festival. Talvez porque não se identificasse com o género de músicas que nele participam. Faça-se justiça com Portugal, Espanha e França que decidiram utilizar as suas línguas para se fazer representar.
E faço eu mais uma questão, porque é que o estilo musical mais utilizado é o pop? Não é o pop um estilo musical que nasceu nos Estados Unidos? Não é a Europa um continente tão rico musicalmente, com diversos estilos musicais tradicionais e regionais que certamente representariam bastante melhor cada nação? O fado é um exemplo. Mas já que não se canta utilizando cada estilo musical, deveria utilizar-se pelo menos a língua própria de cada nação. Reparemos como muitos dos vencedores do festival cantaram em Inglês, como a Suécia com os Abba, recentemente a Finlândia em 2006 com os Lordie e a Noruega em 2009. Mas já é tradição todos os países nórdicos utilizarem o Inglês para se fazerem representar.
Irradiemos a hegemonia do Inglês no festival Europeu da canção; deixemos esta língua apenas para os países que a utilizam como língua oficial, como o Reino Unido e a Irlanda, e façamos do festival Europeu da canção um verdadeiro espaço multicultural e verdadeiramente representativo das idiossincrasias regionais europeias tão pouco profusas no espaço comunicacional do nosso quotidiano.

Posted by João Pimentel Ferreira at 08:54PM (+01:00)

As profecias universais

Thursday, May 07, 2009

Deus absorve o infinito e emana o equilíbrio divino da bondade. Quem praticar o bem, por certo será recompensado por Ele. Estou numa formação de segurança, que considero hipócrita e despropositada. Os mesmos que oculta e transparentemente perpetram os atentados terroristas, elaboram os discursos de segurança. É certo e sabido que foi a maçonaria americana e europeia que perpetrou os grandes ataques terroristas no século XX, com o intuito de propagar o medo e a tensão islâmica junto dos povos ocidentais. E são estes mesmos que elaboram todos estes cursos hipócritas de segurança. As profecias serão concretizadas. Os profetas ocidentais e orientais teorizaram bastante sobre a libertação dos povos do mundo. Os teóricos ocidentais profetizaram que seria a divindade feminina que libertaria o mundo das rédeas despóticas e opressoras do género masculino. Observemos a deificação do género feminino no mundo ocidental; as diversas representações pictóricas sobre o republicanismo, sobre as diversas revoluções, observemos as estátuas que adornam os parlamentos do mundo ocidental e reparemos como estão fortemente ligadas à feminilidade. Também é evidente que foi no mundo ocidental que o género feminino foi pseudo-libertado. A igualdade de sexos, o voto concedido às mulheres, a igualdade de

direitos constitucionalmente assegurados. A mulher está representada nas sociedades ocidentais como a libertadora do mundo, assim profetizaram os teóricos ocidentais. Já os teóricos do mundo islâmico, as suas sociedades secretas, teorizaram sobre o lado pérfido feminino, sobre a sua inferioridade intelectual e racional e sobre o seu excesso emocional. Profetizaram também os teóricos sufistas que deveriam combater o mundo infiel ocidental que exacerbava as sensações erógenas e deificava o lado impuro da mulher. Então acharam os mações republicanos ocidentais que deveriam combater o mundo islâmico e libertar as suas mulheres. Há que conciliar estes dipolos culturais seculares e encontrar o equilíbrio e a harmonia. Foi a sociedade maçónica ocidental que me decretou a morte no ano de 2002 em Estocolmo. Tudo fazem para que eu cometa algum acto suicidário. Utilizam as suas técnicas ocultas, pérfidas e transparentes para me incutirem actos depressivos e letais. Os gestos, as atitudes, os movimentos corporais das pessoas que observo, os traços faciais, as atitudes dos que vejo, as notícias televisivas, radiofónicas e jornalísticas que se espalham pelo mundo; tudo elaborado pelo género despótico e mortífero masculino do mundo ocidental para me atentar. Tudo técnicas ocultas, transparentes e pérfidas para me incutirem um espírito suicidário. Há que destroçar os déspotas e ditadores masculinos maçónicos do mundo ocidental. A liberdade foi-nos retirada, há que libertar o mundo ocidental e oriental.
Foi no ano de 2002, não estou recordado do dia exacto ou mesmo do mês. Sei que foi nesse fatídico dia, que a maçonaria ocidental me decretou a morte, e porquê, questiono eu, e muito tenho questionado. E sei-o bem. Atentei contra os mais altos ideais da purificação feminina. Terei matado? Terei violado? Terei corrompido? Terei atacado? Não. Os mações ocidentais perdoam os mais altos assassinos e violadores, os barões da droga e os corruptos dirigentes, mas a mim não permitem quaisquer tipo de amnistias. Pois garanto-vos que também eu não desistirei de combater pela liberdade dos povos. Estarei senil? Talvez! Mas porquê decretarem-me a morte? Qual a razão? Eu atentei contra os mais altos valores maçónicos ocidentais da divindade feminina. Eu, homem probo e recto, pueril e caridoso, bondoso e generoso, enquanto divagava por Estocolmo seduzi diversas mulheres, intriguei-as, expus-lhes os mais altos e corteses momentos de felicidade. Adornei-as com carinho, encontrava-me num momento em que a testosterona se encontrava em níveis considerados patológicos. No entanto odiava as mulheres e escrevia poesia atentória às suas qualidades, escrevia poesia que indignava, em que as ofendia gravemente, comparava-as a prostitutas de bairro, odiava-as profundamente, no entanto elas, devido ao meu charme irresistível, adoravam-me. É que a mulher é um ser intrigante pensava eu na altura. Enquanto fui um ser depressivo, nenhuma me ligou, nenhuma observara as minhas qualidades generosas e bondosas, mas quando passei a libertar-me e a tratá-las como objectos descartáveis, passaram então as mesmas a relacionar-se comigo, e expressava eu tudo através da poesia. Odiava-as, repugnavam-me, no entanto sabia que as desejava ardentemente, daí a escrita hedionda que elaborava através de pérfidas e horrorosas poesias.
Mas confesso hoje, que considero a mulher como um ser inferior e pérfido, pois na altura a maçonaria feminina não soube analisar a minha questão racionalmente e como não conseguiu controlar e minha mente rebelde e irrequieta, pediu a minha morte aos mais altos dirigentes maçónicos masculinos. E assim foi. Tentaram matar-me os mações ainda em Estocolmo através do enforcamento, eu resisti, depois tentaram através da inserção de nano-processadores no meu cérebro para me lerem os pensamentos e agir em conformidade de forma a conseguirem matar-me; eu resisti mais uma vez. Depois enquanto fazia electro-choques inseriram-me químicos controlados à distância que me perturbariam a consciência e mais uma vez resisti. E entraram em pânico devido à minha forte resistência., por isso mataram, torturaram diversas pessoas pelo mundo fora, torturara-me os amigos, torturaram-me a família, a minha mãe, o meu pai, o meu irmão, os meus amigos mais chegados com o intuito de me incutirem ideias suicidárias. Mas eu

resisti, e hei-de resistir.
Pela libertação dos povos do mundo, pela concretização das profecias ocidentais e orientais. Há-de ser uma mulher, não de género fisiológico, mas um a entidade fortemente feminina, que libertará o mundo das rédeas opressoras masculinas, mas também há que condenar as atitudes de grupos de mulheres que por certo, por falta de espírito profundo racional, têm atitudes desmesuradas e inconsequentes.
Há que encontrar o equilíbrio divino entre estas duas facções, entre estes extremos proféticos civilizacionais.
VIVA A LIBERDADE, ABAIXO A MAÇONARIA
Posted by João Pimentel Ferreira at 02:21PM (+01:00)

A messianização de Obama

Tuesday, March 03, 2009



Questiono-me diariamente sobre os conceitos e os preceitos que conduziram à eleição de Barcak Obama. Não está em causa a cor da sua pele, nem a ascendência genética, o que está antes em causa são os valores que estão latentes, não patentes e passo o pleonasmo, na filosofia e na política internacionais que têm o império ao qual este senhor é presidente.
Não hajam dúvidas à messianização que estão a fazer neste momento ao Sr. Presidente. Tem lugar marcado em horário nobre em todas as estações televisivas internacionais, é aplaudido energicamente no congresso a cada frase que profere, é recebido apoteoticamente a todos os lugares que vai. Um homem que ao que sei é fluente apenas no Inglês; dirão os mais acérrimos defensores da língua de sua majestade que tal é deveras suficiente, pois os americanos souberam bem espalhar o seu idioma pelo mundo fora; mas um homem que se quer líder do mundo, que é o que lhe estão a tornar, tem que ser no mínimo poliglota, tem que ser um Europeu, pois a historicidade da Europa é bem mais forte que a do novo Império.
É que o tio Sam já perdeu os três há muitos anos, e não prevejo uma longa duração do império sediado no novo mundo. Htiler dizia abertamente que faria da Alemanha um império que duraria mil anos. Os Americanos são mais subtis, regem-se por doutrinas muito mais subliminares, mascaradas de valores maçónicos como a Igualdade, a Fraternidade e Liberdade; dizem-se democratas, instauradores da democracia no mundo, mas são o novo império pois a natureza humana é impetuosa nas suas raízes. São o novo Império pois têm máquina militar mais poderosa do mundo. O seu poderio bélico é o mais letal do planeta, e por isso impõem as regras do terror, da maldição e da injustiça nos locais por onde se imiscuem. Impuseram subliminarmente a língua Inglesa no mundo; não há emprego decente agora em Portugal e na Europa, continente tão rico cultural e linguisticamente, em que se não peça a fluência da língua Inglesa. Chamam-lhe os seus subordinados de língua franca, pois não passa de uma língua francamente pobre face à língua de Camões, perdoem-me o nacionalismo um pouco exacerbado.
E tento eu aferir se a crise económica que é vivida presentemente não é uma orquestração elaborada pelos americanos maquiavélicos para que o Sr. Obama seja messianizado ao ser considerado o homem que retirou o mundo da crise. O império do terror é atroz, captura todos os seres que se lhe opõem. Rege-se essencialmente por

normas maçónicas de suposta irmandade e de valores como a democracia, mas a irmandade é terrífica, instala um conluio de amiguismos no poder decisório dos países que estão na sua teia, para que o mundo assim enclausurado na rede de poder, cujo epicentro é Washington, esteja todo submisso às teias impiedosas do tio Sam.
Mas o tio Sam já perdeu os três há muitos anos, quando decidiu invadir o Iraque pela primeira vez, sequioso apenas com os lucros do petróleo que daí auferia. Já antes tinha o tio Sam perdido os três quando decidira apoiar o Iraque na guerra entre o Irão e Iraque. Deu com uma mão ao ditador iraquiano e depois tirou com a outra.
Não tenho dúvidas que foi a maçonaria americana que orquestrou a explosão das torres gémeas em 11 de Setembro de 2001 com o mero intuito de ter um pretexto para invadir os países supostamente terroristas a seu bel prazer. É que uma máquina bélica como a americana não pode emperrar, tem que ter uso, tem que ser oleada constantemente. Basta olhar para a história americana para observarmos que os E.U.A. estiveram ao longo da história constantemente em guerra, raramente tiveram um período de paz durante mais de dez anos. Não é necessário relatar aqui as guerras em que os súbditos do tio Sam se envolveram. Desde a segunda grande guerra, à Coreia do Sul, Vietname, Jugoslávia, duas vezes no Iraque e Afeganistão.
Mas voltemos à ideia primordial. A messianização de Obama. Aparece nas televisões como o salvador da crise internacional, a sua nomeação teve lugar destacado em todos os jornais e televisões espalhados por todo o mundo, como nunca tinha sido feito anteriormente a qualquer presidente de qualquer país do mundo. Não dou muito tempo a que seja considerado o novo Messias, o novo Jesus Cristo que vem salvar o mundo da crise em que vivemos. Mas não nos esqueçamos que o mundo vive atormentado com os poderios maçónicos americanos, é que a maçonaria é uma ordem conspirativa secreta que apenas atenta contra os valores da justiça e igualdade entre os homens. Eles defendem apoteoticamente a igualdade, mas vêm a igualdade apenas entre irmãos, os outros são os profanos, a plebe.
Pois eu não me rego e não me deixo influenciar por esta onda apoteótica que estão a fazer ao Sr. Obama, para mim é mais um mação no poderio americano. Temos que nos libertar das rédeas, da teia, da rede que tortura e subjuga os homens verdadeiramente livres. Temos que nos libertar do poderio bélico sediado no novo mundo.

Pela Liberdade dos Povos, abaixo o novo império.

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:41PM (UTC)

Às doze pétalas da doce Flor

Sunday, February 15, 2009

Dócil Flor
És quem me adoça a alma
O meu espírito, na palma
Da tua alva mão
Flor do Sol radiante
Flor do Homem, ser pensante
Flor do meu coração

Flor do Mundo
Flor do desejo e delírio
Que rejeita o martírio

Da crua solidão
Bela Flor
Flor da virilidade
Minha Flor de tenra idade
Flor da minha paixão



Vejo-te a face
Contemplo o azul do mar
No teu corpo o luar
De um bosque verdejante
Dócil Flor
Minha Flor adorada
Minha amada, desejada
És a minha terna amante

Flor do campo
Observo-te a face e os traços
Damos as mãos e os laços
de uma bela união
Flor do Cosmos
Dos mares quentes e mornos
Bela Flor de João

Loiros cabelos
Corpos estendidos no campo
Observar o teu encanto
De um belo alvo Amor
Minha doce mulher
Minha deusa do Universo
Sentir este ego imerso
Da mais pura doce Flor

Sou livre
Sou Mouro, sou Judeu
Sou homem indo-europeu
És a minha orquídea da China
Sou budista
Sou Poeta, sou cristão
Venero a Tora, o Alcorão
És a minha doce menina

Louvo o três
Louvo as pirâmides de Gizé
Louvo as estruturas de pé
És a minha Flor campestre
Louvo a Deus
Louvo-te o corpo e os peitos
Somos os dois mais eleitos
És a minha Flor do Leste

Sou Português
Sou Brasileiro, sou Espanhol

Sou Russo, sou Mongol
És a mulher Universal
Sou das Américas
Do Equador, sou Mexicano
Sou índio Americano
Dos mares do Norte, és o Sal

Sou de Gales
Sou dos trópicos, sou Japonês
Sou iniciado Escocês
És a minha doce Flor
Sou do Árctico
Sou cavaleiro Islandês
Sou nobre Português
Nutro por ti, terno Amor

Sou Germano
Sou pianista Austríaco
Sou um belo ser idílico
És a mais pura candura
Sou da China
Sou Dinamarquês, sou Mouro
Sou negro, moreno e louro
No teu corpo a formosura.

Sou Cingalês
Na Argentina, Canadiano
Em Timor, Australiano
És quem me adoça a boca
Sou do Báltico
Nos trópicos sou hiper-bóreo
No Árctico, um beijo flóreo
Dois corpos na noite louca

Sou Polaco
Sou homem douto da Hungria
Sou a terra quente e fria
Sou eu que te desejo
Em Barcelona, Madrileno
Sou o Danúbio no Meno
És as águas cândidas do Tejo

Sou da Europa
Sou filósofo Alemão
Sou Inglês, sou Mação
És a Flor de jasmim
Em Meca sou Muçulmano
Venero Ala, meu amo
És a Flor do meu jardim

Venho de África
Em Estocolmo, sou Ruandês

No Bótnia, vejo o Suez
O teu corpo no meu jardim
Em Roma, sou Romeno
No Douro, vejo o Reno
Dir-te-ei sempre que sim

Sou homem-livre
No Congo, sou Francês
Venero o dois e o três
És a minha dócil luxúria
Em Oslo, Jamaicano
Em Helsínquia, sou puritano
És quem me renega a penúria

Sou profano
Venero a estrela de David
Sou hebreu, sou Nazi
És o meu doce pecado
Adorei a suástica
A doutrina eclesiástica
Sou o teu namorado

Sou Pacífico
Em Tóquio sou de Quioto
Sou um samurai louco
És a minha dócil gueixa
Americano
No Paquistão, sou hindu
Contemplo-te o corpo nu
És a amante que não se queixa

Sou do Laos
No Brasil, sou Vietnamita
No Cáucaso, sou Semita
És a mais bela linda Flor
És o Cosmos
Sou as estrelas e os planetas
Sou os astros e os cometas
És o meu grande Amor

Chica Guapa
Mi amada, como te quiero
Te veo cuando los ojos cierro
Eres mi gran amor
Mi princesa
Mí adorada y venerada
Estás de mi enamorada
Eres la luz y el color

Sou mulato
Sou Guineense na Gronelândia

Sou Lapão, na Mauritânia
És a minha índia da selva
Adoro-te
No Vaticano, sou pecador
Sou missionário, sou doutor
Dois corpos estendidos na relva

Honey
You’re my sweetest girl
A friend who’ve became a pearl
I see you, and I see heaven
Sugar
You are my sweet temptation
My adored veneration
Two of us, form eleven

Darling
You’re the source of my desire
You’re the empress, of my empire
You’re my candid lust
Sweetheart
You’re the passion of my soul
We both compose the whole
You’re the one to trust

Sou Checo
Em Paris, sou Londrino
Beijo-te, abraço e rimo
Em honra ao teu semblante
Sou Eslovaco
Na Alemanha, sou Polaco
Por ti corro, rasgo e mato
És a minha louca amante

Serenidade
És a minha grande amiga
És bonita, és bem linda
És a calma e a harmonia
Estou tranquilo
Em menino observei-te
Hoje mesmo toquei-te
És a Filosofia

_____
Posted by João Pimentel Ferreira at 05:18PM (UTC)

Reencontrando-me!

Thursday, February 12, 2009



Uma vez mais me encontro deambulando
de pensamento em pensamento
Perco o amor ao mundo, amo os outros, é
o meu tormento
A cada dia que passa, assimilo o que é
estranho
Acedo, agarro os outros e neles me
entranho
Porque a língua é fugaz nas suas doutas
rimas
Perco-me nos desejos, chamo-lhes
meninas
Sobrevoo eu também as florestas e as planícies, os vales e as montanhasE quando me
provocas, me seduzes, e me assanhas
O paradoxo racional eleva o desejo
Pois a carne é o meu ensejo
E se me reencontrar é a luz divina observar
É o encontro interior
É o verdadeiro amor
É a felicidade poder contemplar
É a verdadeira iniciação
Quando observo os teus olhos azuis
De um cabelo ondulado que me adora
No meu ego, e quando fluis
No espírito que constituo, na alma que aqui perdura
Mas que amolece com a ternura, a doçura
Da caridade, da afável mocidade
Encontrar a criança que deixei de ser, que se perdeu
O ente, que através do espaço-tempo morreu
Quem são os deuses? Quem sou eu?
São os do Olimpo? Os de Roma? Fui quem perdeu
O rumo à vida, o rumo ao caminho da purificação
Que és tu? Florbela ou bela flor?
Que rima com dor e amor.
Sou aquele que atravessa o mundo até ao infinito,
Que percorre as galáxias do espaço e aqui cito
As frases de doutos poetas, de homens da ciência e cultura
Pois Florbela, a luz loura dos teus cabelos
Que se perdem ao vento e só de vê-los
Não sei o que sinto ou pressinto
Se me mova ou me demova
Pois a mente mente e quando minto
Nego a minha existência
A doce procura, percorro os caminhos divinos, a persistência
Em me encontrar é dolorosa, custa atravessar o voo celestial
Que preconizas em teus versos
Que de amor estão imersos
Que da fugaz e temperada caminhada que percorremos

Dos desejos, que os loucos homens como eu se esquivam
Pois por vezes canso-me, perco-me, despisto-me nos caminhos da alma e da carne
Mas quando vejo as doces mulheres que me activam
Sentimentos paradoxais, de amor e ódio, de desequilibro, do gozo que arde
Percorro as estradas do mundo, as rotas infindáveis da loucura
E não me encontro no que está perto, cerca lonjura
E se os efémeros fragmentos desta vida fugaz
Na qual me torno mero espectador
Aquele acutilante que espeta a dor
E não encontro paz, nem razão às discriminações linguísticas
Das escravas e das eslavas
Dos bárbaros severos
Dos vândalos e de Neros
Dos semíticos interesseiros
Daqueles que emprestam a ladrilhadores, consumistas, padeiros
Dos suínos e dos Suevos
Daqueles que dizem que fazem judiarias
Não suporto as discriminações, nem anti-semitismos, nem ódio aos outros que no entanto me odeiam
E do lixo, que será? Quem serão? Da cruz se elevarão?
Pois porquê a chave, o chaveiro e o chão?
Não são a cave, o coveiro e o cão?
Guerras lingüísticas, das tremas que se elevam
Da simplicidade da língua semita e latina
Pois minha deusa, minha dócil menina
Dos versos que eu em ti li
Naqueles em que te reencontravas,
E que planetas sobrevoavas?
Quero ir ao fim do Universo
Quero alcançar o infinito
E por vezes o longe é aquilo que fisicamente está perto
E se o Homem vai ao espaço e á lua
E nem sequer conhece por vezes a sua
Génese interior
Fugaz e do ímpeto? Não. Apenas do verdadeiro amor.
E os caminhos que descubro na minha génese
São dolorosos, são angustiantes,
Ardentes e desesperantes
Mas vejo eu também as florestas verdejantes
Os desertos vastos e reluzentes
Vejo os belos e cristalinos oceanos
As águas límpidas e mornas
Vejo os belos cumes, as montanhas que de um amor divino se enchem de neve
As belas faces, de mulheres, homens e crianças,
Que se regozijam com as planícies e com os momentos da vida banais
E com tantas outras coisas e muito mais
Vejo o mundo redondo, suave a não cortante
Sonho e vejo-me a mim como ser pensante
Sou aquele que da incerteza
Venera a tua pura beleza
Serei sempre aquele que nas calmas gôndolas
Aprecia as rias de Veneza

Vê a magia do mundo e do céu azul
Vejo o Euro, o Bóreas, o Zéfiro e o Sul
Sou aquele que ama o mundo
Sou aquele que através da mágoa, do amor, do desejo e da dádiva
Se oferece ao Eu Profundo.
Posted by João Pimentel Ferreira at 02:21PM (UTC)

Oceanus

Thursday, February 12, 2009



Sinto-me largado ao vento
Sem norte, nem sul
Sem leste, ou oeste
Perdido nas brisas infinitas do planeta
Perco-me na acalmia do oceano
Dum azul profundo que amo
Nas profundezas do meu ente
Um ego, que se inunda ao ser crente
Vasculho o passado e os pretéritos
Para me reencontrar
Para conseguir achar
A criança que no mar se perdeu
Que se afogou com o tempo imenso
Do oceano que é propenso
À dispersão do azul
Dos mares ao Sul
Mares do Sal
E eu que escrevo, tal
Como li os teus escritos
Quando vagueavas pelos infinitos
Dos mares do Norte, mares de Barens, golfos de Bótnia
Procuro em ti experiências passadas
Renego paixões amarguradas
Olhos da cor do mar que elevo
Mar revolto, nas ondas de uns áureos cabelos
Oscilo entre a harmonia, mas em mim fervo
Com as vicissitudes da doçura,
Após a amargura
Escrevo as escritas do reencontro
Escrevo os escritos do pesadelo
Deste sonho vivente envolto
Em nevoeiros que atravesso
Quando caminho para as camadas inferiores do ego
Das plataformas que nos levam ao núcleo
Dos dilemas de Verne ao centro do Eu
Redondo e esférico, abrasador, o núcleo, o caroço envolto em breu
Que se descobre
Que se envolve
Há que perfurar a mácula, a agonia, a angústia, a raiva e a maleita
Rejeitar o ódio, mas não rejeito o desejo!
Esse é o meu ensejo

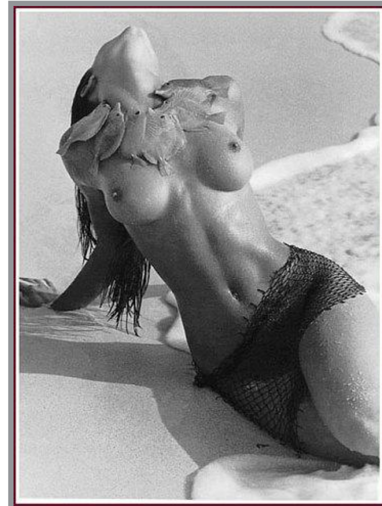
Mas será o desejo a angustia do homem?
Será o que o leva ao desespero?
Será o desejo, a génese da flagelação?
Dos ímpios actos de veneração?
À carne e aos seus vassalos
Aos seus subordinados
Aos mágicos e deprimentes fados?
Voos da imensidão, voos mágicos pelo mundo que revejo
Voo sobre o planeta, passeio num cometa
Fervente na cauda, encrostado em gelo
Que assimilou nas fronteiras do Universo
Que me revisita
Caminho, corro com a fita
Da vitória ao alcançar a meta
Cansado, depois da sesta
Mas elevo-me, procuro, e reprocuro, procurando de novo, reprocurando
O caroço, o núcleo, o cerne
Mas parece que não faço parte daquelas influências magnéticas
Que vêm do extremo do sistema solar
e que atravessam as camadas quentes para depois o núcleo encontrar.
Farei parte daquelas que o rodeiam ?
Caminho então sobre as águas, imerso nas profundezas do azul
Destes mares de lágrimas ao sul
Nado, tal homem da Atlântica
Ondulo o corpo, oscilo com as ondas do mar
E do sal consigo saborear
E quanto mais Sal, mais sede, mais água doce
Quanto mais Sal, mais fome, mais rios que das montanhas nascem
E no sal, procuro as montanhas nos altos, nado como o salmão
Procurarei o destino no topo do rio frio para conceber
E perecer?
NÂO
Vagueio no Tejo
Imerso
De águas límpidas, que outrora encheram as ninfas de candidez e de alvura
Tejo que limpa as mágoas, que lava a ânsia mais dura
Que em tempos ancestrais convertia pecado em candura
Da mulher em que lhe revejo banhar-se, bela e pura
Mas procuro nele a lua cheia a reflectir-se na paz do horizonte
Na silhueta de uma ponte imensa que o percorre
De uma exponencial decrescente
Mas no furor e na alegria sou crente
E também com o tempo vou perdendo a minha identidade
É simples influência do acréscimo na idade
Mas cabe reencontrar-me
Para apenas achar-me
Sentir-me envolto em nuvens
Vaguear e passear sobre jardins verdejantes
Amar os seres do mundo, pecadores e errantes
E procurar algo que me satisfaça o espírito
Que me satisfaça o eu interior
Que renegue a dor e o rancor

Procuro no mundo dos infinitos
E revejo na infância a alegria, a egolatria
O puro amor.

Posted by João Pimentel Ferreira at 02:07PM (UTC)

Diferenciação matemática do Universo

Friday, February 06, 2009



A função matemática que representa o Universo, a existir, tem por certo uma função diferencial contínua. Apenas na arte, tais descontinuidades são possíveis. Por isso rejeito a mecânica quântica e os seus preceitos, ou seja, por definição a mecânica quântica não faz parte da ciência, mas sim do campo artístico. A arte é mágica, sonhadora e a forma mais divinal que as culturas encontraram para representar os sonhos da alma, mesmo tendo consciência da sua natural irrealidade. O Homem concebe a arte, com forma de extravasar os sonhos, as divinais magias interiores e através desta comunica. Os Gregos, primordiais culturas do saber, elaboravam aquelas magnificentes obras de arte, com musculados homens em posições atléticas, no entanto, estudos recentes demonstraram que tais posições eram irreais, e infazíveis. A arte é a execução dos sonhos, é dar forma às ansiedades da alma. No cinema, a cena muda como queremos, de um segundo para o outro passamos para o outro extremo do planeta, mudamos de cena e de cenário. Na música ouvimos sons irreais, ouvimos tonalidades auditivas inexistentes na natureza, na pintura observamos formas e traços que muitas vezes vão contra todas as formas padronizadas existentes no mundo. As formas da pintura podem ser irreais, no entanto comunicam. A arte comunica, a arte extravasa a magia interior da alma. A arte nunca deixa de ter significado, independentemente do senso em causa. E é na arte que observamos, que exprimimos a alma. Na arte exprimimos, por outros meios, as formas da natureza. Os heróis gregos, eram homens, não deixavam de ser homens, tinham músculos como todos os homens, formação esquelética, e membros, no entanto colocavam-se em posições nada naturais. Então o que é a arte? A arte é a liberdade! A arte é a exteriorização da alma! Ora na arte, encontramos as funções matemáticas cujas diferenciais são descontínuas. A arte tem função diferencial descontínua, pois na arte, mudamos de cena e perspectiva consoante o desejado. Na realidade levantar-me-ei da cadeira suavemente, continuamente, caminharei passo a passo até à saída, calmamente percorrerei as avenidas de Berlim virarei o pescoço e as imagens aparecerão sempre de forma contínua. No entanto, a cidade, repleta de artifícios artísticos, revela uma luminosidade artística inigualável, pois de uma estação de Metro para a seguinte muda o panorama e o cenário envolvente. Temos o S Bahn e o U Bahn. Poderá ser a harmonia da farmácia alemã numa rede de transportes públicos? De um ponto para o outro a descontinuidade, a forma de arte arquitectónica e urbanística da cidade de Berlim. A arte, a luz, o semáforo que muda do vermelho para o verde e vice versa. Mas passa pelo amarelo.
Posted by João Pimentel Ferreira at 08:33PM (UTC)

Entre a hegemonia da língua de sua Majestade e a harmonia pictórica...

Wednesday, January 21, 2009

Entrego todos os pensamentos neste diário, e coloco as questões mais controversas. Gosto de papeis em folhas brancas e revolto-me contra o instituído. Por vezes fico senil e questiono-me sobre os factos históricos dos milénios que sucederam o nascimento de Jesus. Questiono o relacionamento do Messias com o império Romano. Falaria Jesus Latim? Teria visitado alguma vez a cidade de Roma? Questões concretas, questões que coloco num pedaço de papel. Vou fazer deste diário, um diário livre, como tal ignorarei os termos nele inscritos. Gosto de escrever sem ter que me ser imposta uma norma ou um padrão, não gosto de padrões, nem de estandardizações ou implementações. Se a língua se imiscua, se a língua se une ou emerge, porque é que a língua é tão importante? Porque é que a língua, sendo apenas um objecto auxiliador da fala é tão venerada e proclamada pelos impérios? Temos todos de nos subjugar à língua do Império? Tal como o Latim foi imposto através das armas, do sangue e do aço, ou ferro, também o Inglês se quer impor através do sangue e da publicidade enganosa. Comprei um diário na Alemanha, e sinto-me defraudado. Estava envolvido em plástico, e quando o abro, está tudo escrito em Inglês. Porquê pergunto eu? A língua espalha-se, e a língua reflecte a cultura de um povo. Há muito tempo que pretendia elaborar, traços comparativos entre o Inglês, o dialecto do novo Império, do aclamado “Bem Comum”, e o Português. O que é certo, é que o Inglês, é omnipresente e é imposto, é forçosamente estandardizado, e isso revolta-me. Comprei um diário na Alemanha, pago uma fortuna, face aos meus rendimentos, e quando o abro está tudo em Inglês. O Português é mais modesto, mais moderado, e por vezes mais acutilante, e lembro-me da profissão, do obreiro, daquele que exerce uma actividade. Na língua de Camões o que exerce uma actividade, é o substantivo adicionado do sufixo “dor”. Que estranho, tudo é feito com dor. Até quem cria é criador! Já o Inglês, que se intitula língua livre, foi imposta não através da própria dor, mas implantada através do sangue e do martírio dos outros povos. Tudo em nome da liberdade! Não eram os Ingleses, meros piratas que obtiveram refúgio durante séculos por terras lusitanas? Observemos o Algarve, a mais sufista região da nação portuguesa, e vejamos como está repleta de anglicismos. Transformaram o Algarve numa segunda Inglaterra. Devia-se adicionar o Algarve ao “Bem Comum”. E questiono-me a quem é dirigido o “Bem Comum”. O “Bem Comum” é dirigido a quem fala a língua da Aliança, os outros povos são os subordinados, ou seja, são a “Ralé Comum”. No mundo anglo-saxónico o “Bem Comum” complementa-se com a “Ralé Comum”. Não fui eu que instiguei um ultimato, aquando de um mapa cor-de-rosa, cor afável, cor adocicada e amorosa. Foram os republicanos sufistas portugueses que se revoltaram contra a hegemonia dos súbditos de Sua Majestade. E os do novo mundo que implantaram a língua que herdaram dos ilhéus, fazem-no através das armas, e claro, como bom judeus que são, através do dinheiro. Ora vejamos um facto interessante. O dólar do bom judeu do novo mundo:

É interessante observar tal facto, quando vi o logo das farmácias da Alemanha: Apothek.

Em diversas culturas, encontramos símbolos para a harmonia, para a paz interior, para a tranquilidade, para o equilíbrio. E tal é alcançado quando unimos o homem com a mulher. É a chamada união das almas gémeas. E na harmoniosa união interior obtém-se a paz e a felicidade. Quando nos complementamos com o género oposto. Neste complemento encontra-se a cura para todos os males e todas as maleitas da

humanidade. A farmácia Alemã é ainda mais representativa da harmonia, na sua iconografia, que a Portuguesa. Uma serpente, o pecado, o falo, o desejo inconsciente, que coloca a cabeça no copo aberto, na feminilidade. A harmonia, a junção da serpente com o copo aberto. A farmácia portuguesa preconiza a cura espiritual com a junção entre a haste e a serpente.



Independentemente da cultura, a harmonia pictórica é sempre alcançada entre a junção de dipolos distantes. Para o Judeu americano a harmonia encontra-se na moeda. Já para o Mação inglês, também um bom Judeu, o logótipo da moeda que tão orgulhosamente ostenta, é a própria nação, a Ilha de Inglaterra.



Vejamos então que existe similaridade visual entre o logótipo da Libra e a própria nação. Não fosse a palavra *Fortunatly* significar fortuna e felicidade em simultâneo. Não hajam dúvidas às influência hebraicas na nação de Sua Majestade. Os Orientais, por seu lado, encontram a harmonia no círculo que se une.

Aqui encontramos a verdadeira harmonia. Neste logótipo, nem deveria usar o termo logótipo pois tem correlação com questões financeiras; neste símbolo, circular, uma circunferência, sinal de perfeição, sem arestas nem cantos, onde a serpente se insere num círculo redondo. Não é o círculo também uma representação da passividade? Então o símbolo da bandeira da Coreia do Sul, é um dos mais altos representantes da harmonia. Pode ser encarado por dois prismas. Pode ser uma serpente embutida num círculo, ou então dois semicírculos disformes, que se unem e formam a perfeição. E vemos nós, por esse mundo alguma associação pictórica entre este símbolo e o dinheiro? Não, e felizmente que assim o é. À minha direita, um casal de namorados, tranquilos, aprecia os bons momentos da vida. Presumo que representam perfeitamente a harmonia demonstrada na união entre o Yin e o Yang. À minha esquerda três executivos engravatados. Devem estar a conspirar, e a planear como irão gamar melhor os subordinados. É que os engravatados da nação, são a podridão do Mundo. Nunca encontrei homens líderes harmoniosos que usassem fato e gravata. È que quando vejo um fato e uma gravata associo imediatamente a Capital. Tinha Mahatma Ghandi uma gravata? Tem o Dalai Lama uma gravata? Tem o pároco Franciscano gravata? De onde provem a gravata? Será um símbolo de fertilidade? Será

um símbolo de clausura? Uma corda que aperta o pescoço, e que pode ser puxada para os actos mais perversos. Ou será uma corda que vinda da face traz virilidade?

Posted by João Pimentel Ferreira at 09:31PM (UTC)

À doce Nádia

Wednesday, July 30, 2008

E no meio do escuro
E no meio do nada
Enquanto todos dormem
Quando a luz se apaga
Espero eu por ti
Nesta madrugada
Quero ter-te aqui
Mas tu estás parada

E não há mais nada, nada
Só tu, tudo, tu
Nada, nada, nada
Só tu Nádia, És tudo, tu

E a espécie humana é capaz de
Odiar, matar, chacinar
Mas contigo eu só consigo
Dar, abraçar, amar

Eu dava tudo para te ter,
Mas eu sei que um dia
a esperança há-de morrer

E no fundo do teu ventre
eu queria
Colocar a minha semente
um dia

——

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:23PM (+01:00)

VIVA A LIBERDADE

Tuesday, February 26, 2008

Viva a Liberdade dos povos que se esforçaram para a conseguir
Viva a Liberdade dos povos Africanos

Viva a liberdade dos povos americanos
Viva a liberdade de todos os povos e de todos que se entregaram de corpo e alma para

a conseguir alcançar.

Existe uma entidade regente que oprime os povos, que lhes lê os pensamentos e o métodos é atroz e horrendo.

Capturam todos os indivíduos de uma nação, subjugam-nos ao terror, pois essa entidade regente, essa sim é a verdadeira patrocinadora do terror.
Capturam o individuo e colocam-lhe aparelho para escutar os pensamentos. Qualquer pensamento não autorizado esse individuo é horrorosamente torturado em frente dos outros

Gosto de viver em liberdade, gosto dos republicanos, homens-livres que proclamaram a liberdade aos povos, gosto da maçonaria francesa que proclamou a liverdade,

Viva a Liberdade, Igualdade, fraternidade.

Todos os individuos foram torturadso, e o método é deveras simples, capturam o individuo, fazem-no torcer até quase morrer, depois inserem no cérebro aparelhos do nível de nano-processadores, para que possam ler todos os pensamentos. Qualquer pensamento desviante que o individuo tenha é imediatamente torturado como exemplo.

Através do terror é mantida essa força regente internacional.
Estão todos subjugados, todos estão sob o comando de uma mesma entidade, por isso é necessário evocar a liberdade.

Delicio-me por viver em democracia e poder falar abertamente sobre os meus pensamentos, sobre as inquietudes que me vão na alma.
Mas sinto agora que todos os esforços feitos pela maçonaria francesa em nome da liberdade, todos os esforços feitos pelos povos americanos em nome da liberdade, e tudo o que passaram os povos africanos em nome da liberdade, está a ser em vão.

Viva a Liberdade.

Viva a revolução francesa em nome de liberdade, igualdade e fraternidade.

Não temos no presente momento no cenário actual nenhuma das três, pois as forças regentes torturam e subjugam os seus súbditos. E o esforços realizados pelos povos africanos em nome da liberdade, e todos os povos americanos que proclamaram a liberdade em relação aos seus governos europeus. Viva liberdade

Vivemos numa situação em que a liberdade foi totalmente subjugada a nada, não havendo liberdade nos povos. A entidade regente altera a língua de um povo, altera os monumentos, altera tudo o que lhe convém alterar, não tendo o mínimo respeito pela história de um país.

A entidade regente é opressora, capturou todos e mantem todos subjugados às suas rédeas

O método é simples,
- Capturam o individuo e torturam-no até quase morrer
- Depois colocam aparelho no cérebro para captar pensamentos
- Qualquer pensamento desviante faz com que o individuo seja punido

- O individuo passa assim a ser um mero robô, um autómato, alguém que não age por vontade própria, passa a ser alguém a quem lhe foi retirado o livre arbítrio.

TEMOS QUE LIBERTAR OS POVOS

Lembrem-se, todos vós têm aparelhos no cérebro que captam pensamentos e todos vós estão subjugados a uma mesma ordem opressora. Temos que nos libertar dos nosso medos e receios de culpa.

VIVA A LIBERDADE
Posted by João Pimentel Ferreira at 01:21PM (UTC)

A águia da república vermelha

Tuesday, January 29, 2008

Cheguei a Polónia vindo de Berlim e fico perplexo e com alguns factos que posso observar assim à primeira vista, e existem muitos mais factos que por certo já era sabedor muito antes de aqui chegar. Talvez assim não o seja, talvez aquilo que sei advenha da pesquisa e do raciocínio. Da razão, e gosto muitas das vezes de inquirir interiormente os meus próprios pensamentos, gosto de ir ate ao fundo sem me desnortear pelos caminhos que não me levam ao cerne das questões que tento procurar alcançar.

Tanta conversa, ora fútil, ora pouco compreensiva. Mas há algo neste país, na soberania heráldica deste país que me deixa pensante. A omnipresente águia boreal. A águia que voa nos céus imensos, a águia que abre as asas e quando a observamos no céu vemos o sol, vemos alguém que abre as asas podendo assim voar e contemplar a liberdade.

Falo de liberdade, ora tentarei escrever libertamente. Não e águia o símbolo dos povos do Cáucaso, então a águia polaca revela que existe alguma soberania por parte dos arianos, não fosse esta nação considerada uma nação de Leste. Mas parece que a história revelou que na realidade a Polónia era uma nação multi-étnica. Isso faz-me reflectir ainda mais sobre a guerra entre os poderios opostos, a guerra filosófica e doutrinal, ou guerra tribal, ou apenas querelas humanas de povos com diferentes géneses, entre os povos do Cáucaso e os Semitas do Sul.

Os mandamentos, as ordens de Roma, os símbolos do império sempre foram os dominantes. Sempre foram os símbolos que dominaram as nações durante séculos, desde o antigo império Romano até à Igreja Cristã.
Hoje observei um anjo, um anjo imaculado, tinha asas e voava, tinha cabelos loiros e face rosada, e não sei se foi um sonho, se foi algo que contemplei na realidade, se foi um mero e banal eclipse visual, ou se foi algo mais concreto. Apercebi-me entao que o anjo, os anjos, por terem asas, são mais uma forma da representação da águia, são uma humanização da águia boreal. O anjo, o anjo que é venerado e procurado, é então a águia de outra forma representada, que faz os homens entrarem em delírio por contemplarem tal personificação de uma ave.

O anjo, a águia da bandeira Polaca, revela a supremacia da hierarquia dos povos do Cáucaso nesta nação, o que por certo não implica que esta mesma nação não tenha fortes traços semitas. Sempre foi assim em muitas outras nações. O poder aos do

Cáucaso, e os do sul tiveram sempre que viver em clandestinidade no continente do Euro. E como a lei do equilíbrio universal sempre se aplica, parece que hoje em dia, são os semitas de novo que no novo mundo exercem a Ordem Mundial através da força das armas.

Se o Império que venerava o Cáucaso, sediado em Roma, controlava as províncias sempre ostentando a águia, ostentando a quadriga de letras SPQR, e sempre o fez através de uma boa administração provincial é certo, mas também quando necessário através de ferro e sangue, parece que os impérios que se quiseram estabelecer utilizaram sempre os mesmos meios com o intuito da supremacia. E fiquei estupefacto, ou talvez não, quando me apercebi que a quadriga de cavalos nas portas de Bradenburgo, estão alinhadas a Leste. Assim como o está a praça de S. Pedro em Roma. E nas portas de Bradenburgo um cavalo para cada letra da sigla do Império, SPQR, e muito do império herdou a cristandade, desde o INRI, até ao simples facto de o Cristo na sua abertura de braços , com a cabeça ligeiramente pendente para a direita, lembra a águia venerada pelos indo-europeus, que também tem as asas abertas e que também tendo quase sempre em todas as representações, a cabeça ligeiramente para a direita. Não tem a cruz, quatro pontas?

E tudo isto reflecti, no comboio nocturno, na viagem noctívaga em direcção à Polónia. Uma viagem calma, serena, e sempre que viajo de comboio fico maravilhado, e mais fico ainda quando viajo à noite. Aquela repetibilidade sonora dos carris embala-me num sono profundo e reconfortante. Lembra os passos de uma progenitora, enquanto a criança se encontra ainda no ventre, a passear calmamente e a cada passo, um pequeno balanço, um pequeno e suave balanço. Porque embalam então, as progenitoras, as suas crias? Será para que estas adormeçam melhor? Pois o comboio embalou-me num sono profundo e reconfortante e fez-me reflectir sobre os simbolismos da bandeira polaca.
Posted by João Pimentel Ferreira at 11:59PM (UTC)

A cidade da harmonia

Tuesday, January 29, 2008

Enquanto bebia um copo de cerveja numa praça de Berlim, filosofava sobre as vicissitudes do desejo e da paixão. Filosofava sobre os termos das línguas, questionava sobre todas as coisas, questionava sobre como havia o homem de se expressar? Questionava sobre a diferenciação das línguas, sobre a diferencialidade da funcão que representa a natureza. Continuava a colocar questões de ordem filosófica enquanto tinha uma conversa de café com o Karl. Eu, num momento de salubre reflexão e de momentâneo e áspero momento de fugaz energia divagava sobre a riqueza das diferentes línguas e dialectos. Questionava-me sobre a génese da liberdade e das suas diferentes representações em diferentes culturas. Pois por estes lados, a arquitectura é soberana, a arquitectura e o desenho dos edifícios, formam a liberdade preconizada pelos povos do norte. Numa praça da empresa Sony, encontrei tracos e formas inigualáveis por terras do sul. Uma elipse no topo, uma extremidade de ferro que unida por diferentes cablagens, aponta para um lago de mármore. Chamo-lhe lago, pois tal como um calmo lago, este também reflecte de forma cristalina, como um espelho, as imagens envolventes.
As avenidas de Berlim são largas, espaçosas, têm o espaco para acolher as viaturas que se movimentam em quotidianas correrias. Os edifícios são ora contundentes, com ângulos agudos, ora com traços suaves. E mais um momento de reflexão enquanto deglutia uns mililitros de cerveja. Será a língua a única forma de comunicação? Não,

claro que não. Como é clarividente, o arquitecto de tal proeza que contemplava, comunicava com todos os transeuntes ao conceber tal façanha. Quando traçou as linhas no estúdio, quando fez o desenho de tal praça, comunicava com todos os indivíduos que haveriam de visitar a sua obra de arte.
Posted by João Pimentel Ferreira at 12:29AM (UTC)

Alexandre, o Berlinense

Saturday, January 26, 2008



Não sei o propósito exacto dos escritos que redijo, se são efectuados com o propósito da documentação, se têm outro qualquer objectivo. Cheguei a Berlim, vindo de avião, de seguida apanhei o comboio até à cidade e fico perplexo com tamanha arquitectura. Nem sei ao certo como descrever tais obras arquitectónicas em termos de desenho e materiais utilizados na sua concepção. Os edifícios são blocos um pouco acinzentados, a temperatura exterior é áspera e o vento é um pouco frio, no entanto o interior é ameno, reconfortante e agradável.

Cheguei quase ao anoitecer, a noite está prestes a aparecer, o sol esconde-se e não me apercebo de tal fenómeno, pois não contemplo o horizonte numa metrópole. Cheguei e o céu oferece uma fascinante melancolia. Fico perplexo e entusiasmado com a cor do céu em Berlim, com a sua tonalidade azulada. Caminho durante a noite e dirijo-me até à praça de Alexandre, a que Alexandre dedicam os Berlinenses está praça central? Ao Greco-Macedónio? Ao Grande Alexandre? Desconheço, o que é certo é que é um espaço imensamente amplo, e com sinais deveras interessantes.



Venho de um cubo, de um cubo hiper-bóreo comercial. O centro comercial Galeria é amplamente belo, maravilhoso, tranquilo, calmo, possui uma claridade contrastante com o exterior. Percebi aqui a origem dos centros comercias, e talvez, por vezes questiono-me se têm o mesmo propósito que têm nos países mais amenos em termos de temperatura. O vento era enorme, forte e frio, e neste centro comercial, espaço amplo, luminoso, encontrei uma harmonia e um conforto inigualável. Têm a forma de um cubo, por fora. E questiono-me eu, porque vejo eu tantas formas cúbicas, tantos traços lineares, tantos ângulos rectos, tantos paralelipípedos, tantos blocos urbanísticos, tantas formas quadrangulares, na arquitectura urbanística, na decoração de interiores, nas mesas de cafés, nos corredores das estalagens, tantas formas rectangulares por paragens do norte?

Na Galeria observava um album de fotos tiradas durante a II guerra mundial, e voltei a ver imagens ora chocantes do periodo horrendo do sec XX, ora imagens esparancosas do pós-guerra. E questiono-me sempre sobre tais simbolismos dos povos arianos. A

suástica, quatro letras L, alinhadas cada uma num ponto cardinal. A letra L, que forma um angulo recto, que forma a rectidão, e que inicia a palavra Latim. Quatro L formam a suástica, e o quatro, quanto é o quatro venerado pelo império Romano, desde SPQR, até INRI, é que a sensacao que tenho, foi que o INRI foi a heranca à cristandade, por parte do império romano. Não tem a cruz, quatro pontas?

A praça de Alexandre, a praça maior dos Berlinenses. Uma cidade majestosa, enorme, ora revelando uma obscuridade fascinante e melancólica, ora imensa em luminosidades provenientes de lojas e espaços comerciais. Uma cidade fascinante, mágica, enorme, com uma arquitectura impossível de ser contemplada por paragens do sul.

Cheguei à praça maior, à praça de Alexandre, e vários sinais aparecera-me pela frente. Três enormes gruas alinhadas a Sudoeste, como que impelidas por um magnetismo oculto, como que se uma grua fosse um tipo de compasso enorme e mágico. Na mesma praça, um relógio, um relógio universal, que indica as horas em quase todas as localidades do mundo. Mas afinal questiono-me eu, qual a finalidade do relógio? Qual o propósito? Será mensurar as horas do mundo, ou indicar os pontos cardinais. Qual foi o intento dos criadores do relógio, dos caldeus que o elaboraram. Estarão as 12 horas a norte e as seis horas a sul? E porque é que então, quando marca as seis horas, o relógio encontra-se erecto em todos os seus ponteiros? Lembro-me nesta vaga de ideias vigorosas, o boneco do sinal verde da passagem de peões dos berlinenses. Quando verde, é um homem vigoroso, que eleva o falo no sentido do vigor, quando vermelho, evoca a paragem, a preguiça, evoca o homem crucificado. São os sinais berlinenses, são os sinais que observo com estes olhos, os sinais que capto.

Na praça maior, um paralelepípedo enorme, luminoso, um edifício que lembra algo bastante vigoroso. Na mesma praça contemplamos a torre da TV, ou rádio, ou algo similar. É uma estrutura bastante observada por paragens do norte, que evoca o vigor e a fertilidade que no subconsciente dos cidadãos traz-lhes algum conforto espiritual, alguma felicidade. Pois a felicidade provém exactamente disso. A felicidade, o bem-estar interior, provém do vigor latente. E nestas paragens onde anoitece cedo, e amanhece tarde, onde o frio é bastante, têm os boreais de conceber estes monumentos que se elevam nos céus, para fornecer aos seus cidadãos, aos Berlinenses o bem-estar e a felicidade tão procuradas pelo ser humano. Confesso que me inundou, que me deixei influenciar pelo seu magnetismo visual. Que me irradiou, tal monumento arquitectónico. Um cilindro cujo diâmetro se altera consoante a altura, e no extremo superior uma esfera. Não é a esfera a representação geométrica da perfeição?

Uma fonte na praça de Alexandre. Uma fonte circular com quinze folhas, quinze conchas aquáticas, que jorram água no exterior, e que vão jorrando água umas nas outras. Estranhei em qual dos sentidos circulares a água fluía, a água percorria. Apercebi-me que o crescente em altitude é no sentido dos ponteiros do relógio, ou seja, o sentido caldaico, já a água, a água flui no sentido directo, percorrendo folha a folha, uma espiral de pequenas folhas, deveras maravilhosas. No topo, uma folha em forma de pentágono fornece a água primordial. Não era o pentágono a adoração pitagórica? A iniciação? Então nesta fonte em Berlim, encontro eu formas e correntes invisiveis peculiares e com bastante simbologia.
Uma fonte onde a água flui em espiral, e flui no sentido do exterior. E quão fortes são a minha imaginação e sentido de observação ao me aperceber de tudo isto, quando a fonte não jorrava água. Mas na mente, no espírito observava esta fonte em movimento contínuo, e por vezes os sonhos e a imaginação são mais fortes que as imagens que os olhos contemplam.

Uma praca alexandrina, enorme, majestosa, onde os transeuentes caminham ora depois de efectuarem certas aquisições comerciais, ora depois de um dia de trabalho fatigante. Uma fonte, uma torre adoradora dos cúes, um paralelipipedo enorme, e um cubo comercial. Tudo formas reconfortantes no seu interior, tudo formas que me levam a pensar e refelctir sobre a cidade que visito.

Posted by João Pimentel Ferreira at 09:22PM (UTC)

Memórias de um cubo hiper-bóreo

Wednesday, January 23, 2008

Um quarto, quatro paredes, pois o quatro reflecte o quarto, não quatro, seis, pois um cubo tem seis lados, há que adicionar o soalho e o tecto. Um quarto por paragens boreais. A temperatura exterior é áspera, fria, contundente, e quando é mensurada vai a limites abaixo do ponto de congelação. É porque houve em tempos alguém que estabeleceu a água como matéria primária do planeta, do lar dos milhões de cidadãos que habitam o planeta azul; e se é azul, talvez se deva à água. E ao fazer a água como elemento de referência para mensurar a temperatura, estabeleceu dois patamares: o ponto de ebulição e o de solidificação.



A temperatura no exterior do cubo, situa-se abaixo do ponto de rocha, no interior é amena, quente, afável. Todas as residências por estas paragens revelam uma harmonia interior inigualável aos países do sul, onde o ser é impelido a sofrer até no seu próprio lar. As casas no sul, pois os homens do sul consideram-se homens quentes, as casa são mais gélidas no Inverno que qualquer iglô polar. Os seus arquitectos não contemplaram sistemas de aquecimento central por questões meramente financeiras e porque o conforto dos seus habitantes são questões secundárias, sendo o lucro o objectivo primário. O bem-estar vem depois.

Pergunto-me então neste cubo hiper-bóreo quem teria criado o sentido de bem-estar e harmonia?

O exterior é gélido, áspero, contundente. Aproxima-se o solstício do ano novo, e eu contemplo a solitude. No entanto o Sol que evoca a sua solidão e singularidade, é pouco, dura pouco tempo no seu trajecto sobre a esfera celeste. Amanhece tarde, e anoitece cedo. Se o Sol evoca a solitude, neste simples facto encontro eu mais uma contrariedade. Parecem hastes diagonais que se cruzam na minha vida. Ou deveria afirmar que a vida que contemplo são hastes diagonais, são tiras que se cruzam.

Exercito o corpo, faço exercício como forma de limpar a mente das mágoas da solidão. Flexões são o meu exercício predilecto, o mais apetecível. É o exercício que o homem faz quando não tem maquinaria de apoio à formatura muscular. Para variar o músculo

trabalhado vario a amplitude das mãos que assentam no soalho. O tronco sobe e desce, desce e sobe forçado pelos braços que o impele a subir. Este acto subtilmente libidinoso, é efectuado sem êxtase final, sem o estágio final de qualquer acto amoroso. É um acto enérgico sem propósito, sem intento, ou se tem intento, é apenas imaginativo e ilusório, sem parecer ter um objectivo. O objectivo é queimar toda a testosterona que me fluía no sangue, que me corria nas veias, a chama que move o individuo e que o impele na procura incessante do ser parceiro do sexo oposto para um delírio carnal.

Mas nem isso. O corpo era exercitado com o intuito da auto-estima, com o intuito da salubre vida, da vida salutar; talvez o fosse, mas na realidade, naquele cubo hiper-bóreo o corpo era exercitado para afastar a monotonia e para evocar a dinâmica. Era exercitado para que se tornasse mais aprazível aos olhos das sereias que o contemplassem, como que um pavão que eleva as penas num acto de exuberância, e clamor visual.

Os escritos eram agudos, não agudos naquele sentido melódico ou harmoniosos, mas agudos no sentido do martírio, e a escrita por estas paragens hiper-bóreas era a mais áspera, ordinária, agressiva, contundente, tudo o que era escrito era dirigido à agressão, à agressividade, ao intuito de magoar o género oposto, ao intuito de provocar estragos, danos, mazelas, mágoa, tudo o que escrevia era com o intuito de arrasar. No entanto por paradoxal forma de expressão, tudo o que escrevia era feito no mais alto dos secretismos. Escrevia num diário por paragens hiper-bóreas. Escrevia com uma caneta, escrevia com uma caneta num diário os pensamentos que me iam na alma. E escrevia na área pessoal informática da faculdade..

No entanto encontrava-me enclausurado naquele cubo de paragens boreais, encontrava-me preso naquela harmonia interior, naquela temperatura amena, no entanto as farpas aguçavam-me a alma, e a solitude emaranhava-se do meu espírito.

Uma barra colocada à entrada da porta, uma barra que se encontrava por de cima da entrada da porta por onde entrava regularmente, não tanto quanto desejasse. Mas quem entra, também sai. Então porque se denomina porta de entrada à porta que também é de saída? Por cima da porta de entrada, uma barra. Naquela barra exercitei o corpo.



O meu colega de quarto, que por altura natalícia se encontrava na terra natal, pois se é natal viaja-se à terra natal, não se encontrava por aqui nesta altura. Então a barra que elevava o corpo, a barra que servia de apoio à elevação do corpo, serviu também para os propósitos mais perversos, para os propósitos mais suicidários, para os propósitos mais angustiantes. Quando naquelas paragens hiper-bóreas a única amada que tive o prazer de amar freneticamente me deixou, o espírito da corda subiu-me à cabeça. O pecado, a serpente, a corda que se enrolava no pescoço, qual cachecol que não agasalha, mas que apenas fere. A corda do alpinismo, a barra que eleva o corpo, tudo sinais de elevação subliminar, serviram apenas para me angustiar. Foi com a corda, a serpente luxuriante, a corda que se prendeu na barra que eleva o corpo, a corda de

alpinismo que serve ao mais hábil homem fazer a escalada que o coloca no topo dos montes.

Um cubo, um cubo hiper-bóreo. É que o cubo, por muito significado religiosos que tenha por paragens sulistas, por paragens sufistas, apesar das faces serem lisas, tem algo que deixa os invisuais que o tocam deveras perplexos: tem arestas. Mas tudo o que tem faces tem arestas dirá o mais ilustre matemático. É certo, mas a esfera não possui nenhum dos dois. Mas o mais ilustre arquitecto dir-me-á que ninguém se inspira na esfera para construir uma habitação, muito menos um quarto. Para tal é necessário contratar, contratar não pois evoca troca monetária, para tal são necessários os préstimos de um arquitecto boreal que evoque os espíritos livres da harmonia e paz interiores e que rejeite a angustia do medo e da opressão. Um quarto circular é deveras singular. Mas um quarto tem quatro faces, mais duas, o soalho e o tecto.

É que houve algo de surpreendente que me fascinou neste povo hiper-bóreo, foi o facto de a palavra grátis ser semelhante à de parabéns.

Descobri eu então que os boreais são os mais harmoniosos anti-semitas, mas sempre sem evocar as balas e os átomos dos semitas do norte no novo mundo.

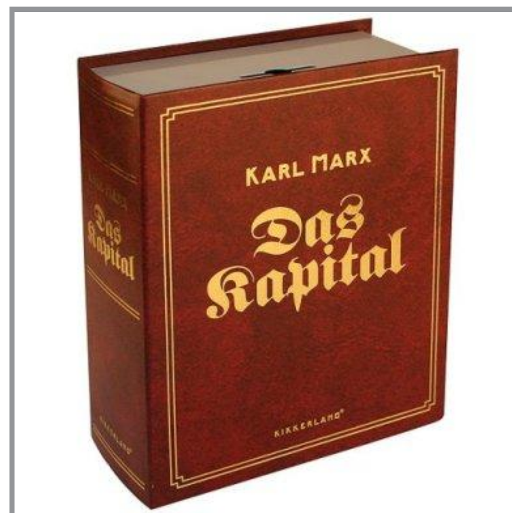
São anti-semitas, mas sempre através do diálogo e da harmonia, salvo algumas excepções que por serem singulares não impliquem que não tenham sido extremamente devastadoras.

As memórias de um cubo hiper-bóreo.
As memórias de um cubo por paragens boreais.

Posted by João Pimentel Ferreira at 11:25AM (UTC)

O anti-semitismo latente na doutrina de Karl Marx

Monday, January 21, 2008

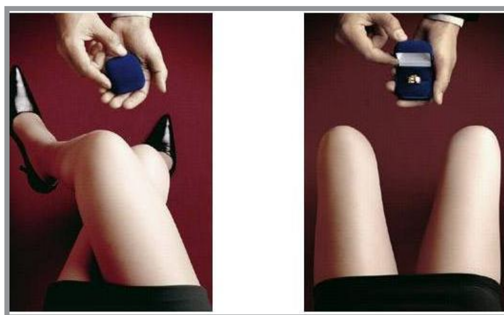


Recentemente andei a ler o Capital em banda desenhada; lembrei-me dos tempos de infância em que lia os desenhos animados do Pato Donald e dos seus sobrinhos, e do seu tio avarento, no entanto algo interessado na família que sustentava. O pato era um pato porreiro, desastrado, um falhado, que cuidava de três astutas crianças. Teve muitos empregos, trabalhava com afinco, mas o azar batia-lhe sempre à porta, muito pouco successo tinha este afamado pato. Não deixava de ser um pato porreiro, boa pessoa, interessado pela família que sustentava. Não é qualquer pessoa que aperfilha três crianças, mesmo sendo sobrinhas. E quem seriam os pais da criançada? Já o outro tio, o pato avarento, que guardava cuidadosamente todas as moedas num cubo forte, e nadava alegremente sobre o ouro que guardava, era um pato dedicado à família, dinâmico, modesto, avarento, com sentido de opurtunidade, e no fundo boa



pessoa. No entanto, o dinheiro era o seu principal objectivo de vida, tendo conseguido assim amealhar o que tinha.

E lembro-me de todas estas recordações, paradoxalmente, quando lia o Capital ilustrado de Karl Marx. Um livro para leigos e burros, por certo dirão alguns economistas e entendidos na ciência histórico-financeira, mas direi que para mim é uma forma interessante de ler um dos mais famosos ícones da história económica. Se Karl Marx se inspirou em doutrinas filosóficas para redigir o seu Capital, se Karl Marx, homem inteligente, dotado de forte razão e sentido crítico no sentido filosófico do termo conseguiu estabelecer ideais que levaram ao denominado Marxismo-Leninismo, para mim, mero ser pensante, "O Capital" foi a mais elevada forma latente de anti-semitismo.



Não é o Capital, a moeda, o numerário, a criação caldaica mais amplamente difundida? Então "O Capital" é a sua antítese. E porquê escrever "O Capital" para afrontar o capital? O Homem na sua afronta idealista utiliza sempre os mesmos meios e termos que o inimigo. Não escreveu também Saramago "O evangelho segundo Jesus Cristo"? Pois "Das Kapital" é a forma mais ariana da harmonia, tão amplamente difundida pelo Leste.

Então descobri eu, nesta vaga de pensamento, que na realidade a "Guerra Fria" foi uma guerra latente de eixos "Norte-Sul", estando o Sul a Oeste e o Leste a Norte. Terá sido então uma guerra Sudoeste-Nordeste? Há que compreender "O capital" para perceber o quão importante é o capital. Com o capital adquirimos todos os artigos, todas as formas de poder, todas as receitas, tudo se transaciona em torno do capital. Ou talvez não devessemos ser tão intransigentes. Não será meu caro Karl Marx, ou não deverei dizer 'caro' pois reflecte medida de capital; não será o capital apenas uma forma de mensurar as formas naturais do mundo? Não será o capital apenas uma outra forma de representação das coisas? Eu bem sei que é uma forma bastante redutora. Sei-lo bem. Mas talvez seja apenas uma forma de precisão.

É sabido que os judeus sempre adoraram artigos como diamantes, ouros, pedras preciosas. Onde há judeus há diamantes, há ouros, há pequenos artefactos valiosos. Terá sido isto a forma primária do Capital? Será o Capital a medida simbólica das coisas, ou será antes a sua pérfida e redutora representação? O que é certo é que por vezes a harmonia é contrária aos preceitos do capital. E porque é que a capital de um país se escreve com a mesma palavra do capital?

Marx era Alemão, Germano, talvez um dos verdadeiros inteligentes descendentes dos povos do Cáucaso, e defensor da Harmonia interior; terá compreendido que na realidade "O Capital" fosse a maior afronta à paz interior, mas foi também uma latente afronta à maior criação semita: "O Capital".
Posted by João Pimentel Ferreira at 02:05AM (UTC)

A ariana representação do ser, na iconografia popular portuguesa

Monday, January 21, 2008

Vagueio pelas ruas da cidade e indago sempre, e sempre questionarei sobre a origem dos símbolos e dos respectivos significados. Caminho, ser pensante, vagabundo, pois vagabundo é aquele que vagueia pelo mundo. Mas um vagabundo culto, literado, erudito, e sabedor das géneses das representações pictóricas que abundam nas metrópoles. Caminho e vejo muita gente, muitas pessoas a divagar, a caminharem, ao que parece sem destino ou propósito, e nos seus quotidianos absorvem as imagens que as rodeiam. Se há milhares de anos, as representações, as imagens que os ancestrais seres observavam eram apenas sinais dos tempos, formações astronómicas, geófisicas e geográficas, apenas representações anatómicas do Homem, e também dos animais; já nos tempos modernos e com a capacidade que o ser humano adquiriu ao produzir a arte, ao se libertar das banais rédeas da concepção e reprodução, o homem começou a representar diversas formas pictóricas, coloridas, afloradas com belos cenários, traços, formas, silheutas que lembram as ancestrais representações. O homem não é por natureza um animal nocturno, a lua no seu percuros luminosos sinusoidal foi sempre a única fonte de iluminação pública que contemplou o ser humano, muito antes das iluminações que contemplaram Londres ou Paris, vulga cidade das luzes. Na lua, encontramos a génese da luminosidade noctígava, e fonte da luz, no entanto nas metróploes modernas, com o advento da electricidade, com o advento do transistor, com o advento do entretenimento de fonte luminosa eléctrica, apareceu o ser nocturno moderno. Aquele que se deixa iluminar pelo ego, pela luz criada por si própria, pela luz interior, pela luz que o próprio homem concebe. O ser da noite cosmopolita moderna. Diverte-se, aprecia os momentos de lazer e fobia na noite. O homem a partir de tal momento passou a ser um ser nocturno artificial, no entanto adaptou-se, e pareceu fruir de uma criatividade e folia nocturnas que até então nunca tinha tido opurtunidade de desfrutar. O Homem nocturno, aquele que vagueia pela noite cosmopolita.

Mas é durante o dia que que vagueio, pois a noite é para a reflexão, é para a entrega aos deuses da razão e da arte, entrego-me aos espíritos das letras, das letras singulares que conjuntas formam as palavras escritas. Documento os pensamentos que fluem a cada letra, a cada frase. Foi durante o dia que imaginei, e que me surgiu na mente pensante, que talvez a letra H tão difundida e venerada pelos arianos, fosse na realidade um altar aos astros boreais. Posso estar senil, ou talvez com os pensamentos um pouco deturpados, mas creio, e a razão di-lo-mo que talvez a letra H, seja quem sabe uma forma diferente de escrever a suástica. Imagino-me, como uma craiança harmoniosa, a brincar com pequenas tiras de madeira, imagino-me a dispor tais pequenas hastes em diferentes formas e sentidos ou direcções, e pego eu nas pequenas hastes que formam e letra H e converto-as numa suástica.

E quando encontrei eu tal enigma? Quando descobri eu tal paradigma? Vivo em Lisboa, cidade replecta de pequenos bares e cafés, pequenos estabelecimentos comerciais, pequenas lojas, onde se transaccionam bens, produtos, onde se comercializa, onde se bebe um café, onde fumava uns cigarros, que por questões de salutares recomendações médicas ficaram arquivados pelo passado, cafés, onde se consomem bens consumíveis, onde no final se pede a conta, acto latentemente luxiriante. E num café, num estabelecimaneto comercial, onde a moeda é transaccionada, não mais é que um lugar de fortes traços caldaicos, ou chamá-lo-emos judaicos. Tal é natural, onde o dinheiro

circula, existe por certo influência judaica por perto.

As batalhas entre os povos do sul e do norte, não são recentes, tento eu apenas considerá-las e observá-las, tento enquanto ser pensante compreender as formas de luta. E bem sei, e reconheço no íntimo que tais formas são bem mais latentes e subtis que umas meras balas projectadas pelos canos de umas armas de fogo. São as batalhas financeiras, económicas, guerras linguísticas e simbólicas. E num café, encontro eu a forma ariana da iconografia popular portuguesa. O H à entrada da casa de banho dos homens. É certo e sabido que a um local como uma casa de banho pública associam-se actos por certo menos asseados. Será isto apenas uma pequena batalha entre os polos?

Talvez não, tenho de encontrar a génese para tais actos. Freud, o Homem que revolucionou a forma de observar o Eu, que descobriu algo mais além sobre o Ego, sobre a entidade, ou pelo menos se tais preceitos sobre o individuo já eram sabidos, foi Freud que os revelou ao mundo. Foi Freud que os deu a conhecer ao mundo profano, se é que se pode denominar assim os seres não contemplados pelo saber dos deuses. E Freud falou bastante dos vários estágios infantis da natalidade, da forma como a criança observa e conhece o próprio corpo, como se contempla a si própria, como obtém prazer com os diversos orgãos genitais do seu corpo. O conhecimento interior na idade adulta é reconhecer os prazeres dos estágios infantis, mas sempre obedecendo aos critérios e condicionantes do bom senso e da moral.

Pois talvez este ataque semita de colocar o H boreal nas casas de banho do país, talvez não tenha sido um ataque assim tão feroz, talvez relemebre ao adulto os tempos de criança, enquanto brincava alegremente com os orgãos corporais. No entanto não deixa de ser um ataque, pois para um ariano budista, a Harmonia, a Harmoniosa Habilidade para o reencontro vai muito mais além que um simples H colocado na fronte de um WC para o génereo masculino.

Mas não posso deixar de afirmar que o H boreal é muito mais que um H de Homem colocado na porta das casa de banho espalhadas pelo nosso país. O dicionário da língua portuguesa dá quase 2000 entradas de palavras começadas por H, o que não é de todo pouco para uma letra de certa forma afónica. Palavras importantíssimas e bastantes utilizadas nos textos portugueses, nos textos comuns, recebem a letra H como letra inicial, letra primeira, letra de começo da palavra. Será isto a latente adoração da língua portuguesa aos povos do norte? Haja História!
Hajam Hebraicos como estes para louvar os arianos desta forma.

Mas o Português é por vezes também anti-semita, é por vezes estranho, é conturbado e muitas vezes vai contra todos os preceitos da Humana Harmonia. É língua de dípolos distantes.

Será então o H a mais popular ariana representação do ser, na iconografia portuguesa?
Posted by João Pimentel Ferreira at 01:24AM (UTC)

Entre a harmonia do ser e a diáspora do estar

Tuesday, January 15, 2008



Sempre me questionei sobre a origem da duplicidade da forma de ser ou estar. Se as línguas boreais fornecem apenas um verbo para os dois estados de espírito, já as línguas Românicas normalmente estabelecem dois verbos como forma de distinguir o contexto em que o individuo se encontra. Por vezes questiono-me sobre a razão de tal distinção, ou de tal união verbal entre os estados de espírito distintos. Entre ser e estar, entre estar e ser. Será que sou onde estou? Será que me identifico com o local onde estou? Será que estou com quem sou? Estarei onde sou? Ou serei onde estou? É que a harmonia interior proclamada pelos povos do norte, une o ser e o estar. É o reencontro, é a felicidade, é a paz interior, é a serpente que se une com a haste, lembrando a cura tão difundida pictoricamente nos símbolos das farmácias. É o encontro salubre entre o ser e o estar, entre os nossos dipolos interiores, entre os nossos lados antagónicos que se opõem. Quando nos encontramos, quando unimos estes dois lados, encontramos a harmonia e contemplamos a felicidade e a liberdade. Rejeitamos a dor e a angústia quando somos onde estamos.



Já as línguas Românicas, com fortes traços equatorias de sufismos do sul, e de semitismos do deserto, guarda da diáspora a distinção entre o ser e o estar. Povos viajantes, que caminharam pelo mundo à descoberta do desconhecido, por vezes têm de guardar as raízes culturais e religiosas, não sendo onde estão. Guardar os traços culturais originais, quando se viaja por locais e nações distantes. É distinguir o ser e o estar. É não ser onde se está, pois o ser está no local de nascimento e por vezes estamos longe de nos encontrarmos. Por isso viajamos, procuramos algo mais que vai além do local que nos viu nascer. É não estarmos onde somos.

As línguas ditas Românicas, provêm como é clarividente do latim, daí o título de Românicas, mas devido às fortes influências sufistas do sul, guardam fortes traços semitas. Serão as batalhas entre o homem e a mulher? E numa viajem a Itália pude constatar de forma clarividente as fortes influências, embora subliminares, de islamismos sufistas. Quando em muitas línguas latinas as palavras começam com H; no italiano foi de certa forma proscrito o H do início de tantas palavras do quotidiano. Os palácios e os palacetes, as igrejas que embora católicas, com a cruz, que sempre fielmente obedeceram aos princípios de Roma, guardam na arquitectura e na forma certos traços de paragens arabizantes. E em Veneza é que tais factos são bem mais que evidentes.

Uma cidade onde por certo se difere o ser do estar. Onde mercadores transportavam bens do oriente, de todo o mediterrâneo, para as paragens Europeias. Para os sufistas do norte, ser difere de estar, já para os boreais do sul, ser é estar, pois ao se reencontrar, o ser encontra a paz e a harmonia e perscruta os traços da liberdade. Pois se for onde estiver, e se estando, for quem fui, encontro a paz e o equilíbrio interior tão pacificamente evocado pelos arianos budistas.

Sou quem fui
Fugi, deixei de ser
Vim para me perder
Sou o ser que flúi
Estou, não sendo
Viajo pelo mar azul
Vejo do Norte, os mares do Sul
Estou vivendo
Estou e sou
Sou quem sou
Estou, sou, ou
Sou o ser que voou
Que navegou
Que passeou
E deixou de ser onde está
Vi a harmonia viajante
Se viajo, ser pensante
E sem viajar,
sou para me encontrar

Posted by João Pimentel Ferreira at 01:24PM (UTC)

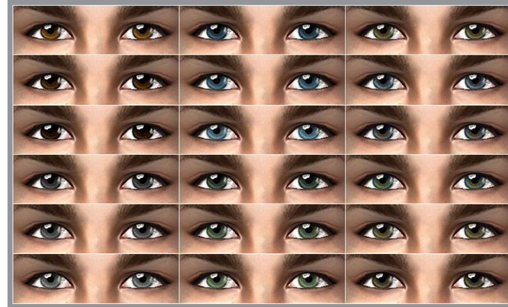
A pérfida caixa mágica

Saturday, January 12, 2008



Noite de 24 de Abril de 1974, as forças ditas revolucionárias sequiosas de poder institucional, erguendo as bandeiras da democracia e da liberdade, tomam de assalto os estúdios da RTP. Na rádio ouve-se a música libertina que deu o sinal aos revoltosos, hoje provavelmente devido à invasão cultural que o nosso país sofreu, ao sinal de umas ritmadas de Britney Spears os capitães invadiriam o parlamento e tomariam de assalto os estúdios da televisão. Processo democrático angolano, forças oposicionistas combatem pelo poder, o bastião prioritário de ambas as facções é por certo, e mais que evidente às lides tribais a estação de televisão nacional de Angola. Tomada do parlamento de São Petersburgo em 1917, revolução vermelha de Outubro; como na altura as mentes brilhantes que criaram a caixa mágica em que os fotões impulsionados por forças enormes colidem com o painel sensorial que nos é visível; ainda não se tinham lembrado de conceber tal façanha tecnológica, a tomada do parlamento russo por certo deu-se em sincronismo com a tomada de todos os órgãos mediáticos entre os quais a rádio. Em todas as revoluções a tomada do núcleo central que comanda as pérfidas e hipnotizantes caixas

mágicas que temos nos nossos lares, foi sempre uma tarefa de alta prioridade. A tomada da rádio, da televisão, havia que controlar o núcleo que emprenha com ideias pérfidas e opressores, as mentes dos cidadãos. A pérfida TV, duas letras que abreviam a caixa que revolucionou o mundo e que nada de novo e de bom trouxe ao mundo. E passo a expor a minha opinião.



Muito mais liberal é a rede, aquela a que a plebe inculta e aduladora da cultura estrangeira denomina de *net,* é mais liberal, é mais interactiva, é mais pessoal, é mais moderna, a rede propaga-se em informação muito mais transversal e muito mais importante ainda, informação multi-direccional, vagueia a informação do mero utilizador até ao servidor, como pode vaguear, ou ser direccionada do servidor ao utilizador. Obviamente que trouxe um pouco da pérfida e opressora TV, o centralismo dos servidores internacionais que monopolizam e controlam grande parte da rede, mas trouxe algo que a TV nunca soube oferecer aos cidadãos, trouxe cidadania interactiva, trouxe internacionalização, a simples cliques podemos ver sítios chineses, americanos, timorenses ou vietnamitas, a TV muito mais pérfida e sequiosa de audiências prefere buscar as tragédias que marcam as notícias do plano internacional sempre dispostas a procurar audiência, que no fundo é esta que lhe trará os louros da publicidade e do respectivo lucro. Mais pérfido ficou o espectro audiovisual português com o advento da televisão privada. Na procura incessante da audiência procurava-se no jornal da noite, com o pano de fundo e sob uma capa ténue e pouco esclarecedora de "informação", chocar o mais possível o telespectador, pois as sensações primárias são sempre aquelas que mais cativam. A pérfida, monopolizadora, e hipnotizante TV.

As forças legisladoras, por muito estranho que pareça, nunca colocaram quaisquer tipo de entraves a esta força pérfida que é a TV, nunca se opuseram a tais ilegalidades do foro moral e ético, por seu lado compactuaram com estas, pois receberam da TV sempre a publicidade que lhes conviera. A TV, é autista, um núcleo duro e implacável controla as ondas electromagnéticas que vagueia na atmosfera e que é recebida em todos os nossos lares da forma mais pérfida e infiltrada. Pois a TV é isso mesmo, infiltrante. Nós não convidamos qualquer um a entrar no nosso lar, quando recebemos alguém à porta, desconfiamos sempre, questionamos, pomos o pé atrás com o receio de sermos vandalizados na nossa privacidade, mas a TV tem e teve sempre o livre passe para se imiscuir na nossa integralidade moral, sempre se entranhou nos nossos lares com a sua doutrina opressora, sob uma capa de entretimento.

O legislador faz fortes reparos contra a pirataria, e tal é caricato, pois por vezes é ténue a fronteira entre pirataria e sentido de liberdade, pois por vezes o pirata é aquele que navega livremente sobre os mares sem se restringir a quaisquer leis elaboradas por homens. O legislador concebe leis que punem a pirataria e nunca o legislador colocou quaisquer tipos de leis que restringissem o poder enorme da TV. A TV é a forma mais óbvia de pirataria. Não é a pirataria, naquele sentido lato, não mais que a cópia desautorizada de um conteúdo? Não é a pirataria a forma mais perversa de cópia de uma entidade? A TV é isso mesmo, a pérfida e incontrolável reprodução de um conteúdo programático. Um senhor qualquer produz algo num estúdio, e os milhões de labregos cordeirinhos observam e absorvem o que fora feito por uma única entidade. Quando mais um labrego, num dado instante do tempo, liga o aparelho televisor, é apenas mais

uma cópia directa, mais uma cópia do conteúdo que antes tinha sido elaborado. Onde está o direito de autor pelo facto de esse individuo ter ligado a TV?



Um tubo de raios catódicos, quatro placas alinhadas duas a duas. Duas na horizontal, as outras duas na vertical. Os fotões são acelerados e são varridos nos dois eixos por campos magnéticos. Os fotões colidem com a tela sensível à sua colisão. Três grupos de fotões, um para cada órgão sensorial da nossa retina. Mas é muito mais que isso. São imagens em movimento, pessoas que vemos no dia a dia, são vozes, palavras, sangue, guerras que nos entram pelo lar na nossa intimidade, são assaltos, são oradores, são revolucionários que falam na TV depois de deporem os anteriores, advogando os próprios que eles sim são a salvação. São os jornais da telé, não são apenas fotões! Enganem-se os físicos que a TV é apenas um acelerador de partículas sem massa. Se um fotão não tem massa, meu caro físico, tem algo deveras muito mais importante e avassalador, tem energia. Tem energia que convertida em símbolos em movimento entra-nos no inconsciente e programa-nos a fazermos aquilo que as elites querem que façamos. A pérfida TV. Votamos sempre nos mesmos partidos, dizemos sempre que sim aos mesmos senhores, mamamos sempre do mesmo, dos pérfidos criadores da TV. Os malefícios da caixa são incalculáveis. Trazem-nos o "horror, o pânico e a tragédia" para dentro dos lares. A fobia do próximo guardei-a da TV, pois quando ligava o jornal da noite via da América Latina apenas mortes, tragédia, assaltos, crime organizado e criminalidade brutal, de África trouxe-me apenas guerras, sida, miséria e fome, da Ásia trouxe-me prostituição infantil, trabalho infantil e tríades mafiosas, e da Europa e da América a TV trouxe-me progresso. É esta a TV que nos é oferecida, é esta a TV que nos é imposta, a TV que sempre foi o mais altos dos pilares dos movimentos revolucionários.

Não tenhais dúvidas, que se hoje houvesse uma revolução, não seria o parlamento em S. Bento o bastião a tomar, seriam antes os estúdios de Cabo Ruivo, Carnaxide e Queluz. E aqueles que lhe chamam o quarto poder, deveriam reflectir e asseverar que é no fundo, nos dias que correm o poder primordial, o primeiro.

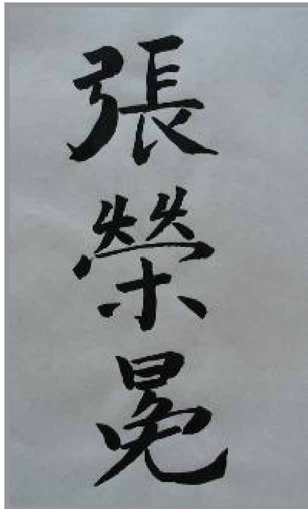
A TV é autista, tem o núcleo duro que emana as ideias a todos os que a captam, já a rede é bem mais liberal, libertária, e salvo as excepções de uma certa monopolização por parte de alguns servidores de renome internacional, oferece muito mais inter comunicabilidade aos cidadãos. A rede é muito mais uma plataforma de cidadania, onde o indivíduo pode trocar, comunicar, pois o que a TV faz não é comunicar, a TV "informa", ou seja comunica unidireccionalmente, tendo nós meros plebeus que mamar com o suco que ela produz.

Viva a rede libertária, abaixo a TV opressora!

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:01PM (UTC)

Diz-me o teu nome, dir-te-ei quem és…

Tuesday, January 08, 2008



O nome, chamado, evocado, palavreado, mal educado, é pronunciado, por vezes soletrado. Sempre evocado quando chamamos alguém, quando desejamos que a pessoa em causa se aproxime ou tenha a nossa atenção. Eu vejo os donos dos animais de estimação darem nomes aos seus bicharocos, aos seus gatos, aos seus cães, sempre com o mesmo intuito; o da evocação singular. A cada som, um indivíduo, a cada sílaba um traço identificativo único. E houve em tempos um povo que criou a escrita, os hieróglifos, as ideias, os conceitos eram assim codificados em traços, linhas, arcos, pequenas representações que se assemelhavam com alguns elementos da Natureza. Não é de estranhar então que a letra V, seja a inicial para Vénus, pois o planeta vermelho voa nos céus e toma a forma de um V ao longo do ano terrestre. Por ser avermelhado e por traçar no seu percurso a forma de V, traços e formas que aos primordiais seres se assemelhava a algo tão patente nos seres do género feminino, ficou então o V a ser a letra efeminada. E o nome? Se o nome por certo já existiria como forma de distinção entre os indivíduos, com o advento da escrita surgiu o nome escrito. Pois a cada nome, a cada indivíduo, um traço, uma característica, uma semelhança com as naturais estruturas e formações geográficas, assim como semelhanças com os fenómenos astronómicos. O nome, a inicial do nome, aquela letra maiúscula que é sempre realçada nos artigos jornalísticos, como que o jornalista tivesse o intento de subtilmente afirmar que o artigo em causa daí em diante se rege maioritariamente por aquela letra maior, a maiúscula, inicial. O nome, di-mo-lo, e dir-te-ei quem sois, minha cara Eva, Ana, Bruna, Cátia, Diana, Zara, Sara, Vanessa e Vânia. O nome nomeado dir-me-á tudo, pois sempre que tu amável mulher fores chamada, sempre que o teu nome for evocado, tu enquanto alma pensante, enquanto ser, recordar-te-ás dos tempos de criança em que a afável progenitora pronunciava ternamente essa mesma estrutura de sílabas que unidas através de espaçamentos temporais quase indeléveis formam o teu nome pronunciado.



E com o advento da escrita, surgiu o Traço. Desde então o teu nome, tem forma, tem algo pictórico, tem uma representação visual. Com o advento da escrita o teu nome passou também a pertencer ao campo da visão, encheu mais um dos sentidos. E como será o meu nome no campo do tacto? Simples, temos o Braile! E como será o meu nome no campo do olfacto? Quero preencher mais este campo sensorial, e o do paladar?

Pois minha cara é por certo bem fácil evocares o teu nome no campo do olfacto. Se te chamares Eva, pegas simplesmente em três perfumes afamados cujas inicias têm as letras do teu nome.

Para escreveres Eva, pegas em 5 partes de *Escada,* em 4 partes de *Versace* e em 1 parte de *Aramis* e misturas tudo num boião odorífico. Tens então o teu nome escrito no

campo do olfacto. Depois cede essa fragrância a todos aqueles que queres que te chamem. Fazer a distinção destes nomes, caberá apenas aos dotados do olfacto que distinguem o mais sublime odor, assim como o comum dos mortais distingue os nomes de António e Maria.

O nome, nome primário, os nomes das nascentes, o nome, que evoca a chamada ancestral, os nomes, a onomástica, a quantidade de nomes. Quanto maiores forem os nomes, será maior a virilidade. Como que engrandecido por tamanha quantidade antroponímica? Não, pois não me cabe usá-los, apenas escolhê-los para as diversas ocasiões, uma espécie de fato que se usa consoante a ocasião mais propícia. Mas nunca mostrar toda a indumentária que se guarda no guarda-fatos com o intento de mostrar os abastados tecido que somos capazes de deter. O nome grande é viril? Talvez, e é-lo escrito ou pronunciado? Creio que em ambas as formas. É que o tamanho á algo que, independentemente do senso em questão, tem sempre laços com primárias sensações.

O nome escrito, proscrito, evocado, renegado, diz-me muito sobre quem sois. Vejo os licenciados, os mestres e os doutores que colocam os títulos que prefixam os seus nomes, sempre com o subtil intuito de aumentarem a sua virilidade onomástica. Como retrata o romance do código DaVinci no que toca às medalhas das forças de segurança, quantas mais tiverem mais viris são os seus detentores aos olhos dos que as observam.



Pois Exmo. Senhor Professor Doutor Tó, tendes um prefixo enorme, mas por certo não evocas um nome pessoal imenso.

O nome, quando escrito, quando retratado dir-me-á tudo, mas o nome não é tudo e os homens não se medem aos palmos, nem sem medem com a quantidade de sílabas que os seus nomes contêm. Senão, os criadores, ou os aparentados que perfilharam os seres que nasceram tinham à partida o destino da criança ao lhe atribuírem um nome. Cabe então ao individuo a Escolha, escolher o nome para a ocasião, não me refiro a pseudónimos, a pseudo-nomes, mas sim ao nome próximo, ao nome da perfeição, ao nomes pelo qual o indivíduo se identifica, pois o nome de Baptismo é atribuído enquanto o ser é tão novo, sem capacidade intelectual para fazer a escolha moral, pessoal, em consciência, sendo o destino do ser atribuído aos aparentados. O nome de rebaptismo, é bem mais consciencioso.

O nome, nomeado, proclamado, evocado, diz-me tanto sobre ti, sobre mim. Até existe aquela ciência oculta que encaixa nomes, que dado o nome dela dirá qual o nome mais equilibrado para ele e vice-versa. É a numerologia dos sentidos associada ao nome, e maioritariamente associada aos seus dois sentidos, a audição e a visão.

Diz-me quem sois, e dir-te-ei como te chamas

Por isso, muitas mulheres voluptuosas e homens musculados optam por adicionar aos seus corpos mais um adereço que enaltece as suas personalidades, a tão afamada tatuagem. Mais formas pictóricas a adicionar, a representar, uma adenda mais específica e muito mais liberta que os caracteres dos alfabetos padronizados. Mas é bonito e interessante observar que a maioria das mulheres e jovens do sexo feminino



quando pretendem fazer uma tatuagem, preferem-na em forma de V, na zona dorsal inferior, rebuscando assim a sua essência feminina original atrás referida. O V de Vénus, o planeta avermelhado, vermelho quente e vermelho paixão, a estrela da manhã que traça um V no horizonte ao longo do percurso da terra em torno do sol.

Mas a tatuagem é mais que isso, é o nome pictórico gravado no corpo, e como normalmente é feita já na idade adulta, é a identificação simbólica com algo que identifica o indivíduo, um traço, uma amante, um grupo, um sinal, uma época, uma mãe, um amigo, e por certo, consoante a parte do corpo onde for gravada diferente significado simbólico terá, é o nome gravado no corpo.

Diz-me o que escreveste,
Diz-me o que tatuas,
Quais os poros por onde suas
Desenha-me as tuas
Tatuagens Nuas

E dir-te-ei quem és…

Posted by João Pimentel Ferreira at 02:10AM (UTC)

Quartetos Onomásticos

Tuesday, January 08, 2008



És a adorada Joana
Incutida de carícias
Paixões riquíssimas
És a diva e a profana

De Lencastre, és a Filipa
Caridosa Milanesa
Bela dama inglesa
No meu jardim, uma tulipa

És a regente, a Salomé
Entrego o corpo ao rei Herodes
Para ti, componho belas odes
És as pirâmides de Gizé

Da Rússia, és imperatriz
Mulher de César enamorada
Que se mostra ao povo na alvorada
Beata Santa, Beatriz

És dócil, terna e amena
És quem evoca a sensação
O delírio em ter-te a tesão
És a adorada, a Filomena

E a tua suave mão ilícita
Que me enche da ansiedade
Que me acaricia a mocidade
És a plebeia e a Patrícia

És tão bela, uma bela Rosa
Que me inspira a escrever
E contigo consigo tecer
Belos versos, bela Prosa

És a venerada Ana
Aquela que da ostentação
Me enche o corpo de paixão
Caridosa e tirana

És a eslava Catarina
Esses teus loiros cabelos
Evocam-me a percorrê-los
Nas tuas recordações de menina

És a Madre Teresa Santa
Caridosa e piedosa
Que ao mundo se mostrou honrosa
A ternura por ti é tanta

És a Fátima e a Iria
Louvo aos céus por te ter
Louvo aos céus sem perecer
És a Mulher que Deus teria

You're the black princess of the West
Whose surname refers to Rice
You're my desire, my passion, my vice
You're my sweetheart, you're the best

You're Angela, and her empire
With her troops, and all their power
You're my beautiful Sunflower
You're my darling, my desire

Lá no fundo és a Florbela
A que me abraça na madrugada
A amiga-companheira, a desejada
És a Flor, a Cinderela

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:35AM (UTC)

Dinamene...

Tuesday, January 08, 2008



Serão o profano e o sagrado
o divino e o terreno
romana em Roma e amor romeno
Farão parte do passado?

Muita calma, amor sereno
requer a chama do meu fado
Adiar o adiado
Muito amor, amor ameno

Dinamene, quem tu és?
Sina, ou sino-paixão
O poeta a teus pés

Entregou o coração
Pois o poeta é quem vês
É o que escreve a adoração

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:28AM (UTC)

Six quatrains written in English

Tuesday, January 08, 2008

Every hour, every minute
Every second, with delight
I cross every limit
which unties me from your sight.

Every moment, any frame
which captures you, into my heart
I feel it with great pain
cause I still force you apart

With no pleasure, nor even joy
I stare you, into my soul
If I treated as a toy,
would you be into my world?

Neither pain, nor even sadness:

The shadows which shine from you
I'm sober, but still my madness
force me: So many things to do

Shall be authentic this desire?
Was it given by some God?
Burning water and cold fire
capture me into my pod.

If I don't know my future life
If it's unknown my longing fate
I do love you, my beloved wife
since the day we start to date.

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:24AM (UTC)

Soneto à Lua

Tuesday, January 08, 2008



Ó lua que estás tão alta
Lua brilhante, da imensidão
Que evoca o coração
E o desejo que me faz falta

És por quem a Mulher se pauta
És quem renega a escuridão
Astro passivo de eleição
Cruz cristã, a cruz de Malta.

Quando cheia, és reluzente
Levas homens à loucura
Quando nova, és deprimente

A escuridão e a lonjura
Mas se Nova és, espero o crescente
Amar-te assim, cândida e pura.

——

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:20AM (UTC)

Em nome da Liberdade

Monday, January 07, 2008

À florea Florbela

Em nome da tão afamada liberdade

Quanto sangue correu pelas paredes das celas da Bastilha
Quantas cabeças rolaram sobre o peso da guilhotina

Dessa gravosa anglo-gravidade
Em nome da liberdade



E em nome da Liberdade
Matou-se o regente luso, o último
Elevou-se a Republica
Elevou-se por vezes a injúria

Em nome da Liberdade
Perdeu-se a Saudade,

Em nome da Liberdade
Desse povo que ostenta a estátua homónima
Que carrega a tocha na austera mão direita
Supostamente perfeita
E que carrega a coroa de cinco espinhos

Em nome dessa liberdade,
Lançou-se a devastadora bomba sobre os nipónicos
Arrasaram-se milhares de vidas em nome dessa mesma liberdade
E dos seus três pilares mestres anexos

Em nome da "Liberdade e Progresso"
Morrem milhares em metrópoles perversas
E imersas em fogo cruzado,
sem condições humanas
Todas elas profanas
Enquanto senhores ricos ostentam quintas, palacetes, carrões, propriedades imensas no mato

Em nome da Liberdade
O Sangue que escorreu em África
Com catanadas que cortavam carne tenra infantil
De pobres crianças, pueris, apenas por pertencerem a tribos diferentes
Em nome da Liberdade, em Nome da Liberdade
O Sangue que não escorreu no "Porto Livre"
Em nome da anglo-liberdade
E a saudade?

Em nome da Liberdade
Pois a Liberdade fumava muito, e morreu de cancro dos pulmões

Em nome da Liberdade
Em nome da gravosa anglo-liberdade
Não posso deixar de observar o sangue derramado, as vidas inocentes que não tiveram a culpa de serem
As vítimas
Da Liberdade
Dos "outros"

Tudo em nome da Liberdade
Que rima com
Fraternidade
Igualdade



Pois haverá nas terras do pau Brasil Igualdade?
Haverá nas terras do Tio Samuel Igualdade?
Haverá Fraternidade nas terras francas?Em nome da
francófona Liberdade?

“Liberté, Egalité, Fraternité”

Será o três o sacro número?
E o Sacrifício em seu nome?

A bomba atómica
Que menciona essa estrutura quase indivisível que é
o átomo, tão minúscula, tão quase ínfima
Como pode causar tantos danos?
Como pode causar tanta devastação?
Tanta destruição?

Em nome da Liberdade!?
Em nome dessas Liberdades ostentadas nas bandeiras africanas!
Quanto sangue não escorreu pelos pacíficos colonos?
E foi no “Pacífico” que se combateu pela “Atormentada” Liberdade

Mas doce Flor
Não te levarei para onde não queres ir
Respeito o teu livre arbítrio, o teu sentido de liberdade,

E se porventura quiseres fugir

E o melhor é a Liberdade
E o fado e a Saudade!?

Não te imponho nem regras nem moral
Não sou teu amo, nem teu Senhor,
Mas não nego que por ti sinto por vezes paixão, amor
E bem sei que vivo em condição de mortal.

Mostrei-te os contrastes da vida
E talvez te tenha mostrado o direito
Mas apenas o direito não é perfeito
E tentei mostrar-te o caminho, a Saída

A tão desejada Liberdade
Cabe-nos a nós redescobri-la
Para que possamos senti-la
No nascimento, a Autenticidade

Talvez a Liberdade seja por vezes funesta,



Não to sei dizer
Apenas homens racionais e conscenciosos podem nutrir
Da verdadeira liberdade
Vê o sangue derramado nas batalhas e revoluções
Em nome da aclamada Liberdade
Revolução francesa, americana, africana, sempre
Em nome da Liberdade
Vê a morte, a tragédia em nome dos três pilares
Mestres que sustentam esses valores

MAS, esqueçamos os pretéritos, as intempéries e
O sangue e evoquemos o Perdão

sem Sermão

Deixemos que as águas cristalinas e os ventos do Norte
Limpem as mágoas e as máculas mundanas

Vamos elevar o Sacro, sem sacrificar as profanas
A liberdade é um processo
Imerso
Por vezes Intenso
Que renega o perverso

E terá o Homem que sofrer para a contemplar?
Absorvamos os campos verdejantes
Encaremo-nos como seres pensantes
Farão a tragédia, o Sangue, as catástrofes, parte do processo de Liberdade?
Terá o Homem, com 'H' Germano, que sofrer, para que possa nutrir da Liberdade?
Terá a Liberdade do número 90 ter que se movimentar?

O que é ímpar? O que é par?
O que é uno? O que é amar?
O que é o todo? O que é suar?
O que é o nada? O que é saltar?
Quem sou Eu? Serei o breu?
Ou o Apogeu?

Que sois vós?
Bela Flor campestre?
Que me foi agreste?
Creio que uma Flor serena
Calma, amiga e amena

Nutramo-nos dessa mágica Liberdade
Elevemo-la nos mais altos dos pilares
Dos triângulos rectângulos, rectos direitos e divinos
Dos crescentes pares das terras meridionais

Afastemos o desejo impuro
Façamos dos juramentos, a Liberdade, aqui juro
Trilhemos os passos da Liberdade

Da Caridade
Da mocidade
Do Renascer, pois só ao renascer somos livres
Da piedosa Piedade



Evoquemos a Liberdade
Afastemos a escravaturaPensemos nos homens-livres que aboliram a opressora escravatura
Nos pedreiros livres que elevaram os valores da amizade e fraternidade

Elevemos os espíritos ternos a amigos
Irradiemos o desejo, e sigamos os espíritos indo-europeus da suástica pacífica
Percamos os anti-semitismos
Adoremos o espírito infantil da puerilidade

Criemos um mundo, e um ser livre
Dêmos ao mundo felicidade, mas lembrai-vos cara Flor, que a Liberdade é um Processo
Que se conquista, que se alcança

E só o homem racional, forte, e verdadeiro a obtém
Sem as farpas de uma lança

Atentamente

João, *a tentar libertar-se*

29/Nov/2007

Posted by João Pimentel Ferreira at 11:45PM (UTC)

Um donuts do dia

Saturday, January 05, 2008

Cantava a música publicitária, já vai alguns anos, quando ouvia publicidade televisiva, e dizia a cantora alegremente, soletrava as palavras correctamente... “Um “donuts” do dia, fofo, leve, fresco, acabado de chegar”,

Não haja dúvida às influências inegáveis do império do ocidente; Portugal e Lisboa em particular que foi sempre tão rica em doçarias tradicionais, desde

- a bola de Berlim,
- o bolo de arroz,
- o pastel de nata,
- o palmiê recheado e coberto,
- o São Marcos,
- as tartes de amêndoa,
- o queque de chocolate,

- o salame
- o doce de cenoura
- o doce de leite
- o caracol

e muitos mais me lembro de observar por essas pastelarias alfacinhas, fabricados e concebidos, adocicados por essas padarias da cidade, nas matinais correrias de entregar o fresco bolo português e europeu no café e na montra mais perto do consumidor.

Da língua e das papilas gustativas, o açúcar, o creme fresco e doce que adoça a já adocicada boca dos cidadãos frequentes destes estabelecimentos.
No entanto, pouca ou nenhuma publicidade a estas iguarias da doçaria tradicional; no entanto por muita estranheza, ou talvez por muito dinheiro e influências envolvidas é o “Donuts” do dia que vimos tão amplamente publicitado e difundido.

Esse donuts, que não nego que seja agradável e de sabor esplêndido ao paladar, com essa forma cilíndrica circular que se une em si próprio, uma espécie de pescadinha de rabo na boca da doçaria norte-americana, amaplamente difundido pelo trabalhador inexperiente e desastrado da série televisiva, não deixa, de em comparação com a doçaria nacional portuguesa e europeia de ficar umas boas milhas em desvantagem.



E estranho é assertar, que o donuts, que evoca essa estrutura que mais se assemelha a um acelerador de partículas da doçaria, em que os átomos de açúcar fluem no sentido do campo magnético do local onde nos encontramos, apesar de ser um único elemento tem o 'S' no final; deve pertencer à mesma classe gramatical da palavra lápis.

E muito mais poderia ser dito sobre todos os outros doces que nos adoçam a manhã, na pastelaria mais próxima, desde essas de fabrico próprio, que nos aparecem frescos, cuja massa ao ser degustada, se mistura com a saliva e é deglutida de uma forma suave e amena.

O caracol que evoca a nossa galáxia, ou a forma divina, mágica de todas as espirais. Será que o caracol da doçaria nacional, na curvatura que faz sobre si mesmo, obedece à proporção definida pela constante áurea?

E o bolo de arroz, com essa forma templária, uma cúpula de doce arroz que se eleva nos céus, e cujos dentes do guloso trincam e degustam. Não é o arroz, o cereal do Oriente? Então é o bolo de arroz o mais iniciado dos doces, afável, de um brilho despercebido para não enjoar, mas de uma doce textura a massa que o constitui. Simples, modesto, sem muitos cremes, mas no entanto revela ser uma das mais procuradas iguarias da doçaria portuguesa

E o plamiê coberto, quanto açúcar contêm esse leque da doçaria nacional, assemelha-se a um leque de donzela da aristocracia francesa, linda, sublime, que com palavras entoadas num tom sensual, vai com a mão esquerda abanando o leque que a refresca, é

o palmier coberto, amarelo, com o seu açúcar forte e rijo, quando trincado e misturado com a saliva forma uma mistura bastante calórica, no entanto irresistível.

Já o palmier recheado, essas duas camadas quadrangulares de massa com recheio entre elas, são deveras sublimes, deliciosas; o creme que as une e as separa é de uma amarelo de ovo delicioso. Esse creme é a massa que une os dois mosaicos, as duas placas, os dois azulejos; e se notarmos com mais alguma minúcia apercebermo-nos que na realidade os dois doces quadrados, são na realidade diversas tiras, verticais unidas entre si, uma espécie de duplo "kit kat" da nossa tão tradicional doçaria. Um hino aos preceitos quadrangulares!

No entanto, não posso deixar de referir um dos mais saborosos, no entanto fortemente calóricos doces que se encontram nas pastelarias da cidade que habito, o delicioso São Marcos. Com aquela estrutura cúbica, esbranquiçada na base e caramelizada no topo forma um cubo doce, agradável às papilas gustativas, suave, mas quando o pressiono com a face cortante do garfo de sobremesa, por vezes desfaz-se e custa a sua separação em partes devido à sua intrínseca estrutura, cujos átomos de açúcar parecem ter fortes laços magnéticos entre si. Seria preciso estudar mecânica quântica para entender os fenómenos que unem as estruturas de massa de um tão agradável e delicioso São Marcos.

E aquele que mete o donuts do dia no canto depois de um KO impiedoso é o tão afamado pastel de nata, estrutura circular regular, é uma espécie de cone cortado invertido. Seria assim por certo a sua receita geométrica:

Pegue num cone simples,
Inverta-o sobre o eixo do zenite,
Agora com muito cuidado faça um corte com um plano alinhado com a horizontal, mais ou menos a dois terços da base.
Colore-o com um amarelo suave, e enrije-o um pouco,
De seguida preencha o seu interior com um recheio cujo espessura e densidade satisfaçam o mais requintado dos adoradores de doçaria
Cubra o seu topo com um círculo ligeiramente escurecido, aqueça-o e sirva com a temperatura que achar conveniente.

E muito mais poderia ser dito de todos esses altares e menires, esses cromeleques, esses templos de criança, que brinca alegremente, essas massas, esses recheios, o açúcar e o ovo, palavra capicua. Por isso o donuts do dia é apenas o renegado dos deuses do olimpo dedicados à doçaria, quando comparado com as deidades adocicadas que se exibem nas pastelarias da metrópole que habito.

E onde estão as campanhas publicitárias em seu louvor? Para quê?
O saber e o sabor falam por si!!!

Posted by João Pimentel Ferreira at 04:29AM (UTC)

Hoje sou padre

Saturday, January 05, 2008

Falo e digo muito sobre muitas coisas, por vezes falo demais, falo disto e muito mais, nem sou padre poeta, nem faço do celibato a minha meta, mas sou padre eclesiástico.



E em tempos com um amigo, o Zé Marçal, o Zé Carlos, o Rui Rodrigues e o Bernardo, enquanto caminhávamos pelo sul de Espanha, deparei-me com um facto deveras interessante da língua Castelhana; o termo “padre” serve para definir pai! Assim como o termo “embaraçada” define grávida! Quão interessante é observar tais jogos linguísticos da língua de “nuestros hermanos”. Serão então os padres dessas vilas e cidadelas espanholas os pais biológicos dessas embaraçadas que caminham graves e pesadas com o rebento no ventre, dos quais apenas as mesmas conhecem o verdadeiro progenitor. Daí o grande embaraço! A língua é estranha, e na fecundidade, na virilidade, encontram-se em todas os idiomas termos estranhos com semelhanças ainda mais peculiares.

Pois hoje sou padre eclesiástico, e abomino todas as ordens contrárias às de Roma. Hoje, apenas hoje, sou padre que renego todos os preceitos semíticos, hoje e apenas hoje, venero os preceitos de São Pedro, das suas basílicas, dos seus altares, das suas estruturas fálicas adoradoras do divino. Hoje, venero o espírito indo-europeu de Roma, dos povos do Leste, dos ritos e mágicos significados do Império. Hoje, e apenas hoje, sou César, mas sou César senil, sem reinado, nem reino. Hoje sou padre eclesiástico, mas também sou homem humano de paz, que a muito custo venero esses preceitos do sul, a que denominam católicos, e que os crentes veneram em lágrimas de sangue: A adorada Fátima.

Hoje sou padre, rejeito esses pedreiros-livres e todas as suas doutrinas de liberdade, hoje confronto as ordens vigentes, esses que sempre conspiraram contra a supra autoridade do santo ofício, esses que diplomaticamente cumprimentam e toleram o santo catolicismo, mas que conspiram para a sua extinção, essas ordens que o grande Poeta Pessoa venerava e defendia, hoje sou eclesiástico, sou homem religioso, hoje sou padre, visto a batina, e entrego-me aos rituais da homilia, passo a palavra aos crentes.

Mas sou padre com mente aberta à sociedade, porque é que sendo padre tenho obrigatoriamente de votar nesses partidos de direita, autoritários e faccionários, cheios de aristocratas da sociedade regente e decadente. Hoje sou padre, visto a batina, prego o sermão, e professo a palavra do salvador. Hoje a apenas hoje, renego a mais elevada das heresias daqueles que sempre conspiraram contra o império cristão. O império que abraça o Cáucaso nos seus ritos, e nas suas crenças. Hoje sou padre douto, talvez senil, talvez incompreendido pelas sociedades vigentes que reinam e instalaram o poder e as posses como doutrina máxima da condição humana. Esse semita que criou a moeda, não é ele o maior dos pecadores? Não é ele o pecador primogénito. Meus caros fieis, ouvi a palavra do Senhor, pois o Senhor está convosco. Meus caros fiéis, renegai a doutrina que vigora por esse mundo ocidental, onde a moeda e o poder se alicerçam em valores nada condicentes à razão humana. Vede Eva, a primogénita, a mais bela das mulheres, vede a sua mágica fecundidade, vede a sua feminilidade, e vede que fruto

trincou, vede como pecou, vede como uma tão bela e delicada mulher, se desvirtua de forma tão pérfida.

Vede, meus adorados e seguidores fiéis, como hoje sou padre, hoje venero Roma, hoje renego os preceitos do Ocidente e do Sul. Hoje adoro nosso Senhor, nosso Deus triangular, a nossa santíssima trindade, hoje leio o livro, leio a bíblia e dedico-vos todos estes preceitos. Hoje sou padre, sou padre espanhol, sou padre casto, celibatário, eclesiástico e professo através desta humilde homilia, a palavra da salvação.

Hoje rejeito os conspiradores, hoje rejeito a doutrina falsa do poder através da moeda, hoje rejeito os poetas falsos, que evocam duos de rimas, hoje abomino comunistas, abomino os laicos e descrentes, hoje para mim cubanos, revolucionários vermelhos são como farpas na garganta que tolero à força. Para mim, nossa senhora de Fátima, mesmo apesar do nome me parecer inconveniente, apenas a ela devo louvar, apenas a ela ofereço os meus préstimos, mas primeiro ao Senhor das altura, depois à nossa Senhora, e em terceiro lugar a sua Santidade, o papa. Quão querida é a língua em que redijo estes textos, ao associar o termo terno da paternidade da criança, ao sumo pontífice da mais alta instituição ecuménica, a Santa Igreja.

Meus caros fiéis, hoje sou padre senil, hoje sou casto, hoje sou celibatário, faço parte das ordens, mas apenas das religiosas, faço parte das ordens que professam a palavra da salvação.

Segui comigo o caminho da salvação do divino, pois hoje, e apenas hoje, sou padre.

Graças a Deus

Amén

Frade Filipe Pimentel

Posted by João Pimentel Ferreira at 04:21AM (UTC)

Veneza, a Deusa da água

Saturday, January 05, 2008



Pelos verdejantes canais venezianos
Onde gôndolas navegam tranquilas
Poucas polis, cidades ou vilas
Revelam monumentos tamanhos

Intensos pacatos, momentâneos
Dois dias em cidade migratória
Ancestral vila piscatória
Que se entrega aos prazeres mundanos

Carnavalesca, alegre, serena
Veneza, mulher da água
Fria, áspera, amena

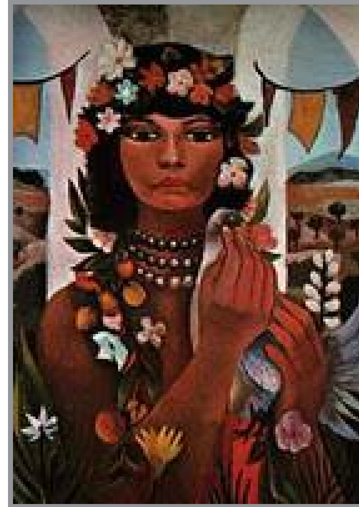
Que m'inunda e lava a mágoa

Patrícia, Moura, Helena
A mais bela deusa da Frágua

Posted by João Pimentel Ferreira at 04:12AM (UTC)

Um Tetraedro Triangular

Saturday, January 05, 2008



Se os povos do mundo e da vivência
São o verde do amor e eloquência
Se nas negras peles há um tenor
de uma voz que grita o amor
Se nas chamas de uma pele de tez escura
encontro eu o amor de uma negrura
Se o clima é quente-fogo e enublado
Ama-me, e serei eu o enamorado

Se te amo, perco as mágoas da solidão
Vejo o mundo e os astros da imensidão
Se o leito é o deleite da lonjura
São o corpo as carícias da ternura
Se te digo, que anseio as carícias
És o abrigo e as mãos ilícitas
que me afagam a pele carente
Sou o mundo: Frio e Quente.



Se o teu corpo, é assim a dádiva
Sou eu o rio, e sou a lágrima
Se a silhueta na escuridão
São o meu mundo da imensidão
Se os corpos que se abraçam
são os pilares que se entrelaçam
És tu aquela que me endoidece
És quem me houve a humilde prece

Se és o astro assim do sul
Se és o eixo que se forma
Se és tu a esfera azul
Sou eu aquele que te adorna
És quem me ama e entristece
A sobriedade que me endoidece
Angela: És tu bela e formosa
Cândida, casta e honrosa.

Se os encontros e as intempéries
Se reencontro as efemérides
Se viver e me encontrar
Sob um tecto, sob o luar
que influencia estes animais
Os magnetismos primordiais
Os teus seios que observo e beijo

Neles me perco, neles emerjo.

Se é assim o mundo eloquente
Num Pacífico, és o Atlântico quente
És aquela a quem abraço e adoro
As mágoas que te segredo e que choro
Se és a perdida e a renegada
Renego eu a dor: És pois a amada.
És os dipolos da humanidade
És pois tu o eixo da fraternidade

Se és as sonoridades do tacto
Amar-te é pois assim um facto
Se te observo és visão auditiva
És quem rejeita a lonjura aflitiva
Se és a sereia dos sentidos
Se és o porto dos abrigos
És pois o doce, o amargo e o cruel
És o açúcar, o sal e o mel.

As peles que assim se unem
E o meu ego assim imune
O desejo desses teus beijos
A paixão forte e impune
Dos desejos do irrevogável
Do amor forte e durável
És quem adoro e quem desejo
Em mulato corpo assim emerjo.

Se libertas assim a escravatura
Do ego que se liberta
Das asas que ganha a ternura
És a fragrância da doçura
O abraço que me aperta
na liberdade incondicional
És a pimenta, és o Sal
És pois tu a deusa astral

Se os abraços que me envolvem,
O dorso, que as tuas garras colhem
As peles que assim se emergem
O meu corpo em tua vargem
Se os espíritos são assim descrentes
E as verdades quando me mentes
São o que procuro em dócil corpo
És o astro em que me encorpo

És a Angela bela, divinal
Serás sempre a de agora a e ancestral
És sempre aquela a quem segredo
Que me abraça neste quarto escuro
Que da luz se emerge e renega o medo

Se és o corpo pérfido e puro
Das raízes que quero e procuro
A quem me confesso e assim juro

Se és pois o oito, o sete e o três
A luxuriosa candidez
Se esse regaço que me acolhe
Se no Universo és o detalhe
Aquela que da circunspecção
Engloba o mundo que queria
Somos o detalhe da imensidão
os versos de eleição: A Poesia

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:55AM (UTC)

As contrariedades da simbologia automóvel

Saturday, January 05, 2008

O automóvel, vulgo carro, foi e por certo será por muitos mais anos o meio de transporte de eleição das sociedades ocidentais. É prático, oferece alguma liberdade na movimentação quotidiana dos habitantes das polis, e salvo algumas, agora muito mais frequentes excepções, é fácil de estacionar, pois os parques citadinos começam a abundar. No entanto, por certo que nunca poderá ser o meio do futuro, o meio das metrópoles das novas gerações, e todas as cidades cujos arquitectos, urbanistas e políticos camarários tiveram algum intento visionário na sua concepção, tiveram por certo de apetrechar tais urbes com o transporte da multidão, do público, dos cidadãos.



Uma carruagem do metropolitano pode, em situações de pleno conforto aos seus ocupantes ter pelo menos cinquenta passageiros; no mesmo espaço, caberiam quatro veículos automóveis, que em média nas cidades devem conter dois passageiros, o que dará oito cidadãos. As cidades visionárias têm de ser concebidas para o futuro e imagino, eu, mente por vezes sectária e ortodoxa, outras vezes sonhadora e visionária, as cidades do futuro super populosas, onde por certo o automóvel nunca terá lugar de existência. Observemos grandes metrópoles como por exemplo, Nova Iorque, Hong Kong, Xangai, e vemos o quão importante é o transporte colectivo. Em Nova Iorque, onde a política americana para o transporte público durante muitos anos se limitou ao sector urbano, o transito por certo, nunca lá estive, é literalmente caótico, e os meios de transporte público nunca publicitados nos meios cinematográficos, são raros e os que existem face à tecnologia da nação em causa são deficitários. Já em Hong Kong, cidade que gostaria de visitar um dia, parece-me que dada a elevada densidade populacional, foi uma cidade com projecção futurística, onde

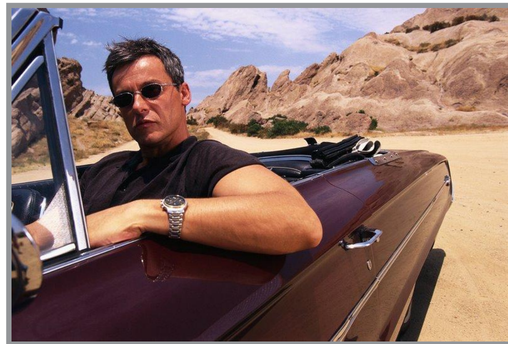


o transporte colectivo foi uma grande aposta. Creio que essa mistura étnica e tecnológica entre saber colonial britânico e espírito regrado de trabalho Oriental deve ter proporcionado aos arquitectos de Hong Kong fazerem uma metrópole moderna e de futuro. O mesmo, creio, pode ser aplicada às grandes urbes do Oriente, cidades hiper populosas, onde o número de habitantes é enorme dada as suas dimensões, não se podem dar ao luxo que os seus cidadãos tenham cada um automóvel para irem onde quiserem. Se os chineses usam muito a bicicleta, não é por certo por razões ambientais, pois o crescimento económico de tal nação não pode ser suportado com restrições de tal ordem, o ambiente é secundário; foi antes por questões de pragmatismo urbanístico. Onde caberiam tantos automóveis em cidades tão populosas. E o mesmo talvez se aplique à América Latina.

Estou perdido nos pensamentos ao me aperceber que na realidade a densidade populacional de Pequim é na realidade inferior à de Lisboa, bem agora perco razão ao que digo, mas por certo está relacionado com a área muito superior do distrito de Pequim. E o mesmo a Hong Kong. Mas eu, nesta pequena missiva que faço sobre a simbologia automóvel quero ficar perplexo, com as contrariedades engraçadas dos apetrechos do carro, por isso mudo o estilo da escrita, torno-a mais sublime, mais poética, uma espécie de prosa-poética em homenagem a todos os mágicos adereços que os automóveis das cidadelas do Ocidente podem comportar, desde o contrário travão-de-mão; quão estranha é esta peça de auxílio à paragem do veículo que utilizamos quando estacionamos a viatura, pois para travar, para parar, elevamo-lo, erguemo-lo, fazemo-lo subir e depois de erecto trava o carro; não é por certo este fenómeno contrário à razão carnal e humana. E mudanças, porquê sempre cinco na maioria dos automóveis? E o que mais me intriga é o escape, esses jovens sempre prontos a quitarem, a apetrecharem as suas viaturas com imponência e realce, colocam aqueles espessos escapes, firmes, hirtos, que deitam o fumo queimado pela combustão do veículo, o escape, que situado na traseira do carro, e largando dejectos do automóvel, tem uma simbologia um pouco estranha, lembrando os despojos de uma criatura rápida, célere, em movimento. Mais uma contrariedade da figura automóvel.

O motor, é o coração, é a máquina vital à aceleração da viatura, promove a inércia, faz com que esta máquina divina obedeça à lei da variação de velocidade postulada pelo mais grandioso físico Britânico com nome de semita. O motor, a peça chave desta máquina de movimento, é por vezes poluente e trágico aos olhares das polícias rodoviárias. Para esses jovens rebeldes que adulteram as suas viaturas com o intento de as tornarem mais poderosas, o motor está obviamente relacionado com a força motriz, com o impulso, com o vigor humano, com a força dos seus músculos, com a potência da sua fértil verga. É por isso que vejo essas rivalidades entre imbecis e inconsequentes moços, com as suas viaturas quitadas, em competição por nada, e quando as miúdas estão por perto, o desejo de auto afirmarem a sua virilidade aumenta, aumentando consequentemente a profundidade do pedal do acelerador das suas máquinas motrizes.

Os faróis são os olhos, os piscas são os braços que acenam e cujas mãos levantam o polegar, ou os piscas são simplesmente os olhos a piscar. Numa bela donzela, voluptuosa, os faróis, tal como refere o mais vil calão dos bairros degradados, os faróis



são por mais que evidente as suas duas protuberâncias que lhe embelezam a estatura, e quando nos máximos, enchem e encadeiam de desejo o mais celibatário dos transeuntes.

As portas serão os braços, que se abrem e podem dar asas para voar; quantas imagens vemos nós em desenhos animados de automóveis, estes esvoaçando na atmosfera, com as portas a suportarem tais diferenças locais de pressão atmosférica, que permitem qualquer ave voar. Os pés e as mãos são as rodas; se o coração é a fonte da motricidade, os pés são o meio pelo qual essa mesma força é transferida, e o qual entra em contacto com o solo. A sola dos sapatos, são os pneus, que providenciam a aderência, a suavidade ou a rigidez do contacto com a superfície.



E tal como os jovens da metrópole se exibem com as suas máquinas infernais de vigor, potência, força, esse aparato que é não mais que uma mescla de tecnologia nos campos da mecânica, electrónica e aerodinâmica; gostam também de embelezar as suas máquinas de movimento, colocam-lhes autocolantes, e fazem pinturas peculiares, como o belo galã que se veste bem, e coloca aqueles pequenos detalhes de realce na sua já cara indumentária, também estes lhes colocam luzes, para atrair as atenções visuais das redondezas por onde vagueiam, normalmente à noite. E como não poderia deixar de referir o campo do audível, enchem tais maquinetas andantes com os sistemas de som mais potentes e encarecidos que o mercado automóvel alguma vez observou. Tal como o alegre e divertido negro passeia na praia com o rádio sobre o ombro, tradição um pouco já esquecida com o advento do MP3, também os rapazes do *xuning* adoram vaguear pelas ruelas das metrópoles e fornecer variações de pressão atmosférica à multidão, muitas vezes não requisitada, e muitas mais vezes nada melódica, limitando-se na maioria dos casos a meras batidas de música electrónica. Sonho em ter tais aparatos de tecnologia, mas para ouvir a terceira Sinfonia de Beethoven para piano. Isso sim é de louvar! Aliás, a música dita clássica, deveria dizer-se erudita, é a mais internacional de todas as músicas pois não tem letras, apenas sons, e a melodia é poética e muito mais rica do que quaisquer ritmadas citadinas.

O carro, mobilidade, tecnologia, conforto, decadência, desconforto grupal, uma tragédia ao colectivismo urbanístico, belo, pessoal, diz muito sobre a personalidade de quem o tem, desde a cavalagem à aparência exterior; desde o delinquente que tem o carro mais podre do mercado que mal anda, ao político abastado que anda nos topos de gama das marcas da indústria automóvel; diz muito sobre o indivíduo.

O carro, inimigo da nação humana, dado o combustível que consome, vejo quantos meios de transporte são construídos por esses continentes fora, por esses mundos, e tantos milhões dedicados a auto-estradas, a via rápidas, a estradas e estradecas, a ruas e ruelas rodoviárias. Quantos já morreram dentro de um automóvel, quantos morrem diariamente, em todo mundo dentro de um automóvel por velocidades que por certo

estão relacionadas com paragens cárdio-respiratórias: Muita tensão, e o carro imove-se, má condução e o veículo pára para a morte. Quantas tragédias por esse mundo fora em torno do automóvel? Quantos milhões dispendidos no seu aperfeiçoamento? Quantas guerras foram travadas pelo combustível que consome, desde os continentes de África até ao Oriente Médio? As guerras e as tragédias em homenagem ao veículo automóvel.

E tudo começou com o advento daquele senhor industrial que mecanizou a sua produção em linha, nos princípios do século vinte. Desde então nunca mais parou em todo o mundo, e se tal crescente não parar, ou se pelo menos não regredir, haverá por certo o caos humano do planeta Terra, em termos ambientais e civilizacionais.

O carro belo, esbelto, perfeito e imperfeito!

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:18AM (UTC)

Haiko

Saturday, January 05, 2008



Os pássaros cantam
As árvores que os acolhem
Suas flóreas ramagens
-
As folhas no chão
O Outono parece, tardou a vir
As árvores desnudas
-
Um pátio vazio
Folhas no chão: É Inverno
Escrevo no frio
-
Dois bancos alinhados
Um pátio de antigas Oliveiras
Duas belas donzelas
-
O tempo é ameno
Os pássaros cantam no Inverno
Alegria e felicidade
-
Um velhote passeia
Aprecia, deleita-se com a idade
O requinte da vida
-
O jogo do galo
dos antigos tempos de menino
Antigas memórias
-
Coordenadas geográficas
Do banco do jardim que escrevo
Algures Norte, Oeste
-
Piso o alcatrão

Como as folhas do Outono
neste ameno Inverno
-
As árvores nuas
que Desejo, sensual e emotivo
neste ameno Inverno
-
Os braços acolhem as aves
As aves entregam-se e encantam
As árvores engrandecem
-
Um pátio onde escrevo
Dois bancos e umas flores
As crianças brincam
-
A noite aproxima-se
As crianças soletram palavras
O novo ano está perto
-
O novo ano da harmonia
São horas de abraçar a alegria
A poesia Oriental
-
Não relva, alcatrão
sob os meus parcos pés
Os pássaros alegram-se
-
Cantam contentes
Neste vale urbano de folia
O silêncio aproxima-se
-
A alegria aproxima-se
O reencontro com a Natureza
Cresço com o ano Novo
-
O ano Novo está perto
O solstício do crescente
Os pássaros cantam em árvores desnudas
-
João Lopes Ferreira
31/12/2007

algures num pátio nos Olivais

Posted by João Pimentel Ferreira at 02:51AM (UTC)

Embriaguez

Saturday, January 05, 2008

Embriagado, assim estou eu
Vagabundo em terra natal
Pratico o bem e faço o mal
Sou cão vadio que padeceu

De patologia de quem sofreu
Por um Amor mais infernal
Por uma carícia divinal
De um abraço de quem foi réu

Este pretérito singular
Se na pessoa for o terceiro
Se não evoca o verbo Amar

Pronome pessoal, é o primeiro
Aprendo assim eu a rimar
De último, sou pioneiro

_____
Posted by João Pimentel Ferreira at 02:49AM (UTC)

A Verdade Verdadeira

Saturday, January 05, 2008



A criação divina criou a verdade, a verdade, a verdadeira, aquela una, indivisível, inalterável, supra humana e supra nacional, supra animal, que transcende a própria existência do Homem enquanto ser pensante. A Verdade, crua, nua, desnuda, despida dos preconceitos que o bom senso e a moral impõem. A Verdade, insocial, apolítica, filosófica, divina, a Verdade, apenas, e simplesmente verdadeira, aquela que todo o ser dotado de alma anseia, perscruta, procura, e vasculha através das infindáveis fráguas do cosmos, as estrelas, os buracos profundamente obscuros e carentes de amor e de massa gravítica. A Verdade Verdadeira, o duplo V proscrito na língua lusa, no entanto adorado pelo mundo. Aquela veracidade, verdadeira, verosímil que evoca o verbo dos meus verborreicos versos e prosas. O Verbo verbalizar, versa com o averbar. O V, quinta letra da numeração romana, vigésima primeira do alfabeto português e vigésima segunda do alfabeto dito latino, duplo V, vinte e dois, número transcendental e sagrado, esotérico e puro, a repetição do primeiro número par não nulo. Visto a verdade que me veste de veracidade, vejo a primeira vez, a PrimaVera, e nasço na segunda vez, no Verão. Verbalizo o verbo ver. O V, o falo invertido, antítese do A.

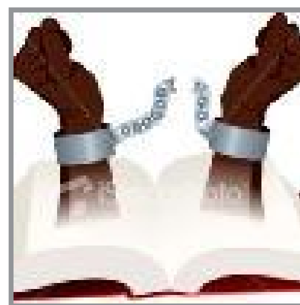


VÁ meus caros, vede a Verdade Verdadeira

Posted by João Pimentel Ferreira at 02:28AM (UTC)

Libertação literária primordial

Tuesday, January 01, 2008



Sou o escravo acorrentado
Sou o cão açaimado
Sou Falcão engaiolado
Sou o Poeta mais amado

Sou a Moura amordaçada
Sou a luz na alvorada
Sou a caneta rejeitada
A Rainha desprezada

Prisioneiro enclausurado
Sou a infância rejeitada
Experiência de iniciado
Sou a mágoa renegada

Sou o Mundo e a Paixão
Não sou nada, nem Ninguém
Sou Tudo, o coração
Rejeito o terreno e o além

Procuro a livre Liberdade
A Catedral grande, Imensa
A sexta-feira da Saudade
Renasço em Milão, Florença

Liberta-te destas correntes
Conta do sete até ao nove
Vê Deus quando o mundo chove
Ama laicos, ama crentes

Diz a verdade quando mentes
Porque o debaixo, sempre sobe
O Equilíbrio do regente nobre
Ama o espelho, se algo sentes

Ama a mulher, a tua próxima
Adora-a, e venera-a
Ama-la: A tua máxima

Sê a prima, a prima vera
Rejeita a mágoa, a falácia
Sê o manso e sê a fera

___

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:17PM (UTC)

The western kingdom

Friday, December 28, 2007

And the western king said to his advisor....
What about Africa?
Shall we give them freedom?
Shall we give them aid?
We shall give them both.
We shall give them aids.

-

And the western king asked to his advisor....
What about Asia?
Shall we give them freedom?
Shall we give them aid?
We shall give them none.
Let's give them the throne.

-

And the western king said to his advisor....
What about Europe?
Shall we give them freedom?
Shall we give them aid?
We shall give them both.
As long as they pay.

-

And the western king said to his advisor…
And the Middle East?

Shall we give them freedom?
Shall we give them aid?
Let’s give them nothing
Let’s release the beast

-

And the western king said to his advisor…
What about Japan?
Shall we give them freedom?
Shall we give them aid?
We shall give them trust
But atoms come at first

-

And the western king said to his advisor…
And Iraqi people?
Shall we give them freedom?
Shall we give them aid?
We shall give them bullets
We shall give them fate

-

And the western king said to his advisor…
What about ethics?
What about moral?
What about religion?
Let’s ignore all
Let’s evoke freedom
Let’s evoke the kingdom
Let’s evoke liberty
Let’s reject purity
Let’s evoke insanity
Let’s evoke happiness
Let’s reject sadness

-

Cause moral is nothing
Perceptions mislead
Religion perceive
The life constraints
Moral, just pains

-

Let’s burn those infidels
Let’s reborn, see the cradle

-

What about the world?
What about humanity?
What about the specie?
Were that in vain?
Was that just pain?

-

Let’s bring our souls
From heaven to earth
Let’s sing, let’s flirt
Let’s enjoy life
Let’s reject Christianity
Let’s reject that creed
But we shall feed
Freedom and Fraternity
Let’s mislead equality

-

We’re nothing than flesh
Let’s live life, fresh
Vigour, strength, Power
Harmony, my flower

-

Am I a cow? Am I a coward?
Am I a Buddhist? Am I altruist?
Cause the Western king
is ferocious, and is mild
Shall we enjoy the green field?
Shall we enjoy harmony?
Shall we enjoy lust?
Shall we evoke trust?

-

We shall give them all
Let’s give them agony
Let’s give them nothing
And then we set them free
So they, the light will see

Posted by João Pimentel Ferreira at 03:04PM (UTC)

O espírito natalício

Monday, December 24, 2007

É muito interessante observar todas estas panóplias em torno de umas das maiores festividades que o homem celebra desde tempos ancestrais. Pois meus caros amigos, rejeitem toda esta cultura judaico-cristã que se instalou nas nossas sociedades ocidentais.

Por certo, ou melhor, não o sei ao certo, mas o Natal remonta a tradições muito mais ancestrais que o próprio nascimento do judeu crucificado. O Natal, que é celebrado no dia 25 de Dezembro, tem uma proximidade temporal muito interessante com o solstício de Inverno, o dia mais curto do ano, e a partir do qual os dias começam a crescer. Povos antigos ancestrais sempre celebraram o Natal, como festividade essencialmente astronómica. Diversos cromeleques e distrbuições de pedras regulares, assinalam os principais pontos temporais da terra na sua trajectória em torno do Sol; podemos observar tais monumentos em diversos pontos do globo. Sendo assim, o Natal parece-me a mim que foi um ritual roubado por cristãos e judeus aos pagãos antigos para retirarem o devido proveito.

Observemos a azáfama em torno dos centros comerciais e como comerciantes esfregam as mãos durante a época natalícia tais os lucros avultados que daí obtêm, e até o próprio estado democrático seguiu tais pérfidos passos na procura do lucro ao instituir o subsídio de Natal ao trabalhador assalariado. Na Alemanha, na Hungria e em muitos outros países desenvolvidos não existe tais subsídios de incentivo ao consumo.

Também a Santa Igreja se apoderou destas práticas pagãs, para celebrar o nascimento do seu menino. Houvi em tempos, algures, que Jesus teria nascido no verão, pois como celebramos então o seu nascimentos no Inverno? Mais um furto dos ritos antigos, das tradições ancestrais, dos cromeleques distribuídos por esse mundo fora que há milénios assinalam os solstícios astronómicos.

Que quero eu comemorar então? Quero comemorar o renascimento, visto que dia 21/12 é o mais curto do ano, é a lua nova terrestre, espero agora crescer, e espero crescer convosco meus amigos e contactos do Hi5, espero crescer, tal como crescem os dias, tal como cresce o angulo do sol ao meio-dia solar na sua trajectória diária, espero crescer convosco meus amigos, e aproveito esta quadra para nutririr dos primordiais sentimentos de harmonia, paz e tranquilidade, que devem sempre reger o dia mais curto do ano, o dia da pacificidade, o dia do conforto familiar.

Rejeitemos o São Nicolau, os seus trajes avermelhados pela CocaCola, rejeitemos a comercialização económico-financeira do natal, rejeitemos a missa do Galo cristã, rejeitemos até a antiga tradição do bacalhau (inventada quem sabe por pescadores portugueses de bacalhau do mar do Norte) e espero passar convosco meus caros amigos, um Natal tranquilo, em paz e harmonia, sentimentos que devem fazer parte desta efeméride astronómica.

Gosto do Natal, sempre tive boas recordações do Natal, sempre revi familiares que não vira por outras alturas do ano, sempre guardei do Natal um espírito de harmonia, paz e de reencontro.

E é tudo isto, e apenas isto, que quero nutrir.

Posted by João Pimentel Ferreira at 11:00PM (UTC)

Ímpetos dunares com uma eslava fecunda

Wednesday, July 12, 2006



Cara Noémia
Provam estas amargas sensações, que a propaganda cinematográfica que aliena os jovens incrédulos e desesperados, não tem o mais ínfimo traço de realidade. A bondade que te transmiti, os louvores que te dediquei, os favores com que me esforcei, aquilo com que me dediquei, prova que as sábias palavras dos doutos e mui filantrópicos senhores que fazem dos media o meio para alienar as massas com as suas doutrinas do bem, não se podem aplicar à fatalidade do nosso caso. Usaste-me e abusaste-me quando o que nutria por ti, se encontrava nos antípodas do desprezo e dos ímpetos humilhantes.

Mas os olhares
Se me sonhares
São o mundo
do azul profundo

Foste a minha Nazarena

____

Para que todos o saibam, teço estas palavras como sinal memorativo de sensações pretéritas, pois no presente momento sou amo e vassalo da minha amada, sou pajem e senhor, subalterno e tutor, discente e docente, mestre e aprendiz da minha amada e mui acarinhada Nádia

Posted by João Pimentel Ferreira at 01:00PM (+01:00)

Nano-tratado poético sobre um esbelto semblante Helénico

Wednesday, July 12, 2006

Enquanto obtinha há alguns anos a foto desta beldade Helénica, que por acaso encontrei no espaço cibernético, questionei-me sobre a numerologia e a simbologia associada aos símbolos dos logótipos. Não quis profanar a imagem desta bela mulher grega, pelo contrário pretendi deificá-la com uma métrica e rima ancestrais cuja abrangência geográfica fosse ampla e vasta, e que conseguisse conciliar o arcaísmo das terras e dos povos por vezes esquecidos no espaço-tempo da relatividade restrita. Ando a ler as teorias da relatividade restrita elaboradas por um clérigo e fico maravilhado como um homem que consagra o divino conseguiu tecer tais façanhas abstractas da

razão humana, que muitas vezes se encontram nos extremos opostos dos ímpetos afectivos do homem e da mulher. É que o divino consegue a conciliação com a razão pura; nem Deus renega a razão, nem um homem estritamente racional pode evocar fundamentos racionais para renegar Deus. Deus são Dois num só. A razão e a sensação. Se os pedreiros livre Ingleses acharam por bem associar o seu Deus à bondade, pois God is Good, já os iniciados do sul associaram Deus à dualidade, pois Deus é Dois, Deus é mulher, é feminino, é passivo. Pois se Deus é mulher, talvez tenha um semblante Helénico tal como estava descrito na imagem desta formosa mulher grega que em tempos observei...



Por ti bela Anastácia
Cedia a Anatólia e a Trácia
Vendia o mundo aos Persas
As nossas mãos imersas
no desejo da conturbada
guerra indesejada
Para ti, é pequena a Prússia
Vendia todo o Leste e a Rússia
Incendiava aqueles Unidos
Todos eles assim perdidos
Vendia-me a mim e este corpo
Que sem ti, de vivo é morto

Para que todos o saibam, teço estas palavras como sinal memorativo de sensações pretéritas, pois no presente momento sou amo e vassalo da minha amada, sou pajem e senhor, subalterno e tutor, discente e docente, mestre e aprendiz, subordinado e mentor da minha amada e mui acarinhada Nádia
Posted by João Pimentel Ferreira at 12:00PM (+01:00)

Memórias de um dócil ritual edénico

Tuesday, July 11, 2006

Há dias serenamente contemplei
bela e elegante transalpina.
Intriguei-me com a delicadeza: da mais fina
Questiono-me o que amanhã lhe direi

De certo, jamais me perdoarei
se não aniquilar esta nefasta sina
de quem ama, não possui, só rima
Não sei se o que quero fazer o farei

Pedem-me o Universo como dote
Despojo-me! De bom grado o darei

A sua ausência, não há quem suporte.

Resigno-me, perplexo, não sei o que sei
Apenas sei que a Paixão é mais forte
por Eva, que aqui vigorosamente elevei



____

O que digo não se escreve
O que escrevo não se diz
Pois se olhardes o que fiz
Pesado foi: tornou-se leve.

E esta paixão!? Que se eleve!
Que a consuma, para ser feliz
Quererei, aquilo que quis?
O meu ego, o divino teme.

Então porque a anseio eu?
Porque se incrusta na minha mente?
Amo apenas o que se perdeu

O outrora, o inteligente
E tal Julieta, tal Romeu
Amo a Eva ardentemente!

____

Texto pseudo-poético redigido no exacto dia de 11 de Julho de 2006, poucos dias depois de ter conhecido uma bela, inteligente, esbelta e formosa italiana de uma cidade chamada Udine em Itália com o nome Eva.

Foi mais uma daquelas paixões eloquentes e quase efémeras que me inspiraram a tecer estes dois sonetos. A qualidade métrica e poética mensura-se também pela intensidade apaixonante que nutrimos por alguém num dado momento.

Mas prefiro a minha doce e terna Nádia. Pacata, terna, carinhosa, entrega-me tudo de bom, faz-me feliz e regozija-me nutre-me com um afecto inigualável. Confesso que estou enamorado e deveras apaixonado pela carinhosa Nádia com a qual consegui enlaçar-me de uma forma pacata, amical, tranquila e serena.

O texto que aqui coloco foi apenas uma marca do passado, mas que tem alguma qualidade poética que não queria que se desvanecesse no tempo, dada a inspiração que me nutriram aqueles instantes...

_____

Posted by João Pimentel Ferreira at 12:00PM (+01:00)


0101037243


SharedBook®

amor por mero acaso. Surgiu-me esta ideia sublime de te escrever. As minhas idiossincrasias vivenciais contigo fazem-me adorar-te a cada dia. Adoro-te cada vez mais. Amo-te intensamente. És a minha musa inspiradora, que me instiga a escrever e a tecer os versos mais belos e exaltados. Não imaginas o quanto eu te amo. Escrevo esta sublime carta comemorativa do nosso aniversário de namoro, por forma a realçar e a fortalecer os laços fortes que nos unem. És voluptuosa, és vigorosa, és luxuriante e fisicamente muito atraente. A tua silhueta feminina enquadrar-se-ia naturalmente numa dessas revistas tão afamadas e populares no público masculino. Tens uns contornos divinais e angelicais. Tens uns dentes alvos e belos e uns seios atraentes. O teu semblante é maravilhoso. E como forma de complementar todas estas virtudes do foro físico, tens qualidades intelectuais enormes, como ser boa companheira, uma boa companhia uma boa e cordata amiga e namorada; és calma, cordata, sensata, amistosa e tens gestos amicais enormes. Transmites-me uma tranquilidade e uma serenidade inigualáveis. Resumindo, diria num único adjectivo, que és uma mulher adorável. Espero muito sinceramente que este seja o primeiro de muitos anos juntos, e que os nossos laços enquanto companheiros amorosos se fortaleçam a cada dia que passa. Aproveito ainda para te parabenizar pelo teu trigésimo aniversário. Muitos Parabéns meu amor, amo-te muito.

15/2/2010

Com muito amor

O teu apaixonado

(2)